

JANE CHRISTINA PEREIRA

**ESTUDO CRÍTICO DA BIBLIOGRAFIA SOBRE JOÃO
ANTÔNIO (1963 - 1976)**

JANE CHRISTINA PEREIRA

**ESTUDO CRÍTICO DA BIBLIOGRAFIA SOBRE JOÃO
ANTÔNIO (1963 - 1976)**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de Assis, para obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Concentração: Literaturas de Língua Portuguesa).

Orientadora: Dra. Ana Maria Domingues de Oliveira

ASSIS

2001

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Pereira, Jane Christina
P436e Estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio (1963-
1976) / Jane Christina Pereira. Assis, 2001.
167f. + anexos

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Ferreira Filho, João Antônio, 1937-1996. 2. Literatura
Brasileira- História e crítica. 3. Prosa brasileira. I. Título.

CDD 869.909

DADOS CURRICULARES
JANE CHRISTINA PEREIRA

NASCIMENTO 30.04.1974 - Salto Grande/SP

FILIAÇÃO João Pereira Netto
Maria Borges Pereira

1994/1997 Curso de Graduação
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
UNESP - Câmpus de Assis

1998/1999 Professor de 1º Grau de Língua Portuguesa
Instituição Estadual de Ensino

Aos meus pais e irmãos, sempre amáveis.

Aos meus amigos de república que carregam a
chave secreta da alegria.

À memória do escritor João Antônio Ferreira Filho.

Agradecimentos

À Professora Doutora Ana Maria Domingues de Oliveira, pela orientação segura, pelas valiosas contribuições e acima de tudo pelo seu lado humano, minha eterna gratidão.

À Professora Doutora Tania Celestino de Macêdo e ao Professor Doutor Antônio Roberto Esteves, pelas relevantes contribuições e pelo cuidado demonstrado na leitura deste trabalho, por ocasião do Exame de Qualificação.

À FAPESP, pelo financiamento da pesquisa.

Enfim, agradeço a todos que me apoiaram e contribuíram, direta ou indiretamente, na elaboração deste trabalho.

"Uma literatura que conjuga indissoluvelmente grandeza estética com um profundo espírito popular e democrático."
(Aguinaldo Silva)

"João Antônio é um clássico velhaco."
(Marques Rebelo)

PEREIRA, J. C. *Estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio (1963 - 1976)*. Assis, 2001. 167 p. + anexos. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista.

RESUMO

Entre o vasto material depositado no “Acervo João Antônio” desta faculdade, a bibliografia sobre este (1963-1996) foi o alvo deste estudo. No processo de pesquisa, tendo em vista a preservação da memória cultural, os textos bibliográficos foram recontextualizados num arquivo adequado ao manuseio do pesquisador. Num segundo momento, visando a avaliação da recepção crítica das primeiras quatro obras de João Antônio, os textos resenhados e analisados datam de 1963 a 1976. A análise mostra que, João Antônio, mesmo tendo sido vítima da sua auto promoção e, portanto, tido sua obra muitas vezes esquecida em detrimento da grande especulação da sua vida pessoal, a crítica, no geral, apresenta argumentos positivos suficientes para realçar o seu valor no panorama da literatura brasileira.

Palavras-chave: memória cultural - bibliografia sobre João Antônio - crítica em jornal

PEREIRA, J. C. *Estudo crítico da bibliografia sobre João Antônio (1963 - 1976)*. Assis, 2001. 167 p. + anexos. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista.

ABSTRACT

The major part of studies about João Antônio is found published at newspapers. This study emphasizes the bibliographic material about the writer found at "Acervo João Antônio" at this campus. During the research process, with a goal of preserving the cultural memory, the bibliographic texts were photocopied in a proper file, so the researcher could handle it in an easier way. After that, viewing an evaluation of the reviewer's reception about the first four works by João Antônio, the texts from 1963 to 1976 were summarized and analysed. The analysis shows that, although sometimes João Antônio had more people speculating on his life than studying his work; the author was, in general, well accepted by the reviewers. Thus, these reasons are strong enough to underline the value of his work at Brazilian Literature outline.

Key-words: cultural memory - bibliography about João Antônio - reviews by newspapers

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. Descrição do material.....	17
3. João Antônio em perspectiva.....	50
4. Considerações finais.....	72
5. Bibliografia comentada.....	76
6. Categoria dos textos.....	151
7. Levantamento numérico dos textos.....	152
8. Levantamento numérico dos textos ano a ano (1963-1976).....	152
9. Índices	
9.1. Índice alfabético de jornais.....	153
9.2. Índice alfabéticos de autores.....	158
10. Bibliografia.....	164

ANEXOS

1. Indexação dos textos originais.....	172
2. Indexação dos textos fotocopiados.....	447

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que a literatura muito contribui para a formação histórica de um povo, sua cultura, seus valores e a definição de sua identidade. No entanto, o Brasil, que é um país rico em produção literária, possui uma lacuna no que diz respeito à valorização da memória nacional. Em se tratando de crítica literária, torna-se impossível traçar um panorama desta, pois não possuímos instrumentos para isso: não temos, por exemplo, um órgão especializado em cultura, que apresente arquivos já sistematizados de documentos bibliográficos sobre autores brasileiros.

Quando nossas agências financiadoras de capacitação de pessoal cobram uma velocidade de pesquisa semelhante à das universidades de outros países, em momento algum se pensa, ao menos na área de humanidades, nas condições precárias de trabalho que enfrentamos no acesso a informações relativas a fontes, inclusive bibliográficas.

A precariedade de obras de referência, no Brasil, é absurda, sobretudo se considerarmos a quantidade de centros que já possuímos, de fundações de cultura, de museus, de arquivos e de bibliotecas.

A despreocupação em reunir num mesmo local tal documentação, além de prejudicar a preservação da memória do Brasil, e conseqüentemente a da crítica literária, aparece como um entrave ao trabalho dos estudiosos da área. Estes, ao tentarem encontrar material necessário à sua pesquisa, vagam pelas bibliotecas, procurando, aleatoriamente, em periódicos e fichários de livros, algum material que lhes possa ser útil. Além disso, dificilmente aquilo de que precisam existe

num mesmo local e de forma sistematizada. A descrição do problema mostra que há muito o que fazer no campo de documentação bibliográfica e que trabalhos nesta área pedem urgência na sua realização. Creio que esta poderá ser a vocação de muitos dos nossos centros de documentação e memória, neste começo de século e de milênio. É uma linha de trabalho que temos o dever de desenvolver, para que seja possível executar pesquisas de qualidade, aumentar a quantidade de trabalhos e até mesmo para acelerar os prazos em que serão executados. Serão prazos muito menores, com certeza, e com um aumento incomparável da qualidade das informações trabalhadas.

Tendo tal reflexão como primeiro estímulo, comecei a levantar e organizar dados para meu trabalho com documentação bibliográfica referente à obra de João Antônio. A maior parte de títulos sobre ele foi publicada em jornais e revistas. Tais textos foram reunidos pelo próprio autor e encontram-se armazenados no Arquivo João Antônio desta faculdade. Trata-se de uma saleta que abriga móveis, discos, livros, periódicos, correspondências, enfim uma variedade de pertences do autor. O contato com tudo isso nos leva para o mundo do mistério e do maravilhoso, onde história e memória são os atores principais de um longametrage chamado arte. Habitar o passado se torna mais do que uma expressão metafórica quando nos situamos em meio a todo esse material. É o desvelamento das marcas preciosas deixadas pelo processo de criação; é o desvendamento da relação peculiar do indivíduo, João Antônio, com seus documentos e até mesmo com o seu cotidiano. Um cotidiano, como já citado, marcado por uma preocupação em preservar a fortuna crítica sobre sua obra. Esta atitude tem, a meu ver, duas conseqüências importantes: uma teórica e outra prática. A primeira se

relaciona com a evidência da valorização que o autor atribuía ao trabalho com documentação bibliográfica, a segunda tem a ver com a diminuição da primeira etapa do meu trabalho, que seria a busca aleatória de textos em arquivos de jornais, revistas, bibliotecas etc.

João Antônio reuniu, ao longo de sua vida, em 52 pastas, cerca de 3000 textos variados, a maioria crítica sobre sua obra. Numa atitude favorável à preservação dos documentos, João Antônio os colou em folhas de papel jornal e afixou, entre estas e as presilhas de metal que as prende, embalagens seu cigarro. Na maioria das pastas ele colocou uma ficha na parte frontal, identificando as obras das quais tratam os textos. A preocupação de João Antônio em preservar, também, as referências bibliográficas desses textos é evidente pelo resgate que fazia destas, a próprio punho, quando não apareciam impressas.

Essas pastas revelam uma maneira assistemática na sua organização interna, pois além da ausência de qualquer ordem, os documentos são variados: recibos de editoras, telegramas, bilhetes e cartas, folders de concursos de contos, cartazes anunciando noites de autógrafo, listas dos livros mais vendidos, jornais inteiros, alguns títulos de autoria de João Antônio, muitos textos críticos repetidos e distribuídos pelas diversas pastas, etc. Mas, é justamente essa assistemática que nos revela as marcas e os critérios afetivos do escritor, que também são valiosos para o estudo de fontes primárias. Tal valor a essas fontes também parecia fazer parte do pensamento de João Antônio, que persistiu nesse trabalho de armazenamento de documentos até o ano de sua morte, demonstrando, nesse caso, uma postura sistemática.

A partir desse material comecei, então, o processo de organização dos textos, tendo como finalidade um arquivo disponível ao manuseio dos pesquisadores.

Num primeiro momento deste processo de organização, decidi que a indexação dos textos seria importante para que o pesquisador tivesse, também, acesso ao critério de organização utilizado por João Antônio.

Nesse contato com os textos pude perceber que alguns trechos dos mesmos se apresentavam ilegíveis devido a dobraduras e envelhecimento¹. Apesar destas primeiras constatações seguidas do intuito, já citado, de organizar um arquivo para o estudioso do autor, comecei a fotocopiar todos os textos. Esse trabalho exigiu além de muita atenção – os textos teriam que permanecer na ordem original – muito cuidado – o papel, em muitos casos, estava se desfazendo. A cautela foi a mesma ao recolocar texto por texto em suas respectivas pastas, que por uma questão de controle pessoal meu, já haviam sido enumeradas.

Dando continuidade ao trabalho, me empenhei no processo de organização dos textos fotocopiados, que consistiu em recorte e colagem, e requerendo atenção sempre voltada para os originais. Esse cuidado advém da heterogeneidade do suporte, já mencionada.

Nesta etapa, já havia conseguido separar muitos textos repetidos e outros que não se enquadram entre os de crítica. Neste momento do trabalho, o total destes últimos somava aproximadamente 1500 títulos. Porém, o número exato de textos críticos e a tarefa de organização definitiva que constituiria o arquivo disponível à pesquisa só foi possível a partir da resenha de cada um deles.

¹ Devido ao mau estado de conservação dos periódicos, as referências aos textos nem sempre trarão informações completas.

As pastas contendo as fotocópias permaneceram organizadas segundo a disposição dos textos originais, até que eu concluísse a próxima etapa: valorizando a tarefa primeira do escritor, enumerei todas as fotocópias, seguindo respectivamente a ordem pasta-texto. Dessa forma, o pesquisador terá um arquivo organizado de modo a facilitar o seu trabalho, sem perder de vista o espaço emotivo da seqüência dos textos organizados por João Antônio. Isto será possível, pois, como já citado, o estudioso deste terá disponível o índice de todo o material original, podendo, assim, tecer suas comparações quando preciso.

Na escolha do melhor critério que utilizaria na ordenação dos textos fotocopiados, em contato com especialistas no assunto, optei pela ordem cronológica dos textos, os quais coloquei em pastas apropriadas para a armazenagem dos mesmos.

Trata-se de uma pasta contendo textos sem data, quatro armazenando textos variados, ou seja, títulos que não se enquadram em nenhuma das categorias criadas (explicitadas adiante) e, enfim nove pastas abrigando os textos pesquisados. Tais pastas encontram-se devidamente etiquetadas por ordem cronológica. A vantagem da organização se apresentar segundo um critério cronológico é que esta abre a possibilidade da verificação dos momentos de maior recepção do autor João Antônio e/ou sua obra.

Continuei no esforço em delimitar o corpus da minha dissertação. Como já previsto, o número exato dos textos críticos e a organização definitiva que constitui o arquivo disponível à pesquisa só foi possível a partir da resenha dos títulos. Assim, à medida que eu avançava no processo de leitura dos textos, mais dúvidas me vinham em relação ao acerto na seleção destes. Comecei a constatar

que muitos textos que, no processo prático da organização, me pareceram, ou pelo título ou pelos grifos do próprio autor, títulos críticos sobre a obra de João Antônio, não passavam de meras referências às suas atividades particulares ou profissionais. Diante de tal constatação, percebi que havia um descompasso entre a proposta do trabalho – pesquisa da bibliografia crítica sobre o escritor – e o material que se apresentava para mim até aquele momento. Decidimos, então, que seria feita uma segunda seleção dos textos, priorizando os que de alguma forma contribuíssem para o panorama crítico da obra joãoantoniana.

Concluída a organização definitiva dos textos, decidi fazer um recorte no período completo de publicação dos títulos (1963-1996), restringindo os textos a serem resenhados ao período de 1963 a 1976. Essa escolha foi baseada no intuito de avaliar a recepção das primeiras produções de João Antônio, que, além de aparecerem num contexto nacional, no qual as questões políticas, sociais e culturais se encontravam em conflito, tiveram dois momentos editoriais no mínimo curiosos. Esses dois momentos são: a publicação de *Malagueta, Perus e Bacanaço* em 1963, a publicação de *Leão-de-chácara* e reedição do primeiro, passados dez anos, ou seja, em 1975 e no ano seguinte, a permanência do sucesso editorial com *Malhação do Judas Carioca* e *Casa de Loucos*. Tal recorte também se determinou pelo tempo que teria para concluir o trabalho, sendo que a maior parte do período destinado ao desenvolvimento da pesquisa ficou comprometido com a organização do arquivo. Este é, no entanto, um tempo necessário, ao constatarmos que muitos objetivos já foram alcançados, pois já são cinco o número de pesquisadores que estão utilizando efetivamente ou que já utilizaram o

arquivo, bem como o material referente à indexação dos textos originais e fotocopiados , já encadernados.

Ainda descobrindo maneiras mais adequadas para se organizar uma obra de referência, durante o trabalho de resumo dos textos, percebi que estes se diferenciavam entre si, no que se refere à sua apresentação. Alguns se faziam a partir de temas biobibliográficos sobre João Antônio, já outros se apresentavam em forma de resenha crítica ou estudo da obra. Diante deste quadro, pensando mais uma vez na praticidade da tarefa do estudioso que fosse utilizar minha dissertação como fonte de pesquisa, criamos uma tabela de classificação para estes textos, um índice alfabético de autores dos textos do período 1963-1976 e um quadro com levantamentos numéricos dos textos por categoria e por ano.

2. DESCRIÇÃO DO MATERIAL

Na categorização dos textos resenhados, incluem-se os mais variados tipos que vão desde biobibliográficos relacionados a entrevistas (35 textos), reportagem (86 textos) e referência em coluna literária (17 textos), passando por resenhas críticas publicadas em periódicos, por ocasião do lançamento de obras (86 textos), até estudos mais elaborados que englobam ensaios e artigos em livros (3 textos) e em periódicos (14 textos). Trata-se de 241 textos referentes à obra de João Antônio, publicados no período de 1963 a 1976, sendo que, em 1963, foram editados 16 títulos, em 1975, 104 títulos, em 76, 95 títulos e, na fase sem publicação, que compreende um espaço de dez anos, entre 64 e 74, foram veiculados apenas 24 textos. Vale ressaltar que a descrição deste material se dará tendo em vista dois momentos: primeiramente os textos publicados desde 1963 até 1975, depois os publicados em 1976. Tal critério poderá servir para analisar, por exemplo, a mudança que João Antônio apresentou em seus *Malhação do Judas Carioca* e *Casa de Loucos*, nos quais a ficção perde terreno para o trabalho com fatos reais.

Quanto aos textos categorizados como reportagem, estes abordam a obra de João Antônio de maneira superficial, deixando os aspectos estéticos e sociais de lado, com o intuito de tratar apenas de dados biobibliográficos do autor.

As reportagens biobibliográficas funcionam como a contextualização das obras de João Antônio, tratando de anunciar os lançamentos e reedição destas. A partir desses textos informativos também temos uma visão de como andava a recepção, no que se refere aos prêmios recebidos pelo autor, à vendagem dos

livros e à crítica. Imanoel Caldas (*Jornal de Alagoas*, 29 nov. 1964), por exemplo, nos dá um panorama da recepção de *Malagueta, Perus e Bacanaço* (título original: *Aluados e Cinzentos*):

Começo do ano, quando fazia um retrospecto do movimento literário em 63, dizia eu: “Outro estreado é João Antônio, que nos deu o melhor livro de contos do ano, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, onde retrata o dia-a-dia dos bairros pobres de São Paulo “. E, ao dizer isso, estava com razão; o livro vendeu bem, o que justifica a sua premiação, em 62, com o Fábio Prado para livros de contos. Como justificativa para a escolha, disseram os Julgadores: “O realismo urbano paulistano ganha extraordinária vivência pela recuperação de tipos autênticos, pela dramática concepção, valorizada por profundos traços de lirismo da condição humana. João Antônio estilo extremamente equilibrado, justo na expressão e na forma, a refletir contudo, o imenso mundo aculturado da cidade cosmopolita com seus tipos universais e ao mesmo tempo típico do meio social influenciado pela experiência da imigração” (...) Provando todo o seu vigor, a obra acaba de receber mais duas agraciações: o Prêmio Jabuti como Revelação de Autor e como o Melhor Livro de Contos de 63.

Apesar disso, a primeira edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço* foi muito reduzida. E, nessas condições, perdeu-se do grande público. Daí, João Antônio ter se tornado uma espécie de mito. Muita gente falava no seu livro mas, na verdade, quase ninguém o tinha visto e muito menos lido.

No segundo momento do sucesso editorial do escritor, no ano de 1975, Maria Cláudia Bonfim (*Diário de Notícias*, 16 nov. 1975) também nos informa o fato de a segunda edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço* ter esgotado em apenas doze dias, assim como o livro *Leão-de-chácara*.

Da mesma forma, numa reportagem, Ignácio de Loyola (*Última Hora*, 13 out. 1975), que se debruçou mais sobre as resenhas críticas acerca da obra de João Antônio, informa as atividades profissionais e culturais do autor, além de ser o

primeiro a anunciar a entrega dos originais do livro *Malhação do Judas Carioca* à editora Civilização Brasileira, bem como dos originais da obra *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* à ex-editora e inclusões de dois contos de *Malagueta, Perus e Bacanaço* em antologias.

Em relação ao primeiro livro citado, Loyola comenta sobre uma possível má recepção dos críticos pelo lançamento deste ter acontecido no embalo do sucesso de *Malagueta, Perus e Bacanaço e Leão-de-chácara*.

No que se refere às entrevistas, estas apresentam questões que se repetem. Além das questões relacionadas à obra de João Antônio, havia um interesse muito grande, por parte dos jornalistas, em provocar as posições polêmicas que o escritor defendia. Entre os temas mais abordados estão questões como a visão de mundo do autor, sua origem humilde, sua carreira jornalística forçada, sua vivência com os malandros, suas premiações; pontos de vista sobre literatura, literatura e jornalismo, literatura urbana brasileira e o brasileiro ante a literatura; colocações sobre profissionalização do escritor, marginalização deste, direitos autorais, publicações de obras nacionais, sucesso do mercado editorial brasileiro, concepções sobre sua criação literária: linguagem, influências, período entre as publicações.

Precedida da manchete “Escritor mais premiado em 64 fala de si”, uma entrevista publicada na *Gazeta Esportiva*, em 24 de janeiro de 1965, traz, entre outros assuntos, a visão de mundo de João Antônio, que desnuda suas angústias enquanto escritor e enquanto cidadão, demonstrando seu desconforto perante o mundo, no qual ele encontra sua precariedade, falência e insuficiência:

Tudo o que tenho feito em minha vida apenas tem me dado noções da minha precariedade. E, honestamente, sem pose, os prêmios não estão me dizendo nada. Um sentimento de falência, certo nojo pela condição dos homens e até mesmo ternura, às vezes; quase pena. Mesmo nas etapas das quais saio vitorioso nunca se afasta o gosto de falência. Competir, para mim, é portanto imoral: profissional, amorosa e familiarmente, meus conhecimentos não têm me preenchido em nada. É que a mentira geral, meus, enche bem as medidas. De transitoriedade e de insuficiência tem-me sido essas coisas do amor, da profissão e da família. A verdade é que não consigo comunicação. Nem o exterior comigo. E nós vivemos fazendo um joguinho dissimulado, bem porco.

Quatro meses depois, numa entrevista a José Edson Gomes (*Leitura*, mai./jun. 1965), o escritor volta a tocar nesse sentimento de falência, mas agora ligado intimamente ao conceito de literatura:

Gente morna não deveria fazer literatura. Nem gente bem comportada. E a literatura deixaria de ser apenas o pó de vaidade de alguns. Você vê um Gorki e um Dostoievsky que ficarão. Eles viverão, meu velho, simplesmente viveram coisas. Confesso que não sei inventar coisa alguma. E quando tento, este meu sentimento de falência aumenta enormemente.

Percebemos neste comentário que, para João Antônio, a relação entre vivência e criação literária é imprescindível para se ter como consequência uma boa literatura. E era justamente este um dos aspectos que os críticos da obra joãoantoniana mais valorizaram em suas considerações.

Ainda tratando da sua literatura, na mesma entrevista, o autor revela os escritores que influenciaram a sua escrita:

Inconscientemente, todos os que li. Talvez a família de Dickens, Balzac e a grande literatura dos russos, especialmente Tchecov, Gorki, Gogol, Tolstoi, a lista seria imensa não? Mário de Andrade, Graciliano Ramos. Agora no reboço da linguagem, meu... Parece que

sofri mesmo a influência de gente mais miúda, cafténs e prostitutas, soldados e engraxates, malandros e policiais.

Em nova entrevista, publicada na revista *Crítica*, em 15 de setembro de 1975, João Antônio cita outros autores que o influenciaram: Manuel Antônio de Almeida, José Lins do Rego, Lima Barreto e Cervantes.

Continuando os questionamentos sobre literatura, agora a urbana, João Antônio, na mesma entrevista, discorre:

A verdadeira literatura urbana é aquela capaz de captar em profundidade o sentimento, o viver do homem da cidade. Nessa medida é que temos, hoje, apenas uns dois escritores: o poeta Drummond, que como ninguém sabe apanhar o homem urbano em sua totalidade, e não apenas nos aspectos exteriores. E o mineiro Wander Piroli, de **A mãe e o filho da mãe**, um extraordinário talento.

Neste comentário, à medida que João Antônio denomina esses dois escritores como verdadeiros representantes da literatura urbana, ele próprio se classifica como o terceiro representante, pois a sua produção literária, como muito bem apontavam os seus críticos, procura “captar em profundidade o sentimento, o viver do homem da cidade”. É assim, nesse processo retórico do “bate-volta”, que João Antônio, nestas entrevistas, também torna-se crítico de si mesmo.

Depois de ter sido o escritor mais laureado em 64, pelo seu primeiro livro, passar dez anos sem publicar e voltar e voltar à cena literária, em 1975, com a reedição deste e o lançamento de *Leão-de-chácara*, João Antônio vive, nesse período, um processo de vítima e herói do sistema editorial, ironicamente como seus personagens, do sistema social. Assim, em relação aos 10 anos sem publicar, os textos nos informam que João Antônio não parou de escrever, pois tinha

guardado três livros: *Corpo a Corpo* (coleção de reportagens e perfis), que seria mais tarde intitulado, *Malhação do Judas Carioca*, além de *Casa de loucos e Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*.

Em 1966, João Antônio era um "jornalista semidesempregado", com o nome marcado em vários jornais, com o AI-5 o perseguindo, tendo, segundo ele, de suportar a *Manchete*, de onde saiu para um sanatório. Somente a partir de 1971/1972, ele retomou o trabalho como jornalista de vanguarda, quando começou a fazer parte da chamada "imprensa nanica", que então surgia. Somente a partir de 1975, após toda essa transição é que começa a sua luta veiculada nos artigos de jornais, acerca da necessidade da profissionalização do escritor. Tanto isso é fato que este assunto surgiu já na primeira entrevista após o lançamento do seu segundo livro e reedição do primeiro, cedida a J. Monserrat Filho (*Crítica*, 5 mai. 1975).

As reportagens e as outras entrevistas veiculadas no ano de 1975 e 1976, inevitavelmente traziam à tona tal polêmica. João Antônio (*Diário do Povo*, 27 out. 1975) falou tanto do escritor marginalizado, anônimo, e os jornalistas questionaram tanto sobre isso que, como por ironia, tornou-se um escritor que teve seus livros esgotados e muitos estudos sobre sua obra. Sobre isto, ele reflete:

Não quero ser profeta de nada, compreendeu? Mas estou sendo levado a isso. Eu não fui um autor injustiçado durante doze anos. Isso tem que ficar bem claro. Eu apenas estive dentro de um processo muito difícil para o livro brasileiro, no qual também estão incluídos alguns novos escritores nacionais, como Ignácio de Loyola, Antônio Torres, Aguinaldo Silva, Rubem Fonseca, Murilo Rubião, Wander Piroli e muitos outros que andam por aí com seus originais de baixo do braço. Eu fui apenas uma exceção. Mas não sou feliz. É preciso que todos fossem conhecidos, todos.

Sobre a auto-promoção de João Antônio, Ignácio de Loyola (*Última Hora*, 13 out. 1975) diz:

Tem gente (indigna) dizendo por aí: o João está aparecendo muito. Ele está certo, precisa aparecer para vender o peixe, para formar o público, para habituar as pessoas no contato com o escritor.

Com a reedição de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e publicação de *Leão-de-chácara* e *Malhação do Judas Carioca*, repetia-se o sucesso de 10 anos atrás, com a diferença de que desta vez o autor era descoberto por um público cujo número exato ele mesmo não poderia imaginar. Lido, comentado, fotografado, entrevistado, badalado até a exaustão, enfim, sofrendo todo um processo de massificação capaz de virar a cabeça de uma pessoa menos preparada para o sucesso, João Antônio provou da glória e comprovou o reconhecimento total dos leitores de um país que ele soube interpretar, com gíria, fúria e talento, por intermédio de seus pingentes, coiós, pobres-coitados, malandrecos, bêbados, prostitutas, boêmios e menores abandonados. O escritor da marginália se via, por fim, ao lado oposto do tema que ele desenvolvera, mira dos flashers, no centro da fama, no ápice do poder literário.

Mas apesar disso, nessa época, João Antônio vivia de trabalho jornalístico esporádico. Mesmo com quatro livros publicados e mais de um na gaveta, o autor, que foi um dos mais vendidos no país, não podia ainda viver de literatura.

Ainda, nos textos críticos, encontraremos apontamentos acerca de algumas falhas na obra joãoantoniana. Assis Brasil, em 26 de junho de 1963, no *Jornal do Brasil*, ressalta em *Malagueta, Perus e Bacanaço* a “ausência de uma unidade

qualificativa no livro e a narração em 1ª pessoa, que denuncia um memorialismo e uma repetição da psicologia das ações” . Em 1975, em sua *História Crítica da Literatura Brasileira* volta a apontar os mesmos aspectos como negativos em relação àquela obra, sem deixar de salientar, como fez no primeiro texto, os aspectos positivos ligados aos contos em 3ª pessoa.

Também apontando falhas, Fausto Cunha, em 12 de outubro de 1963, no *Correio da Manhã*, comenta que ao escrever uma obra visando apenas o público paulista, João Antônio deixa o leitor de outros estados um pouco indiferente. Diz, ainda, que seus contos tendem ao episódico e ao incidental por falta de um estilo próprio. Entretanto, acaba elogiando sua autenticidade vivencial que, segundo ele, contrabalança tudo.

Já Guimarães Torrieri, em 22 de setembro de 1975, na *Folha de S. Paulo*, aponta a defasagem estilística entre a abundância de imagens e a escassez do pensamento. Mas em relação à linguagem utilizada pelo escritor, Torrieri elogia o fato desta não cair no macabro nem no absurdo.

No que se refere à *Leão-de-chácara*, identificamos apenas um apontamento de falha na obra. Tal observação ficou por conta de Wladyr Nader (*Folha de São Paulo*, 14 ago. 1975), que trata da identidade temática de três dos quatro contos do livro, como algo negativo:

A identidade temática de três dos quatro contos é um aspecto negativo da obra , embora sua extensão (o livro todo não chega a 100 páginas) os desculpe parcialmente. Atrás da linguagem inovadora e nova (é só pensar no que ele recria, inventa, toma de empréstimo do vocabulário popular, há, porém, uma linearidade narrativa que acreditamos não se repita no próximo livro. João Antônio chega às vezes ao preciosismo vocabular e esquece o esqueleto da história. Se ele conseguisse um

maior dinamismo formal, à maneira das mais ousadas montagens cinematográficas, chegaria certamente a resultados superiores.

Mas ao mesmo tempo que critica negativamente, no mesmo texto, defende:

A expectativa que se formou em torno do segundo livro de João Antônio – reforçada por uma verdadeira avalanche de entrevistas reproduzidas em vários jornais e revistas – justificou-se plenamente: *Leão-de-chácara* não só é melhor que o anterior como coloca João Antônio numa posição única na literatura brasileira atual. Sim, apenas ele entre os autores de projeção ou aqueles a que o público tem acesso realiza um trabalho à margem das preocupações habituais dos nossos ficcionistas com a metafísica da classe média.

A partir destas considerações críticas talvez se desfaça a dúvida sobre a seleção tendenciosa dos textos críticos por parte de João Antônio, no que se refere à coleção das pastas.

Acabados os aspectos negativos da obra de João Antônio, abordados pelos textos, publicados em 1975, e tendo Wladir Nader elogiado a ausência da metafísica nesta, podemos aproveitar e destacar mais alguns críticos que ressaltaram tal aspecto em seus estudos. Fazendo uma apologia à escolha do escritor em apresentar a malandragem como único raciocínio dos seus personagens, João Alexandre Barbosa (*Jornal do Comércio*, 22 nov. 1963), Nelly Novaes Coelho (*Jornal do Brasil*, 20 set. 1975), José Herman Reipert (*Gente Nova de São Paulo*, 31 out. 1972) e Evandro Pagy (*Música do Planeta*, 1975) felicitam-no por não dar um passo no sentido do metafísico, mantendo sempre a vista as circunstâncias históricas específicas. Segundo estes, a obra do escritor

difere e, conseqüentemente, se destaca em meio a muitos desvarios metafísicos que preenchem muitas páginas da ficção moderna.

A crítica que se apresenta nos textos pesquisados, geralmente, preocupada em reconhecer e apresentar valores, entre outros procedimentos, partiu para a pesquisa de autores que teriam precedido João Antônio na tarefa de registrar o ambiente, a vida, as desgraças e as filosofias simples do malandro e boêmio das metrópoles. Tais predecessores foram vistos, entre outros, em: Manuel Antônio de Almeida, Lima Barreto, Marques Rebelo, Alcântara Machado, Gastão de Holanda, Damon Runyon, Mário de Andrade, João do Rio, Gorki. Mas, segundo José Paschoal Rosseti (*O Estado de São Paulo*, 15 fev. 1964), os méritos lítero-estilísticos de João Antônio não seriam encontrados em nenhum outro escritor, pois “este surgia só, rodeado de seus muitos malandros, convivendo mais intensamente com as prostitutas de seus ambientes, de tal maneira que ninguém dele ousava experimentar”. Mais uma vez percebemos aqui a valorização da autenticidade vivencial joãoantoniana.

Ainda neste texto, Rosseti faz uma análise comparativa paralelística inusitada entre João Antônio e Guimarães Rosa, mostrando como o primeiro, assim como o segundo, não cria seus personagens e ambientes pela vivência que teve com estes, apenas os utiliza como instrumento de trabalho.

Também em relação à filiação do escritor, Wilmar Guido Sassi (*Tribuna da Imprensa*, 25 jun. 1963) o compara, especialmente, a Alcântara Machado, mostrando que, diante de tantas diferenças que as obras dos respectivos autores

apresentam entre si, só resta a semelhança dos títulos: *Malgueta, Perus e Bacanaço e Bráz, Bexiga e Barra Funda*.

Complementando a considerações de Wilmar Guido Sassi, podemos perceber que diferente de Alcântara Machado, João Antônio não se contenta com a superficialidade dos tipos retratado. Entretanto, parece-nos que, a semelhança que possa haver entre os seus livros, além da citada pelo crítico, relaciona-se ao material usado: os dois autores trabalham com a mesma zona urbana paulistana, o mesmo proletariado, o mesmo povo que atravança as ruas com os dramas cotidiano do asfalto.

Em relação a *Malagueta, Perus e Bacanaço*, também encontramos o estudo comparativo paralelístico de Remy Gorga, publicado na revista *Nova*, em novembro de 1975. Neste estudo, o crítico traça um paralelo entre esta obra e *Qualquer coisa é a mesma coisa*, de Ary Quintella, mostrando que este, assim como João Antônio, também projeta em nível universal os anti-heróis.

Ainda a partir dos textos resenhados, percebemos que, apesar de João Antônio ter ficado dez anos fora do palco literário, *Malagueta, Perus e Bacanaço* continuou sendo alvo dos estudiosos, e ainda teve o seu conto título considerado por muitos dos críticos como o melhor, o mais bem realizado do livro. Os textos críticos publicados no vácuo editorial da obra joãoantoniana, por incrível que pareça, constituem alguns dos melhores estudos do seu primeiro livro. Como exemplo temos, “Nota sobre João Antônio” (*Correio Brasiliense*, 28 out. 1967), de Cassiano Nunes, o qual cita João Antônio como exemplo a todos os escritores que produziram ficção paulista até o modernismo, fazendo em seguida um estudo

emocionado de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. O seu olhar sobre a obra joãntoniana é perspicaz e inovador, pois é o primeiro a perceber na construção desta uma linguagem que busca fixar movimentos, buscando apoio nas linguagens fotográfica e cinematográfica. Além de Cassiano Nunes, temos nesse período, as importantes atividades críticas de Nelly Novaes Coelho (*Suplemento Literário de Minas Gerais*, 05 out. 1968), de Duílio Gomes (*Suplemento Literário de Minas Gerais*, 19 set. 1970), de José Herman Reipert (*Gente Nova de São Paulo*, 31 out. 1972), de Mário da Silva Brito (*Conversa vai, conversa vem*, 1974) e de M.L. (*O Estado de São Paulo*, 03 out. 1967), que supomos ser Manoel Lobato, que muito escreveu sobre João Antônio.

Entre todos os textos, chama a atenção a expressão “clássico velhaco”, muitas vezes utilizada por diferentes críticos e jornalistas para classificar João Antônio como escritor e que teria sido criada por Marques Rebelo. Como exemplo dos que utilizaram esta expressão, temos: Wladyr Nader (*Folha de São Paulo*, 27 dez. 1974), José Louzeiro (*Veja*, 16 jun. 1975), Silvia Marcondes Silveira (*Correio do Sul*, 10 set. 1975), Dodó Macedo (*O Estado*, 10-11 ago. 1975) e reportagem anônima publicada na *Veja*, apresentando a expressão como título do texto. Essa expressão faz sentido ao compreendermos que João Antônio é um clássico, porque produz uma obra intemporal, universal e, ao mesmo tempo velhaco, porque, com grande maestria técnica, cria uma forma nova e original para revelar essa universalidade.

O único, entre os estudiosos do período pesquisado, que ousou classificar a obra de João Antônio, e o fez em relação a *Leão-de-chácara*, foi Afonso Romano

Sant'Anna (*Veja*, 15 out. 1975). Ele a denomina como “ neo-realista, que remonta, talvez às décadas de 40 e 50, época em que muitos acontecimentos do livro são narrados”.

Dessa idéia, Alfredo Bosi (1994, 423) também comunga e reitera:

No extremo oposto, numa linha de neo-realismo violento, estão os novos exploradores do universo urbano ou marginal: destaque Rubem Fonseca (*A Coleira do Cão*, 1965; *Lúcia Mac-Cartney*, 1969) e João Antônio, cujo primeiro livro de contos é ainda o seu melhor trabalho: *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de 1963.

Em relação à *Malhação do Judas Carioca*, pelo fato deste ter sido editado já no final de 1975, o único texto crítico publicado neste ano, que trata desta obra (*Diário de Notícias*, 20 dez. 1975) apresenta João Antônio como o jornalista-escritor que criou uma técnica pouco encontrada e que aborda em suas obras o que se convencionou chamar de realidade brasileira.

Além da atuação de João Antônio no meio literário, no ano de 1975, ele ainda editou a nova fase do *Livro de Cabeceira do Homem* e o *Livro de Cabeceira da Mulher*, que estimulou muitas reportagens, resenhas críticas e entrevistas. Isso tudo corroborando para o seu sucesso, tirando-o do anonimato, contra o qual sempre lutou. Em relação à crítica sobre estas obras organizadas pelo autor, na maioria das vezes, a recepção foi positiva, mas em dois dos textos críticos os estudiosos foram implacáveis. Em relação ao *Livro de Cabeceira da Mulher*, um autor anônimo (*Opinião*, 25 jul. 1975) faz uma crítica negativa, mostrando o abismo existente entre a proposta da obra e o interesse das mulheres por ela. Com a mesma visão negativa do *Livro de Cabeceira do Homem*, Luiz

Augusto Crispim (*Visão*, 18 ago. 1975), demonstra como a obra não estabelece nenhum compromisso com a cultura brasileira.

Ainda verificando os textos dispostos no arquivo, percebemos que João Antônio estava interessado pela crítica de sua obra por ter armazenado tudo o que se escreveu a seu respeito, como também se mostrava atento a ela pois, em relação ao texto crítico de Léo Gilson Ribeiro, além de lhe escrever uma carta elogiosa, declara em entrevista à Cora Rónai Vieira (*Jornal de Brasília*, 18 jan. 1976) e a J. Monserrat Filho (*Correio do Povo*, 20 set. 1975), que é um dos melhores textos críticos sobre sua obra *Leão-de-Chácara*. Na entrevista cedida à Vieira, ele declara:

Sinceramente, gostei de tudo o que Léo Gilson Ribeiro escreveu sobre Leão-de-chácara, num artigo do Jornal da Tarde, de São Paulo, em 23/08/75, com o título “O Livro que Deu um Soco em Nosso Crítico”. Excelente, arrojado artigo de crítica literária. Porque na omissão e na rolápsia, na mornidão acomodada e corrupta da nossa lamentável chamada grande imprensa, o seu artigo salta como um grito. (...) Léo Gilson faz crítica e torna digna essa faixa da atividade intelectual e jornalística.

Assim, revelando um comportamento usual, ele acaba fazendo uma metacrítica da sua própria obra.

Passando para os textos sobre João Antônio e sua obra veiculados, em 1976, mais uma vez, assim como em 1975, as afirmações deste acerca da ausência de divulgação de livros pelos jornais, não se confirma quando se trata de suas próprias obras. Vejamos o que diz em entrevista cedida a José Loureiro (*Correio do Povo*, 3 set. 1976):

A literatura está cada vez mais longe dos jornais, das revistas, da veiculação, enfim. Onde estão nossos rodapés críticos? Há livros que

estão aparecendo e desaparecendo sem que ninguém tome conhecimento sério deles por ausência de divulgação, crítica, debate. Aliás, nesse ponto, eu já estou querendo muito. A verdade é que não existe sequer noticiário regular sobre livros e atividades literárias.

Quanto à ausência de crítica literária relacionadas à outros livros, João Antônio pode ter razão, mas quando a obra em questão é a dele próprio tal afirmação não procede. Mesmo que em menor quantidade, se comparados com os textos críticos veiculados entre 1963 e 1975, os títulos críticos continuaram sendo publicados em 1976. Mas é importante ressaltar que, nesse ano, a imagem pública do homem João Antônio, com a qual ele mesmo contribui, vai ser muito mais comentada e analisada, em reportagens e entrevistas, em detrimento de estudos mais elaborados sobre as duas obras citadas, se diferenciando, portanto, dos textos relacionados a *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* e *Leão-de-chácara*.

Acerca desta constatação, Carlos Augusto Corrêa (*Tribuna da Imprensa*, 19 mai. 1976) escreve a sua justificativa, tomando a situação de um modo geral:

A pressa do jornal, ditada pela quantidade de livro recebida impede que o crítico desempenhe sua atividade com devido rigor, ou pelo menos com o mínimo de seriedade metodológica. Assim, pede-se licença à crítica e parte-se para a resenha, quando não se volta à simples notícia, irmã mais nova desta. Caso contrário, o “crítico” discorrerá elogiosamente, o que acontece com tanta freqüência em nossos semanários, sobre determinado assunto, ora sentando a doce lenha, atitude que não se recomendam, principalmente por causa do nivelamento em que se encontram os estudos críticos, todos voltados – no caso da literatura – para o miolo do texto.

Desta forma, o número de reportagens e entrevistas (62 textos) se comparados com a quantidade de estudos da obra (35 textos), vem comprovar tal observação.

Os primeiros títulos pesquisados no ano de 1976 já indicam o caráter muito mais informativo que apresentaria a maioria dos textos sobre João Antônio e sua obra.

Os cinco primeiros textos publicados em 1976 trazem um balanço da literatura produzida em 1975 e informações superficiais da obra joãoantoniana. Nestes textos, o escritor é citado como o melhor de 1975, com o seu livro *Leão-de-chácara*, como o autor que mais vendeu livros nesse ano e como exemplo da nova configuração adquirida pela literatura nesse ano, baseada num estilo travestido do real. Quanto a essa nova fase da literatura, Flávio Aguiar (*Movimento*, 5 jan. 1976) concorda com João Antônio:

A literatura não é coisa que se forja nas solidões enluaradas, nas academias suporíferas ou nos delíquios dos que se proclamam vanguarda, mas é na rua e no debate que sai uma vida literária punjante.

Cinéas Santos (*O Estado*, 10 jan. 1976) também preconiza um assunto que tomaria muitos dos espaços da imprensa dedicados à polêmica relacionada à postura de auto-promoção que João Antônio passou a assumir desde 1975. Cinéas Santos como um dos que apoiaram esta atitude, declara:

Mas é bom lembrar o seguinte: o escritor brasileiro novo, pra conseguir um pedacinho de “bolo”, tem que topar briga muito séria, tem que despir-se dos preconceitos que costumavam envolver a figura do escritor.

Na primeira entrevista do ano cedida por João Antônio, publicada no *Jornal do Brasil*, em 12 de janeiro de 1976, já é ressaltada a teoria do corpo-a-corpo com a vida, a partir da qual o escritor salienta a impossibilidade em se

dissociar vida e obra, realidade e literatura. Encontramos este conceito aplicado na produção dos seus dois primeiros livros e reafirmada não só no processo de criação de *Malhação do Judas Carioca e Casa de Loucos*, mas explicado através do último texto daquele livro, que tem como título sua própria teoria. Esta vai se tornar, então, a questão mais enfatizada, pela maioria dos estudiosos destas duas obras, até o final de 1976.

João Antônio (*Jornal do Brasil*, 12 jan. 1976) sustenta tal teoria com declarações que se repetiriam em entrevistas posteriores:

Fui percebendo que só se pode fazer arte se for com pele, vísceras, arrebatando o interior. Percebi também que eu tinha um tema – a malandragem (...) O homem precisa ter alguma grandeza, tem de ter um momento de Homem pelo menos. Meu único medo é passar pelas coisas e não vê-las.

A relação entre vivência e obra, jornalismo e literatura, vai estar presente em quase todas as resenhas críticas, em quase todas as entrevistas, enfim, a maioria das considerações acerca da obra joãoantoniana vai tratar destas relações. Como por exemplo, no texto publicado no *Jornal dos Sports*, em 15 de janeiro de 1976, no qual o autor, anônimo, ao tratar de *Malhação do Judas Carioca*, afirma: “João Antônio até agora dizia não aceitar linhas divisórias entre o jornalismo e a literatura, desta vez partiu para o exercício total dessa teoria”.

Assim, já a partir desses primeiros textos já é possível traçar um panorama dos assuntos tratados nos textos veiculados em 1976, envolvendo João Antônio e sua obra: a polêmica causada pela mudança de gênero que João Antônio apresenta em *Malhação do Judas Carioca e Casa de Loucos*, abandonando de vez a ficção e

optando por uma mistura de literatura e jornalismo; a postura de um escritor que, na luta pelo profissionalismo do escritor brasileiro, acaba promovendo seu próprio sucesso; a teoria do *corpo-a-corpo com a vida* criada pelo escritor.

Tal teoria, assim como nas entrevistas publicadas em 1975, continua ecoando nos depoimentos de João Antônio em 1976. No jornal *Civilização*, em 21 de março de 1976, ele reitera:

Há momentos irrepetíveis na vida de um escritor. Porque vida intelectual para mim é, antes de tudo, vida e não teorização. Os meus contos são um resultado da minha vida, do meu dia-a-dia.

Dessa forma, o que encontramos nas entrevistas é a garimpagem das idéias e ideologias do escritor, em detrimento da exploração de sua obra. Todos tratam de um sujeito chamado João Antônio, mas ele próprio se desgosta com o fato (*Correio do Povo*, 12 set. 1976):

Olha, eu prefiro muito que as pessoas lessem mais a minha obra e se preocupassem menos comigo. Todo mundo quer saber quem sou, o que faço, o que penso. Mas ninguém leu mesmo o Malagueta ou qualquer outra obra.

Numa outra entrevista, veiculada no *Jornal de Debates*, em 29 de março de 1976, conduzida por José Louzeiro, este revela o resultado da luta de João Antônio que, mesmo tendo sido combatido por alguns por insistir em falar do povo, abriu uma grande brecha junto aos editores.

O sucesso de João Antônio, tão enfatizado nos textos, é bastante discutível e, quando menos, explicável. Ele só é excepcional na medida que se considere um feixe de motivos, entre os quais o de ter ganhado um Prêmio Paraná com três dos

quatro contos do livro *Leão-de-chácara* e de ter relançado um livro de contos tido e havido como uma espécie de clássico da literatura contemporânea, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, cujas histórias foram traduzidas em cinco países, comentadas, namoradas pela televisão, pelo cinema e incluídas em antologias, inclusive didáticos e paradidáticos. O relançamento deste livro representa sozinho um grande motivo de êxito. Um conto como “Meninão do Caixote”, por exemplo, foi publicado pela imprensa, em jornais e revistas, pelo menos umas cinco vezes. Além disso, nessa mesma época, João Antônio foi diretor da fase de relançamento do *Livro de Cabeceira do Homem*, cujo projeto era seu, criando uma indisfarçável expectativa em torno do seu nome e da publicação. Um crítico de São Paulo, Wladyr Nader, escreveu que uma avalanche de entrevistas e notícias antecedeu o lançamento de *Leão-de-chácara*, livro que foi saudado pela crítica (Aguinaldo Silva, em *Movimento*), antes de seu aparecimento no comércio. A TV o procurou para entrevistas que foram ao ar em horário nacional. Seu nome esteve ligado à imprensa nanica ou marginal, que atingia a juventude menos estanque do país, como: *EX*, *Opinião*, *Pasquim*, *Movimento*, *Crítica*, etc. Após o lançamento de *Leão-de-chácara*, que se manteve por dezenas de semanas na lista dos mais vendidos do país, segundo a revista *Veja*, João Antônio passou a ser convidado por universidades, faculdades, institutos de letras e escolas de comunicação para debates, conferências e encontros em que falava sobre literatura e comunicação – o que criava uma margem apreciável de interesses e público. Assim como *Leão-de-chácara*, simultaneamente, *Malhação do Judas Carioca*, se manteve por mais de vinte semanas, na lista dos mais vendidos, da revista *Veja*. *Casa de Loucos* também entrou para esta lista imediatamente ao seu lançamento.

Luis Pellegrini, ao introduzir uma entrevista como o escritor, publicada no jornal *Última Hora*, em 5 de setembro de 1976, ressalta um descompasso. Mesmo com esse êxito, numa atitude contraditória, João Antônio não está contente. Mas Luís Pellegrini não atenta para o fato de que tal descontentamento, além de se relacionar à luta contra a desvalorização do escritor nacional de um modo geral, que acaba gerando, segundo depoimento joãoantoniano, uma falta de solidariedade entre os intelectuais, está ligado ao descompasso entre o sucesso de vendas dos livros e a constatação, pelo próprio João Antônio, a partir de visitas a escolas e universidades, de que muito poucos alunos os leram.

Ainda tratando das entrevistas, João Antônio continua se pronunciando e causando polêmica. Em relação à sua preferência pelo realismo crítico na literatura, ele se mostra radical. Como exemplo, podemos citar uma entrevista, na qual ele critica a preferência pelas obras que apresentam um realismo fantástico, nos concursos literários, quando, segundo ele, deveria se valorizar a obra que apresenta um compromisso com a realidade brasileira.

Outra posição muito particular manifestada por João Antônio nesta entrevista, e que vem como consequência do seu desejo de profissionalização do escritor, é o compromisso que sugere ao escritor antigo, a exemplo dos novos, a fazer uma literatura que chegue até o povo, a partir de debates e divulgações.

Sobre este compromisso, ele também fala em outra entrevista (*Asterisco*, 8 out. 1976), quando questionado sobre o seu trabalho no contexto literário do momento:

Eu me ressinto, como qualquer escritor que pretenda um trabalho sério que saia a campo e faça leitores, questionando, dialogando, indagando

enfim. A verdade é que, não tendo um organismo que centralize as suas atividades e que aproveite todo o seu potencial, o escritor fica disperso no todo cultural. Não vejo, pessoalmente o trabalho literário como apenas produzir livros. Acho que ele é pouco numa situação cultural precária e carente como a brasileira. É necessário que o escritor arregace as mangas e saia a campo, já que os meios tradicionais de divulgação de livros continuam numa fase estagnada...

A partir dessas considerações, percebemos que João Antônio cria uma tríade, realidade-obra-leitor, a qual considera fundamental para o amedanhamento de uma literatura de qualidade, que critique e, conseqüentemente, valorize a situação sócio-cultural brasileira. A respeito dessa sua concepção, João Antônio completa, em outra entrevista (*Arte e Comunicação*, 7 out. 1976):

A cultura só pode ser exercida com um visão crítica da realidade. E, veja bem, se você trabalha em cima de uma realidade que depende de um leitor, você tem que saber o que o leitor acha do que você acaba um dono da verdade, acaba um tremendo fascista.

Para João Antônio o equívoco principal nesta relação é o não entrosamento entre o escritor brasileiro e seu público. Sobre isso, na mesma entrevista, ele comenta:

Este é, principalmente, um problema de linguagem que está furos acima do entendimento da maioria. Por exemplo, há contos meus que são consagrados, tidos com obra-prima, o diabo a quatorze, que no entanto o pessoal do Rio Grande do sul não entende nada e pessoas inclusive de nível universitário. Este dado é importantíssimo, para que eu reflita sobre o que eu estou escrevendo.

Em relação a esse "boom" literário, na mesma ocasião João Antônio avalia:

O que existe é um tremendo esforço de resistência cultural. Há um tremendo esforço para que uma cultura brasileira não vá para cucuia,

do jeito que ela está indo. Evidentemente estas resistências têm atitudes realmente heróicas, as vezes quase românticas. Mas o verdadeiro “boom” literário está no papel que a literatura assume no meio cultural importantíssimo ao meu ver. Num país que não pode ter um cinema livre, num país que não tem uma comunicação livre, de repente a literatura está tomando os ares de tribuna. E ela está fazendo isso num país em que as edições não passam de 3,4,5 mil exemplares. Isso não mexe com o público (...) eu não acredito em “boom”, porque ele é uma distorção de tamanho muito grande, de efeito muito grande.

Dentro deste quadro é, portanto, muito discutível a existência efetiva do chamado “boom” literário no Brasil, ocorrido em 1975, o qual João Antônio considera com efeito muito mais cultural que editorial. Tal denominação da situação da literatura no país, foi suscitada por uma nova movimentação editorial e cultural que esta adquiriu. Nesse ano a literatura torna-se assunto polêmico, tema de vários debates. O novo escritor passa a ser considerado um bom investimento e os antigos são relançados com roupagens novas. No campo institucional, a premiação e a promoção de concursos literários são respaldados por patrocínio e incentivo. As editoras testam o alcance comercial de lançamentos bem programados do ponto de vista mercadológico.

Hollanda & Gonçalves (1979, p. 41), ao traçarem um panorama desse momento, reiteram:

A forma curta e direta do conto se consolida. Por outro lado, conhece-se a proliferação de revistas literárias que respaldam e se alimentam da boa maré que a literatura experimenta nesse momento: surge **Escrita, Ficção, Inéditos**, e as sofisticadas **José e Anina** (...) Nessa fase, o escritor passa a se empenhar no sentido da demanda de mercado e de sua profissionalização.

Vale ressaltar uma importante característica do “boom” literário brasileiro, a de ter sido um movimento de dentro para fora, ao contrário do “boom” latino

americano que, segundo João Antônio, foi dirigido de Paris para a América Latina, uma espécie de jogada editorial francesa.

Nesse momento João Antônio firma-se, definitivamente, dentro de um compromisso com a realidade nacional. Tal definição também se deu em relação ao gênero da sua escrita, que passou a se configurar pela recriação ou adequação literária dos fatos jornalísticos. Essa mudança de gênero é apresentada, pelo escritor, primeiramente em *Malhação do Judas Carioca*, e solidificada em *Casa de Loucos*. Esse novo gênero, denominado romance-reportagem - no caso da obra joãoantoniana, conto-reportagem - aparece num momento em que o jornal parece não poder mais informar, noticiar ou se pronunciar. Resta, então, à literatura o recurso à linguagem do jornalismo para tentar sanar o desejo do testemunho, do documento, da exposição da realidade, censurado nos jornais. Buscando um estatuto de literatura, o romance-reportagem procura estabelecer um compromisso entre a objetividade jornalística e a subjetividade.

Ainda, tratando desse momento literário, no que se refere às reportagens, os primeiros textos veiculados em 1976, vão se apresentar como um censor da qualidade da literatura produzida em 1975.

Já na primeira coluna literária, João Antônio é citado como o melhor escritor de 1975, com seu livro *Leão-de-chácara*. O autor desse texto vai na contramão da posição dos críticos, que não elegem nenhuma obra boa realizada neste ano.

Em seguida, no texto “75 foi bem, mas espera-se mais em 76”, publicado em 5 de janeiro de 1976, na *Folha da Tarde*, Guimarães Torrieri avalia que dentro

das possibilidades de vendas de 75, João Antônio foi o autor que mais vendeu livros.

Também no texto veiculado no jornal *O Diário*, em 9 de janeiro de 1976, é traçado um panorama da literatura produzida em 1975, no qual esta é avaliada como inovadora, no que se refere à introdução de uma nova forma de linguagem que ela propiciou.

Sobre a importância do best-seller para qualquer escritor, Victor Giudice (*Jornal do Brasil*, 27 jan. 1976) reflete:

Na verdade, por mais intelectualizado que possa ser, não há escritor que não pretenda escrever seu Dom Quixote: receber os galardões da crítica, um lugar ao sol da eternidade e , modestamente ser um best-seller.

Mas João Antônio contextualiza o best-seller no Brasil, num depoimento publicado pela *Folha de São Paulo*, em 13 de fevereiro de 1976:

Eu acho ridículo a caracterização de best-seller para um autor que vende 5000 exemplares. Depois quando digo que vivemos num estado de miséria cultural me chamam de ridículo.

Assim, João Antônio acaba desmistificando, também, a posição de escritor de sucesso, na qual o enquadravam. Esse sucesso dá margem a várias inferências, uma delas foi feita por Osvaldo Lopes de Brito (*Diário da Manhã*, 25 jan.1976), que sem analisar melhor o valor literário das obras *Leão-de-chácara* e *Malhação do Judas Carioca*, denominou-as adequações feitas por João Antônio para aproveitar o sucesso de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço*. Sob essa mesma visão negativa do sucesso joãoantoniano, há considerações que vão ainda mais longe. Vicente Ataíde, por exemplo, em seu texto intitulado “Os contos de João

Antônio”, publicado no jornal *A Voz do Paraná*, em 16 de maio de 1976, critica o processo pelo qual passa o sucesso do escritor. Segundo Ataíde, aquele explora comercialmente a fama obtida à custa de um trabalho sério e profundo e acaba prostituindo o seu nome com um livro do tipo *Malhação do Judas Carioca*. Ele chega a afirmar que com sua auto-promoção, João Antônio não teria mais crédito. E ousa em terminar com a frase: “Espero que ele não faça mais isso”.

Ainda tratando do balanço da literatura em 1975, temos o depoimento de Ary Quintella a Danilo Gomes em entrevista publicada no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, em 7 de agosto de 1976, sobre a qualidade das produções literárias desse ano. Segundo Quintella, em 1975 tivemos uma razoável quantidade de livros que apontam vários rumos, autenticamente brasileiros, sem as “macaquices dos meninos zangados de 22”.

A respeito do sucesso há mais inferências, agora no texto anônimo “João Antônio conseguiu fazer uma boa literatura mal escrita”, publicado em outubro de 1976, no jornal *Chapada do Corisco*, segundo o qual, o fenômeno que João Antônio se tornou não teria boas conseqüências na sua escrita, pois este poderia se plagiar, repetindo os mesmos processos de criação. Mas acaba concluindo que João Antônio conseguiu fazer uma boa literatura mal escrita, deixando a sensação de que o descuido é artístico.

Ao analisar o fenômeno literário que João Antônio se tornou, Duílio Gomes (*Correio Brasiliense*, 10 set. 1976), ressalta que, mesmo tendo sido badalado até a exaustão, o escritor não se corrompeu, continuou com os circuitos universitários, lançamentos, conferências.

Loyola (*Última Hora*, 15 dez. 1975) também tece considerações sobre a condição paradoxal que o sucesso de João Antônio criou para ele mesmo. Assim, mesmo o considerando como o principal responsável pelo espaço que a literatura teve naquele momento, acha que ao forçar notícias, pedir entrevistas, o escritor acabou perdendo um pouco a medida na sua campanha de auto-promoção.

Também sobre o êxito editorial de João Antônio, Wilcrisson Prado (*Correio Brasiliense*, 10 out.1976) tece seus comentários a partir das observações do próprio escritor, que atribui o seu sucesso ao fato de sua literatura ser muito brasileira, “feita com receitas de casa, temperada com sangue e suor, que reflete realidades nossas e insinua a sua modificação”.

Sem ter esgotado o tema, mas deixando um pouco de lado a polêmica que o sucesso editorial de João Antônio causou, passemos para uma reportagem (*Correio do Povo*, 3 set. 1976) sobre um debate entre Moacyr Scliar, Ligia Averbruck Antônio Holffeldt e João Antônio acerca da literatura brasileira, na qual vem transcrito o depoimento deste sobre a sua versatilidade na escrita e a expectativa do crítico:

Irrita-me profundamente a observação de alguns intelectuais que perguntaram como, depois de escrever Malagueta, Perus e Bacanaço eu partia para reportagens. Como se fosse algo de idiota, imbecil. Queria que eu seguisse o caminho normal do escritor: contos, novelas, romance, memórias, Academia.

Notamos, aqui, que João Antônio caminhava na contra-mão de qualquer preceito preestabelecido. Pensando na importância da difusão da literatura, ele revela que uma das boas características de textos parajornalísticos, como os seus *Malhação do Judas Carioca* e *Casa de Loucos*, é a capacidade destes em atraírem mais leitores.

Tratando agora das resenhas críticas, notamos que estas exploram o estilo de João Antônio, primeiramente em *Malhação do Judas Carioca*. Para Vicente Ataíde (*Voz do Paraná*, 18 jan. 1976) trata-se de estilo que tem aversão ao esteticismo, é um estilo que, como afirma o próprio escritor, foge a qualquer “ismo”. O crítico ainda faz uma aproximação entre João Antônio e Antonio Candido, declarando que ambos se encontram no pensamento de que a literatura nunca estagna.

Cora Rónai Vieira é um dos raros estudiosos da obra joãoantoniana que ressalta os aspectos líricos do livro *Malhação do Judas Carioca*, citando um trecho do texto “Galeria Alaska” como algo digno de ser emoldurado e colocado na parede, como exemplo cita: “Lá na linha do horizonte, à esquerda, sobre o mar, haverá um toque ainda indefinido, mas já sangüíneo, vermelho, inquieto. Mais tarde, aquilo será o sol”.

Ainda neste ano, na *Folha de São Paulo*, em 25 de janeiro de 1976, um autor anônimo reforça a importância do primeiro livro de João Antônio, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, por tratar liricamente das personagens, que, segundo ele, sempre comovem:

E as pessoas de São Paulo, seus homens, mulheres e crianças vão desfilando em Malagueta, Perus e Bacanaço- três anjos que quase não se falam, mas que estão juntos- para a cidade não engoli-los. O desamor da cidade amada.

João Antônio, sempre muito questionado sobre suas obras e muito estimulado a esclarecer tanto seu processo criativo como a ideologia que sustenta este processo, apresenta, em seus depoimentos, *Malhação do Judas Carioca* não como um livro de realização estilística, mas na linha da grande crônica de

costumes, misturando elementos jornalísticos e literários. Percebemos, a partir desse comentário, que, mais uma vez, ele se comporta como crítico da sua própria obra.

O texto mais citado e analisado de *Malhação do Judas Carioca* é um depoimento que aponta para uma avaliação crítica da literatura, intitulado “Corpo-a-corpo com a vida”. Sobre tal texto, que só recebeu críticas positivas, P.A.P (*Jornal da Cidade*, 19 mar. 1976) tece algumas considerações que, entre outras coisas, apresentam a dúvida sobre a necessidade ou não de que um autor explique ou justifique sua obra, como o faz João Antônio neste texto.

A necessidade de classificação de uma obra, que sempre acometem aos críticos em geral, também aparece nos críticos da obra joãoantoniana. Duílio Gomes (*Suplemento Literário de Minas Gerais*, 27 mar. 1976), por exemplo, denomina *Malhação do Judas Carioca* como parajornalismo, pois, segundo ele, ali João Antônio trata de temas jornalísticos de uma maneira muito pessoal. Já Dias da Silva (*Unitário*, 28 mar.1976) considera que João Antônio como que se anula neste livro, para deixar aparecer clara e objetiva, sem qualquer intervenção, a realidade brasileira. Pra este crítico, este é um livro que não dá lugar à supra-realidade, mas nem por isso deixa de ser literário.

Porém, Carlos Augusto Corrêa (*Tribuna da Imprensa*, 31 ago. 1976) discorda de uma parte da crítica, que, como Duílio Gomes, a partir da linguagem deste livro, classifica-o como literatura – reportagem, embora, segundo o primeiro, esta linguagem beire a reportagem. Para Carlos Augusto Corrêa, os textos se apresentam mais como uma releitura técnica que de fruição:

o plano horizontal da narrativa evita trabalhos mais arrojados, no que toca ao elemento orgânico de composição da obra e o constante uso de adjetivos e substantivos faz o ritmo dos contos tornar-se repetitivos

Enfim, o crítico reclama dessa nova fase de João Antônio, ressaltando a falta de um compromisso maior com a literatura, com a narrativa.

Nas resenhas críticas, a linguagem é um dos aspectos da obra joãoantoniana mais ressaltado. Mário da Silva Brito (*Destaque Literário*, 30 jul. 1976), em “A sofrida arraia miúda de João Antônio”, sobre *Leão-de-chácara*, é autor da expressão mais citada quando o assunto tratado refere-se à linguagem: “Ele é pródigo – e prodigioso – na valorização do idioma com que o povo se comunica”. Podemos entender, a partir dessa asserção, como João Antônio vale-se da própria linguagem do personagem – linguagem específica, mas ligada à sintaxe da linguagem geral.

A mudança de estilo que João Antônio apresenta em *Malhação do Judas Carioca* é enfatizada por Caio Porfírio Carneiro (*Jornal de Santa Catarina*, 24 jul. 1976), a partir da impossibilidade de comparação, determinada por ele, entre *Malagueta, Perus e Bacanaço* e aquela obra. Nesse estudo, o crítico levanta aspectos da obra até então negligenciados pelos demais estudiosos, como por exemplo a universalidade das histórias.

Sempre encontrando no escritor também o teórico João Antônio, temos agora sua apresentação de *Casa de Loucos*, no texto intitulado: “João Antônio e a *Casa de Loucos*”, publicado no *Jornal do Parque*, na primeira quinzena de outubro de 1976:

Vamos dizer que este meu quarto livro é uma espécie de outra face do meu *Malhação do Judas Carioca*, a barra mais pesada, o passo mais definitivo, o tiro com endereço ainda mais certo. (...) Neste, como em

outros livros, continuo o mesmo corpo-a-corpo com a vida e para além dos “ismos”. Como prossigo achando que fora das fontes populares não haverá salvação para uma escritura realmente brasileira. Uma escrita que não intencione apenas compreender essa realidade, mas, basicamente, encará-la e brigar para modificá-la.

Percebemos que, além das teorizações de João Antônio aparecerem muitas vezes como pano de fundo em textos de vários críticos, o escritor também sempre vai se atentar para as considerações destes. Essa inter-relação, entre João Antônio e sua crítica é mais um traço peculiar do escritor.

O primeiro texto sobre *Casa de Loucos* é “João Antônio por Ênio”, publicado como prefácio da primeira edição da obra. Ali, como muitos outros que tratam dela, também ressalta a ausência do formalismo estilístico para dar lugar a uma linha jornalística carregada de sensibilidade e tendo como objetivo retratar as contradições da realidade social.

Percebemos que este texto funciona como um marco na crítica sobre *Casa de Loucos*. Muitos são os exemplos dos textos que dialogam com as reflexões de Ênio Silveira: “O repórter na rua, no meio do seu povo”, de Victor Szejder (*O Globo*, 15 ago.1976) e “Casa de Loucos” (*Jornal de Santa Catarina*, 5 ago. 1976), de autor anônimo, entre outros.

Em relação à variedade de julgamento sofrida pela obra de João Antônio são exemplo os textos “Casa de Loucos”, de Maurício Correia (*A Gazeta*, 17 ago. 1976) e “Tecnocracia & outros: o novo?”, de Carlos Augusto Corrêa (*Tribuna da Imprensa*, 31 ago. 1976). O primeiro trata *Malhação do Judas Carioca* como um livro sem novidades e *Casas de Loucos* como uma obra de qualidade inferior em relação aos livros anteriores e o segundo apresenta este último livro como o que

dá continuidade à nova fase iniciada com *Leão-de-chácara* e confirmada com *Malhação do Judas Carioca*.

Vale ressaltar, que, em relação à *Casa de Loucos*, Maurício Corrêa é o único a apontar essa obra como inferior às outras escritas por João Antônio.

Outro texto que se contrapõe a este é o anônimo intitulado “Casa de Loucos”, publicado no *Jornal de Santa Catarina*, em 5 de agosto de 1976, que o considera como marco do anos 60 e 70.

Maurício Farias, com o último texto publicado nesse ano, intitulado “João Antônio: o vigoroso reconhecimento do fato (que é humano)”, publicado no *Jornal da Semana Inteira*, em 10 de dezembro de 1976), trata da originalidade de *Casa de Loucos*, que fugiria de qualquer prisão conceitual do estilismo crítico.

Victor Giudice (*Jornal do Brasil*, 5 set. 1976) estabelece uma relação entre *Casa de Loucos* e o cinema de Dziga Vertov, além de concordar com Carlos Romero (*A União*, 8 out. 1976), no que se refere à perfeita combinação entre reportagem e ficção obtidas pelo escritor nesta obra.

Diante de tais considerações, além de verificar que a crítica mais ativa em relação à produção do escritor se deu com a reedição do seu primeiro livro e a edição do segundo, percebemos que essa recepção mostra-se mais voltada para os aspectos ligados à linguagem, ao meio e aos tipos, que determinam a originalidade de estilo do escritor. João Alexandre Barbosa é o primeiro a tratar de tais aspectos, e o faz com tamanha maestria que a impressão que fica é a de que os estudos posteriores da obra joãoantoniana, se desenvolvem sempre tendo-o como parâmetro. Desta forma, em relação à *Malagueta, Perus e Bacanaço*, o estudo do eminente crítico funciona como um marco dentro da crítica do primeiro livro de

João Antônio. Tendo total convicção da sua visão acertada em relação à tal obra, Barbosa reedita o seu texto, inicialmente publicado no *Jornal do Comércio*, de Recife, em 23 de novembro de 1963, com o mesmo título em seu *Opus 60*.

Tendo em vista o grande número de textos publicados sobre João Antônio, podemos inferir que talvez a boa recepção da sua obra tenha se dado pelo fato de o crítico e o leitor estarem ávidos por este tipo de literatura, que “não rele nos fatos, mas que rale neles”. Talvez isso explique o porque da reincidência, nos textos críticos, da abordagem sobre a autenticidade vivencial que João Antônio usou para criar um texto tão forte, com tanta ternura, sem sentimentalismos e metafísica, mas sempre olhando para o interior de seus personagens.

Segundo um fragmento do texto “Três cafés fiados”, de José Paschoal (*O Estado de São Paulo*, 15 fev. 1964), esse mal estar do crítico vai encontrar na obra joãoantoniana um estímulo verdadeiro para a sua atividade:

O romancista moderno buscou o engajamento numa solução mais ou menos sartreana, ou através do esnobismo pelo pseudo-amor aos ambientes, em imitação grotesca do Hemingway das touradas. E o crítico e ensaísta, antes da procura de um possível caminho e da indicação do mesmo como tábua de salvação, enredaram para a teoria fria, procurando justificar a desvinculada preocupação da intelectualidade com a realidade(...) E é exatamente pela percepção de todos estes fatores que interagem no afastamento intelectual, que recebemos como uma grande promessa **Malagueta, Perus e Bacanaço**(...) É que João Antônio, sem nenhum compromisso com quaisquer formas de fazer literatura, ditadas por esta ou aquela crítica de seu tempo, viveu intensamente o submundo de sua metrópole

Os críticos não se detêm numa crítica técnica e especificista em relação à produção literária de João Antônio, mas apresentam, em geral, uma dicção

ensaística, partindo de critérios de extrema subjetividade e explicitando julgamentos universais com considerações pessoais.

Assim, tendo em vista o conjunto de textos pesquisados no período de 1975 e 1976, podemos destacar João Antônio como um dos maiores fenômenos literários dessa época, que conseguiu em menos de um ano o sucesso e o reconhecimento que lhe era devido desde que escreveu, em 1963, *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Dono de estilo invulgar, vigoroso, fortíssimo e de rara força telúrica, João Antônio foi entrevistado e interrogado das mais diversas maneiras. Nessas entrevistas ele aparece cheio de ensinamentos, de lições que fogem à habitual retórica dos depoimentos para transmitir a carga-viva da criação muscular.

Por fim, tendo em vista um arquivo próprio para o manuseio do pesquisador e uma obra de referência como objetivo desse trabalho, pude na prática constatar o acerto de nossa hipótese inicial: a de facilitar a tarefa do estudioso da obra joãoantoniana. Como sujeito pesquisador da minha própria organização, ao fazer a descrição do material, utilizando-me de todo o arquivo, desde a indexação dos textos originais, os textos resenhados, a lista alfabética de autores, até o levantamento numérico dos textos por categoria e dos textos por ano a ano, pude verificar o quanto os dados necessários para a pesquisa aparecem com facilidade, rapidez e como, no final, todas as informações se completam.

3. JOÃO ANTÔNIO EM PERSPECTIVA

*Uma letra bruxuleia
na noite xadrez.*

Otoniel Santos Pereira

A crítica literária, atividade intelectual de natureza valorativa, se encontra mergulhada num certo mal-estar contemporâneo, que advém de um julgamento cada vez mais desprovido de critérios estáveis.

Nesse contexto, em que a crítica vive sua crise, o processo de refletir sobre si mesma torna-se imprescindível na medida que se apresenta como uma atividade seletiva que implica, pelo menos em certa medida, um julgamento de valor e se quer dentro de um padrão de seriedade. Tais reflexões, no entanto, têm acontecido. Em 1999, o Itaú Cultural promoveu o evento *Rumos da Crítica*, ciclo de palestras discutindo as funções e limites da atividade crítica hoje. No ano de 2000, a APCA, a Associação Paulista dos Críticos de Arte, promoveu uma série de encontros chamados *A Crítica da Crítica*, que reuniu para debates especialistas (críticos) e artistas (criticados). Também em seu livro *Inútil Poesia*, Leyla Perrone-Moisés dedica ao tema um ensaio em forma de pergunta – Que fim levou a crítica literária? – indiciando uma grande preocupação. Ainda da mesma autora, podemos citar um livro mais antigo que traz tais inquietações e cujo título fala por si: *A falência da crítica*.

Em *Altas Literaturas*, entre outras coisas, a autora vai refletir sobre as várias fontes das quais surgiu esse certo mal-estar da crítica contemporânea. Segundo ela, tudo teve início com o fato de os princípios, as regras e os valores

literários terem deixado de ser, desde o romantismo, predeterminados pelas Academias ou por qualquer autoridade ou consenso. Assim, conseqüentemente, com o pós-modernismo e dentro desse processo contínuo de diluição dos parâmetros literários, a crítica literária vitimou-se com a abolição dos seus critérios e hierarquias. Além disso, o cânone, que para Leyla Perrone-Moisés é um conjunto exemplar de obras que serve de referência para as demais, foi posto em questão. Com essa “desconstrução do centro”, a tarefa crítica tornou-se particularmente embaraçosa. Tal desconstrução dificulta o julgamento da qualidade de uma obra nova diante da ausência de parâmetros confiáveis para compará-la.

O que caracteriza o julgamento moderno não é que se julga a partir de critérios mas que, ao julgar, criam-se critérios. Na leitura como na escritura, o julgamento é uma questão de invenção.

Em relação a esses novos critérios de valores, Alcir Pécora, em “Análise literária requer pluralismo irreduzível”, publicado no *O Estado de São Paulo*, em 3 de dezembro de 2000, como o próprio título sugere, coloca a idéia básica da prática, como correlata de sua “crença num pluralismo irreduzível de valores e numa idéia primitiva de liberdade”. Ele entende o exercício sobretudo como efeito de uma escolha, seja ela racional ou não, mas nunca como simples execução de prescrições impostas por outros.

A partir daí, Alcir Pécora resume a hipótese particular de crítica animada como um movimento inventivo de ajuste ao objeto, sem pretender que haja nisso qualquer espécie de ato cientificamente neutro. E especificando mais seu conceito,

declara: “Gosto de críticas que fazem de si uma exigência de ajuste ao objeto em questão, que poderia ser nomeada também como exigência de ‘propriedade’”.

Assim, pode-se dizer, em relação aos críticos da obra de João Antônio, que eles se enquadram nesse perfil da prática crítica, que cria seus próprios critérios de leitura a partir do texto artístico joãoantoniano.

Em entrevista (*Correio do Planalto*, 27 abr. 1976), o próprio João Antônio reitera sobre a crise da crítica literária:

Veja bem: a função da crítica poderia ser grande, no Brasil, porque nós temos por aí grandes elementos que poderiam estar fazendo crítica. Mas, não tem onde escrever, a coisa fica meio jogada pra lá e -por outro lado- como há várias metodologias de crítica, aquelas que costumam aparecer são (entre nós) as que brilham exoticamente pela sua complicação. Novo são os estruturalistas. Mas uma porção de outros críticos objetivos e de outras metodologias, não estão aparecendo. Com isso, com esse negócio de aparecer só a fase estruturalista, a faixa semiótica, a crítica brasileira está antipatizada. Isso é ruim para a crítica, mas ainda é pior para a produção literária, para o escritores e para os poetas. No fundo estamos precisando encontrar lugar dentro dos veículos. Quer dizer: jornal, revista, se possível até televisão(...) Aí, daí porque não adianta falar em "boom" da literatura porque não temos uma infra-estrutura editorial, uma infra-estrutura crítica, cultural e não temos uma divulgação. Os jornais estão apostando num monte de coisas, mas não estão apostando em elementos culturais.

Em março de 1977, na edição número quatro da *Revista Extra* — *Realidade Brasileira*, aparecia em letras garrafais a seguinte inscrição “MALDITOS ESCRITORES!”. Entre eles estavam Chico Buarque, Plínio Marcos, Antônio Torres e João Antônio, entre outros.

Coordenada por João Antônio, esta revista é apenas um índice da posição do escritor paulista no cenário das letras nacionais. Isso se deve pela proposta defendida pelo escritor, em seu artigo “O buraco é mais embaixo” (1977, p. 4-5):

Entrei, se tanto, com a idéia inicial. Propunha como plano de trabalho um corpo-a-corpo com a vida, e que se estrepassem os sambudos, os doutores e os quiquiriquis da obra aberta. Tentava admitir, finalmente, que existe, ao menos, a obra atual, a obra de hoje, ou mais precisamente, que dá assunto. Será que de uma hora para outra, os indivíduos se estarão debatendo não mais para cantar o assunto, mas para fazer ou fazer-se assunto? E não será essa a única opção não repetitiva, não coagida pelo chamado estabelecimento? Efetivamente, por esse caminho, se chega mais perto de uma produção escrita de barra pesada, mais próxima ao murro e à porrada. E igualmente se ficarão mais longe dos modelos estrangeiros, deformadores e bem comportados.

Notamos que, ao contrário de Umberto Eco que propõe a abertura de significado de uma obra, João Antônio prefere, ou valoriza, a obra literária que traz consigo uma crítica social. Em outras palavras, a obra literária deve estar sempre vinculada ao seu plano social. É essa idéia que percorre toda a obra de João Antônio, autor comprometido com a realidade brasileira e por isso criador de um novo tipo de escritor que poderia ser chamado de profissional/batalhador. O escritor do submundo, do pivete, do malandro, do jogador de sinuca, dentre muitos outros tipos que compõem a cena do mundo da periferia, mistura o olhar dilacerante de um narrador que expõe o real “tal qual é”, como um repórter em busca de objetividade.

É importante salientar que João Antônio participa de uma época de imensa agitação político-social no Brasil. É a época do AI-5, da ditadura militar que define um modelo literário que irá valorizar um engajamento dos escritores da chamada geração de 70. É nesse cenário que aparecem João Antônio, José

Louzeiro, Waly Salomão, Renato Pompeu, dentre muitos outros. Sobre o assunto Hollanda & Gonçalves (1979, p. 57) pontuam:

A literatura de olho no jornalismo, a reportagem de olho na literatura. O romance reportagem expressa, em sua forma limite, uma tendência mais geral da ficção dos anos 70 em que se empenha numa espécie de neonaturalismo muito ligado às formas de representação do jornal.

A produção literária publicada em livro por João Antônio acontece em dois momentos. O primeiro seria aquele que envolve a publicação de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* em 1963 e a segunda seria aquela que compreende os demais livros que foram sendo publicados a partir de 1975 com a edição de *Leão-de-chácara*.

É importante observar que *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* está no início dos anos 60, antes da “revolução de 64”, enquanto que os outros, especificamente *Leão-de-chácara*, *Malhação do Judas Carioca* e *Casa de Loucos*, além do primeiro livro, alvos dos textos pesquisados nesse trabalho, estão depois de 1974, momento da distensão política.

Quando da publicação de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, o Brasil vinha de um período populista no qual havia uma boa produção cultural ao lado de grande atividade político-social. Foi a época da efervescência, em que os movimentos de associação comunitárias mantinham-se ativos. É o caso do CPC (Centro de Cultura Popular) ligado à UNE, a força do cinema e do teatro. “A organização de um amplo movimento cultural didático-conscientizador tomava forma em toda uma série de grupos e pequenas instituições que surgiam vinculadas a governos estaduais, prefeituras ou geradas pelo movimento estudantil” (Hollanda &

Gonçalves, 1979, p. 10). A aproximação que havia do PCB ao governo de Goulart ao lado da “corrupção e a incompetência administrativas que grassavam na vida pública e assolada pelo fantasma da ‘bolchevização’ do país” (Hollanda & Gonçalves, 1979, p. 10) são fatos levantados como motivadores do movimento desenvolvido por uma classe média tradicional que levou ao golpe militar de 64.

De outro lado, as manifestações culturais especialmente o cinema e o teatro tinham nesse período a idéia de que havia a necessidade de mostrar, apresentar a realidade tal como se apresentava socialmente. Daí a capacidade de denúncia da vida social. Na literatura, restringindo à narrativa, também há essa característica. Portanto a publicação de *Malagueta, Perus e Bacanaço* não é algo solto, gratuito; está, evidentemente, inserido no contexto.

O que se pode perceber é que as manifestações sócio-político-culturais que tiveram seu auge em torno de 68, embora sofrendo todas as conseqüências políticas, que já são historicamente conhecidas, são por essa época o resultado de uma crescente manifestação que tem seu início no final dos anos 50.

Desta forma não é de se duvidar que João Antônio estivesse influenciado por essa situação ao produzir *Malagueta, Perus e Bacanaço* em 1963. Conforme a opinião de Holanda & Gonçalves (1979), o urbano, tanto quanto a violência, permanecendo restrito à literatura, é uma temática típica do período dos anos 60.

Há um sentido muito próximo entre a proposta de cinema, especialmente manifestada por Glauber Rocha para o Cinema Novo, e aquela desenvolvida literariamente por João Antônio em *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Tematicamente, a preocupação que Glauber Rocha possuía ao querer desenvolver filmes com os quais se denunciaria problemas sociais de seu tempo, como forma

até de um compromisso estético, pode ser correlacionada com o plano de desenvolvimento da obra citada, onde não se teria apenas a gratuidade do vagar noturno de três personagens no principal texto que dá título ao livro.

A idéia desenvolvida por João Antônio, então, já teria o seu fomento no cinema e sendo, por conseqüência, comum ao pensamento de uma camada da intelectualidade brasileira da época. Essa aproximação com o cinema também é algo que pode ser notado no desenvolver das descrições das cenas e sua evolução no texto, que parece acompanhar o movimento de uma câmera.

Retornando à questão da proposta temática das artes cinematográfica e literária, parece que esta tem suas raízes no neo-realismo italiano em razão até mesmo das propostas e desenvolvimento de uma cultura de esquerda que se associa ao governo de João Goulart. Naquele momento, as classes de massa são objeto de atenção e a sua condição social é objeto de denúncia. Dentro desse processo, na literatura, podemos aproximar Dalton Trevisan, Luís Vilela, Nelson Rodrigues, aos quais Flora Sussekind (1985, p. 58) acrescenta inclusive Murilo Carvalho e Wander Piroli. Todos, a seu modo, atingem o mesmo ponto, a sociedade é questionada através de uma situação ético-moralista em que é colocado o homem. Situação essa que, ao mesmo tempo que o degrada, o leva a uma reflexão e, conseqüentemente, a uma outra postura. Ainda segundo Flora Sussekind (1985, p. 58), esse tipo de literatura, próxima ao jornalismo, teve um acolhimento popular significativo nesse período e não foram poucos os seus praticantes. O que essa literatura pretende, como disse Flora Sussekind, é “*retratar um Brasil nem sempre visível a olho nu*” (1985, p. 58). A preocupação dessa literatura, que não é exclusiva dos anos 60, aliás estende-se aos 70,

chegando algumas publicações nos anos 80, é negar-se enquanto ficção e afirmar-se como verdade” (1985, p. 57). Também é exatamente essa a preocupação revelada em *Malhação do Judas Carioca e Casa de Loucos*.

Em relação aos textos analisados, estes revelam a abordagem freqüente de alguns aspectos da obra de João Antônio: linguagem, retrato da realidade, ficção urbana, consciência de classe, filiação, lirismo, retrato da realidade, ficcionalização da biografia e ausência da metafísica. Entretanto, a maioria dos textos, descritos no capítulo anterior, abordam superficialmente todos esses aspectos. Os mais consistentes e, por isso os selecionados para uma análise mais minuciosa, são: "Malagueta, Perus e Bacanaço", de João Alexandre Barbosa, publicado em 17 de novembro de 1963, na seção "Perspectiva do Livro", do *Jornal do Comércio*, de Recife; texto de Nelly Novaes Coelho com título homônimo ao de João Alexandre Barbosa, publicado no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, em 5 de outubro de 1968; "João Antônio", de Assis Brasil, inserido nas páginas de sua *História crítica da literatura brasileira*, publicada no ano de 1975; "O livro que deu um soco em nosso crítico", de Leo Gilson Ribeiro, publicado no *Jornal da Tarde*, em 23 de agosto de 1975; "João Antônio: corpo-a-corpo com a vida", de Eliane Zagury, publicado no *Jornal do Brasil*, em 7 de fevereiro de 1976; "Malhação do Judas Carioca", de Caio Porfírio Carneiro, publicado em 24 de julho de 1976; "João Antônio: o vigoroso reconhecimento do fato (que é humano)", de Marcílio Farias, publicado no *Jornal de Brasília*, em 10 de dezembro de 1976; "Casa de loucos: momentos decisivos", de Ênio Silveira, primeiramente publicado como texto-orelha de *Casa de louco*, depois no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, em setembro de 1976.

Os quatro primeiros textos elencados acima foram escritos entre as décadas de 60 e 70 e mostram, de uma forma ou de outra, a preocupação de João Antônio quanto ao trabalho com uma temática que envolve a periferia de São Paulo e, ainda, a preocupação do escritor em recuperar a linguagem dos habitantes dessa periferia.

Assim sendo, “Malagueta, Perus e Bacanaço”, de João Alexandre Barbosa, inaugura uma crítica pautada na concepção criativa de João Antônio e sua relação com outros contistas, como Mário de Andrade, Alcântara Machado e Lima Barreto, que também tiveram a preocupação de focalizar o mundo periférico das grandes cidades e seus habitantes.

A aguda percepção de João Alexandre Barbosa servirá de base para toda a crítica posterior a respeito do escritor. Valorizar a linguagem e os temas do autor de *Malagueta, Perus e Bacanaço* significa valorizar todo o universo que percorre os contos inseridos nesta obra. As “armas” de João Antônio servem como a reinvenção de uma tradição literária já trilhada por outros escritores que tomaram as classes periféricas como tema de suas obras. O pícaro, o malandro, os marginais, entre outros excluídos, ganham, segundo João Alexandre Barbosa (17 nov. 1963), uma nova roupagem através da ótica de João Antônio:

A sua arte agarra pela raiz o significado dessas pequenas vida miseráveis que a organização social põe de lado, em um louco processo de desumanização e morte lenta Mas sem cair na lamentação chorosa ou no panegírico das frustrações. Tudo limpo, com picardia, para usar de uma palavra que lhe é muito querida.

João Antônio vai, desta maneira, mostrar a rivalidade entre dois mundos que ao mesmo tempo são tão próximos quanto distanciados, temperando o mundo do malandro com análise minuciosa de sua personalidade. Essa preocupação com

o (sub)mundo do malandro e o tumulto das cidades e suas gentes está interligada com o processo construtivo de João Antônio: uso de uma linguagem musical e enxuta, frases curtas, inseridas num estilo ágil e rigoroso.

Para tal estilo também aponta o ensaio de Nelly Novaes Coelho (5 out. 1968), “Malagueta, Perus e Bacanaço”, que seguindo a mesma linha de Barbosa, reflete sobre o processo construtivo de João Antônio, a partir da obra que dá título ao seu ensaio:

João Antônio vai trabalhando sua arte de dizer, de contar, descobrindo a cada momento mais e mais beleza na captação de algo, aparentemente, sem valor algum, mas cuja riqueza o seu olhar arguto não deixou passar. Coisas e gentes comuns, medíocres, apagadas...adquirem através de sua arte, comoventes dimensões.

Seres desconhecidos e comuns ganham uma dimensão grandiosa e superior nas páginas de João Antônio ou, como quer Nelly Novaes Coelho, o escritor alcança uma tensão muito grande ao focalizar flagrantes reais da própria vida numa linguagem direta, recheada de narrações e diálogos, ou monólogos, estruturados sob um ponto de vista cheio de ângulos e perspectivas.

Esse estilo gera uma sintaxe livre e dinâmica que dá um tempero todo especial à obra de João Antônio, produzindo uma linguagem viva concisa e dinâmica.

A partir dessa linguagem, que a princípio parece fragmentada, esconde-se um mundo que transcende a dura realidade dos habitantes dessa massa periférica que contorna as grandes cidades. O escritor cria, desta forma, uma nova visão sobre a realidade urbana e, ao mesmo tempo que pertence a uma tradição picaresca, inaugura, por outro lado, um estilo próprio e pessoal.

A opinião de Nelly Novaes Coelho a respeito de João Antônio entra, assim, em consonância com João Alexandre Barbosa no texto citado acima. Em outras palavras, os críticos começam a perceber a tessitura da obra de João Antônio e a dar um destaque a uma linguagem que renova uma tradição do malandro, ou do pícaro, na literatura brasileira. O destaque da obra de João Antônio é dado, deste modo, ao seu poder inovador em relação a um cânone já estabelecido, cânone esse que conta com as fortes presenças de Lima Barreto, Manuel Antônio de Almeida, Mário de Andrade, Alcântara Machado, entre muitos outros.

Nesse sentido, João Antônio entra para a lista dos mais importantes autores da literatura brasileira ao figurar no ensaio de Assis Brasil intitulado “João Antônio”, que fará parte da obra *História crítica da literatura brasileira*, publicada no ano de 1975. Aqui o escritor de “Malagueta, Perus e Bacanaço” ganha a condição de um dos escritores mais inovadores no cenário do novo conto brasileiro:

Mas o que realmente fica da literatura de João Antônio, de sua incisiva interferência artística da vida, é a captação do tipo marginal, do malandro vivo e cheio de expedientes, e é aqui que ele se afasta da Alcântara Machado, pela consciência social mais próxima da realidade de hoje. E bastaria a narrativa **Malagueta, Perus e Bacanaço**, a história humana e tumultuada de três malandros para dar a medida do ficcionista João Antônio. Os tipos são uma espécie de três mosqueteiros marginalizados, e como marginais criam uma outra “realidade” onde possam atuar com seus expedientes e fugas — o mundo que os expeliu é que cria a sua nova perspectiva de vida.

Esse novo modo de encarar a “realidade” que sustenta o estilo de João Antônio também está nas críticas feitas de Barbosa e Novaes Coelho. O estilo de João Antônio é um ponto de grande importância para sua obra, pois é ele o gerador de sua originalidade criada.

Assim, o papel de valorização de João Antônio nas letras nacionais ganha ainda mais consistência através da crítica de Assis Brasil (1975, p. 113), que o seleciona como um dos maiores contistas brasileiros ao lado de Rubem Fonseca. Nesse sentido o crítico declara:

E o livro de João Antônio se fecha, deixando no leitor e no crítico a marca de sua ficção, num tempo em que as superficialidades estilísticas têm feito da literatura um código esotérico.

Depois de dez anos dedicando-se ao jornalismo, por questões de sobrevivência, mas sem nunca deixar o jornalista matar o escritor, João Antônio volta à cena da literatura, em 1975 quando, é lançado, pela editora Civilização Brasileira, a obra *Leão-de-chácara*, que vem patentear a importância e a inventividade deste contista.

Leo Gilson Ribeiro, com o artigo de nome sugestivo “O livro que deu um soco em nosso crítico” (23 ago. 1975), vem mais uma vez demonstrar o caráter inventivo de João Antônio, afirmando:

É um universo único talvez na literatura brasileira, o desse paulista de meia-idade, que extrai de seu próprio habitat uma experiência literária que, pela sua densidade, pela sua virilidade e pela sua permanência só tem comparações — embora exageradas se se quiser equiparar valores — às de Céline e às de Genet.

Observamos, aqui, que o escritor paulista passa da condição de um dos melhores contistas brasileiros para um cenário mundial, comparado a outros escritores de peso para as letras ocidentais.

É dever notar que Leo Gilson Ribeiro (23 ago. 1975) vai destacar que João Antônio “passa uma rasteira” naqueles romances de entretenimento apenas e

consegue galgar algo mais puro e mais importante que é o de dar vez aos miseráveis, assim como fez Dickens ou Victor Hugo:

Só o diário semi-analfabeto de Carolina de Jesus, na favela do Canindé, em São Paulo, dá uma sensação tão aniquiladora de luta de fera, de encarniçada disputa com os abutres pelo monte de detritos que a poluição acumulou como sobras para os que são, eles próprios, sóbras, escórias, de uma humanidade emperdenida.

No ano seguinte, João Antônio determina algumas mudanças na sua produção literária, objetivadas em *Malhação do Judas Carioca* e *Casa de Loucos*. A nova postura literária aparece justificada no texto intitulado “Corpo-a-corpo com a vida” do primeiro livro citado. Trata-se de um ensaio de literatura brasileira, no qual o escritor reafirma o conceito de que uma literatura é uma decorrência da estratificação da vida de um povo, revela sua filosofia de que o homem tem de ser o epicentro do mundo, de que escrever é passar a limpo certas diferenças. Por tudo isso, acredita que o que deve determinar uma forma é o conteúdo. O seu estilo, agora une jornalismo e literatura, para dar conta de retratar a realidade brasileira no nível da tragédia do nosso país. Nesta linha, para citar alguns escritores que também retratam uma realidade social fragmentada, podemos incluir Rubem Fonseca, Wander Piroli, Ignácio de Loyola Brandão, Oswaldo França Junior, Sergio Sant’ana.

Dessa forma, a recepção crítica dessas obras vai se deter nesses aspectos. Entre os críticos que se debruçaram sobre elas, podemos destacar: Eliane Zagury com “João Antônio: corpo-a-corpo com a vida”, publicado no *Jornal do Brasil*, em 7 de fevereiro de 1976; Caio Porfírio Carneiro, com “Malhação do Judas Carioca”, publicado no *Jornal de Santa Catarina*, em 24 de julho de 1976;

Marcílio Farias, com “João Antônio: o vigoroso reconhecimento do fato (que é humano)”, publicado no *Jornal de Brasília*, em 10 de dezembro de 1976, e Ênio Silveira, com “Casa de Loucos: momentos decisivos”, publicado no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, em setembro de 1976.

Eliane Zagury, no seu texto, discute a questão do gênero em *Malhação do Judas Carioca* e apontando os mesmos objetivos da crônica medieval e renascentista portuguesa, que trata de relatos dos acontecimentos históricos e sociais. Assim, ela sugere que esta obra funciona como um estudo sociológico e histórico, uma vez que João Antônio informa, sem deformar esteticamente a sua matéria.

A estudiosa avalia a mudança que João Antônio apresenta nesse livro: “Mudou o tom, mas o interesse com que se lê é o mesmo. Podemos mergulhar no livro descansados que vamos encontrar literatura boa”.

João Antônio muda o tom, mas reafirma seus ideais enquanto cidadão e escritor, com o posfácio intitulado “Corpo-a-corpo com a vida”, que, para a estudiosa, revela-se como uma justificativa dessa mudança: “Para justificar-se e justificar sua mudança, chega a escrever um verdadeiro manifesto de compromisso temático com a realidade popular brasileira”.

Numa tentativa tímida de polemizar, critica, rapidamente, tal comportamento, mas acaba desconstruindo a sua crítica inicial quando assume o discurso de João Antônio (7 fev. 1976):

Pena que, para se afirmar, tenha precisado desmerecer tanta gente fora de sua programática. Ou aparentemente fora, pois não existe apenas uma forma de “corpo-a-corpo com a vida”.

A desconstrução vem logo a seguir (7 fev. 1976):

Mas, não creio que João Antônio se tenha expressado com ingenuidade. Carregou a mão por veemência, pois sem dúvida estamos atravessando um período em que paira no ar um formalismo vazio, verdadeiramente assustador.

Imediatamente, ela insere a obra em uma categoria (crônica), mas também imediatamente abandona a preocupação formal, direcionando sua análise para o conteúdo, que justamente apresenta tal inquietação como inválida, diante da denúncia social a que a obra se propõe.

Assim, essa rendição aos argumentos do conteúdo mostra que a visão crítica de Eliane Zagury, que por alguns momentos parece ser paradoxal, acaba sendo conduzida pela visão literária que João Antônio explicita neste texto.

Ao apresentar o livro *Malhação do Judas Carioca*, a partir de um resumo do texto “Corpo-a-corpo com a vida”, que, por sua vez vai esclarecer os mecanismos literários nos quais João Antônio acredita, e a partir dos quais a obra é construída, Zagury acaba se isentando do seu papel crítico, uma vez que o conteúdo funciona como uma metacrítica da obra.

Da mesma forma que Eliane Zagury procura categorizar a obra *Malhação do Judas Carioca*, Caio Porfírio Carneiro (24 jul. 1976), também se lança na tarefa de conceituar esta produção, sob um tom ensaístico e profundamente parcial. A partir de diálogos com outros textos críticos, Caio Porfírio Carneiro assume a posição de defesa da obra, buscando desconstruir muitos julgamentos negativos sobre o livro, a partir de um posicionamento metacrítico:

Este terceiro livro de João Antônio, se não se nivela, dentro do conceito estritamente literário, a Malagueta, Perus e Bacanaço e Leão-de-chácara, guarda o seu valor próprio, particularmente porque nos

revela por inteiro, a maneira como o autor observa e retrata a galeria de criaturas humanas.

Mas, contra esse argumento, o escritor (*A Gazeta*, 18 abr. 1976) se rebela:

Aqui no Brasil, a gente tem muita tendência de vestir uma roupa no sujeito e depois o cara não pode deixar de ser aquilo. Foi por isso que eu publiquei o *Malhação do Judas Carioca*, para provocar muito. Provocar mesmo (...) Porque me mitificam, e eu me coloco na obrigação de ter de escrever sempre melhor, ou no mínimo, mantendo a mesma qualidade do livro anterior, e isso é um desafio constante.

Continuando a desconstrução do negativo para realçar o positivo, o crítico comenta:

Se em verdade *Malhação do Judas Carioca* não insere, como obra, dentro – digamos – dos padrões da didática literária, insere-se sem dúvida dentro do melhor jornalismo literário.

Dessa forma, além de inserir a obra numa categoria (jornalismo literário), o crítico, diferente de Eliane Zagury, revela uma nova visão da obra, onde o lirismo aparece como aspecto imprescindível para a caracterização transcendental que ele pretende enfatizar: “É produção lírica, poética, atroz e sufocante”.

Esse lirismo se dá dentro de um bom tom que João Antônio consegue imprimir em sua obra. Para ilustrar isso, o crítico usa pares de adjetivos que se contrastam levemente – “apurado sem ser precioso”, “fluyente sem ser derramado”, “objetivo sem ser descarnado” – para caracterizar o estilo apresentado pelo escritor em *Casa de Loucos*, que também sutilmente transcende ao simples documentário.

Esse sopro lírico, que segundo o crítico é imanente em João Antônio, aparece como um dado novo nessa obra. Quando se trata de textos críticos sobre a

obra joãoantoniana, a regra é ressaltar a prodigiosa capacidade do autor em não se render ao subjetivo em prol de um retrato fiel da realidade, como por exemplo as seguintes considerações de Carlos Augusto Corrêa (*Tribuna da Imprensa*, 19 mai. 1976):

O discurso indireto, o abuso estilístico dos adjetivos, seus personagens, todos os protagonistas de um todo coerente, daí os verbos concorrendo para o enfoque dos mesmos, e, por conseguinte, evitando o subjetivismo do eu, tudo se relaciona, no sentido de se obter maior tensão, dinamismo e referência.

Percebe-se então, que esse crítico resalta o enfoque do repórter-agora, ansioso em fotografar, sem muito burilamento, o mundo à margem de nossa gente. Dessa forma, ele valoriza uma ausência de lirismo na obra, que para Caio Porfírio Carneiro não é real.

A emoção e a palpitação que Corrêa vê nesta obra é a mesma com que ele constrói seu discurso crítico. O lirismo está presente também na sua linguagem ao tratar de *Malhação do Judas Carioca* (19 mai. 1976):

Malhação do Judas Carioca é assim matéria prima, amostragem direta e verdadeira da argila da qual se vale João Antônio para modelar suas excelentes criações literárias.

Percebemos, assim, um crítico que esmiuça a “matéria prima” utilizada por João Antônio, se prendendo, desta maneira, mais ao conteúdo do livro.

Em *Casa de Loucos*, assim como em outros livros, João Antônio continua o mesmo corpo-a-corpo com a vida, acima e para além dos “ismos”. Continua achando que fora das fontes populares não haveria salvação para uma escritura

realmente brasileira. Sobre esta obra, num diálogo com o texto de Caio Porfírio Carneiro, João Antônio (*Jornal do Comércio*, 6 jun. 1976) completa a metáfora:

Um crítico observou diante de *Malhação do Judas Carioca* que ali revelo a argila de que se compõem os personagens de meus contos. A julgar por essa ótica, direi que em *Casa de Loucos* eu lhes revelo a carne e o espírito.

A partir desse comentário, percebemos que o escritor continua atento e interessado pelos estudos da sua obra. Ainda a respeito dessa comparação entre *Malhação do Judas Carioca* e *Casa de Loucos*, ele esclarece (6 jun. 1976):

Vamos dizer que este meu quarto livro é uma espécie de outra face do meu *Malhação do Judas Carioca*, a barra mais pesada, o passo mais definitivo, o tiro com endereço certo.

Percebemos nesta definição a confirmação rigorosa e fiel a si próprio e ao sentido que decidiu imprimir à sua carreira literária. E sobre tal convicção, Ênio Silveira, em "*Casa de Loucos* : momentos decisivos" (*Correio Brasiliense*, Brasília, 4 ago. 1976), já antes publicado como texto-orelha da obra, faz a sua avaliação:

João Antônio, êmulo declarado de Lima Barreto, mais e mais abandona as elevadas altitudes do formalismo estilístico ou os vales sombrios e profundos de seus próprios conflitos interiores, para sair em campo-repórter – com olhos para ver, coração para sentir e cabeça para pensar.

Assim, além de desvelar o processo criativo de João Antônio, no qual o tema determina a forma, Ênio Silveira vai didaticamente mostrar como o livro deve ser lido:

Tudo se explicará nas releituras que *Casa de Loucos* antes exige do que pede. A medida que vamos praticando novas abordagens, lendo as matérias seqüência que melhor nos pareça, ou que indefinível capricho determine, a alternância de claro e escuro, de doce e amargo de jocoso e patético acabará nos revelando o livro, mais do que engenhosa collage, é um vigoroso painel da arte e do sacrifício de sermos brasileiros neste estágio de nossa história social.

A composição harmoniosa do painel mencionado pelo crítico, relaciona-se à capacidade de João Antônio em produzir um trabalho com flagrantes que eternizam momentos decisivos, um trabalho universal que dá permanência ao instantâneo. E na sua grande visão de artista, era, realmente, esse o objetivo de João Antônio (*Jornal do Comércio*, 6 jun. 1976):

Hoje posso, com certa tranqüilidade, nestes tempos de susto (mais que assombro) dizer que o escrito está pronto e que, passando tanto tempo, ainda ficam de pé sozinhos.

Ainda dentro da universalidade que a obra apresenta, Ênio Silveira valoriza o aspecto humano do fato, que sustenta a obra, já que os textos de *Casa de Loucos* nos “colocam diante da obrigação de, sendo homens, sermos também humanos”.

Marcílio Farias , por outro lado, tenta uma explicação para isso em "João Antônio: o vigoroso reconhecimento do fato (que é humano)", publicado no *Jornal de Brasília*, em 10 de dezembro de 1976, apontando que os caminhos do estilo de João Antônio em *Casa de Loucos* não respondem a nenhum dos parâmetros rígidos da crítica estacionária.

O próprio escritor sempre deixou claro que as pretensões criativas não passam nunca pelos “ismos”. Mas, em relação a esse aspecto, que salta aos olhos muito mais nesta obra, nenhum estudioso havia se dedicado. Marcílio Farias é o

primeiro a ler *Casa de Loucos* sob uma ótica humanista, desvendando a ideologia artística muitas vezes nebulosa em meio às posições polêmicas expressadas pelos críticos, a respeito da categorização da obra. Ele não se perde na preocupação de simplesmente classificar, nomear a escrita de João Antônio, como muitos o fizeram, propondo-se a um escavamento do texto, mostrando o processo criativo acontecendo a partir da “re-criação” do fato jornalístico (10 dez. 1976):

Aqui vale prolongar a digressão sobre o passo-adiante que é Casa de Loucos como desmistificação da intocável (ou pelo menos era julgada assim) “verdade jornalística”: o fato. A retomada (pela palavra) do contemplado (ou vivido) é um outro ato, um novo fato – só que um fato de criação.

Também aqui, como no texto de Caio Porfírio Carneiro, Farias apresenta o que transcende o fato real, o processo de criação joãoantoniano, que transforma o fato real em fato humano, enfim o processo pelo qual *Casa de Loucos* se torna universal:

Reportagem? Conto? Narrativa? As prisões conceituais do estilismo crítico diluem-se na atração que cada palavra revela no universo além-conceito que o próprio conceito desvenda. Salto.

Marcílio Farias percebe as malhas do texto e distanciando-se das tradições estilísticas, vê que a palavra de João Antônio apresenta o máximo de liberdade que se pode conceder ao dizer e que seu objetivo literário nasce do reconhecimento emocionante do fato, que é provavelmente a mais imediata e natural das emoções.

Dessa forma, para o crítico, *Casa de Loucos* representa a liberdade de uma manifestação artística que dignifica, pela sinceridade, a existência de uma parte dos seres humanos, ainda que tudo acontece dentro de uma dialética.

Ao detectar o “salto” que João Antônio dá em *Casa de Loucos*, Marcílio Farias também dá um salto dentro do panorama da crítica sobre o mesmo. Este avanço acontece quando ele arranca a couraça pesada que os fatos reais apresentam ao crítico desavisado sem saber como e porquê se dá e desvela a consciência humanista que está por trás da obra (10 dez. 1976):

O que é singular na obra de João Antônio é sua fidelidade ao que não é estático de jeito nenhum: ao aberto, sem receios (medo até, pode ser) mas com muita coragem. Solidário, João Antônio se esforça a cada palavra, a cada parágrafo; a cada nuance, em estar próximo, e no mínimo dizer: “você não está só”.

Assim, o crítico sem atribuir um tom de sentimentalismo à obra, enfatiza o profundo sentimento solidário que João Antônio apresenta pelo homem. O escritor sempre repetia em suas entrevistas: “o homem é o centro do mundo”.

Finalmente, como que se rendendo às inesgotáveis possibilidades de teorização da produção artística de João Antônio, Farias acaba colocando a obra, *Casa de Loucos*, num pedestal onde a crítica, segundo ele, jamais chegará complementarmente:

Formando um binômio irresistível com a coragem de ser antes de mais nada um apaixonado pela vida, se poderia dizer que o esforço criador de João Antônio não se esgota nem se esgotará nunca nos estreitos parâmetros da teoria sobre suas palavras.

Dessa forma, dá indícios de que todo texto teórico que tratar da obra sempre se apresentará incompleto, porque o óbvio sempre ocultará algo transcendente, essencial. Mas, ao contrário desta constatação, o seu texto possibilita esse avanço, vai ao indizível, ao sonho, sem limitar sua leitura numa visão panfletária da obra de João Antônio.

Notamos assim que os ensaios aqui destacados, servem para dar-nos uma linha da trajetória percorrida pela crítica e recepção de sua obra, no período de 1963 a 1976. Vimos que a obra de João Antônio é inserida, principalmente pelos textos de João Alexandre Barbosa e Nelly Novaes Coelho, num plano nacional; o escritor paulista é “canonizado” por Assis Brasil; é colocado frente a uma literatura universal pelo ponto de vista de Leo Gilson Ribeiro e de Ênio Silveira; recebe o aval de Eliane Zagury para a sua teoria do “corpo-a-corpo com a vida”; tem sua consciência humanista revelada por Marcílio Farias e, por fim, o lirismo inédito de seu *Malhação do Judas Carioca* desvelado por Caio Porfírio Carneiro.

Sob essas perspectivas, os críticos revelam um escritor que problematiza a questão de gênero, o processo ficcional e cultural, numa indagação constante e nervosa sobre os rumos tomados pela moderna ficção brasileira.

Observamos, portanto, que o trabalho de João Antônio merece um grande destaque, porque a crítica o recebe de uma forma receptiva e valoriza as qualidades de um escritor que une fluxo vocabular à preocupação documentária (necessidade de registrar termos populares, grafar as fala do povo, por exemplo), que transcende a representação pacífica e neutra do (sub)mundo retratado, enfim, que renova o tratamento de temas urbanos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer de sua vida privada e pública, João Antônio acumulou documentos gerados e recebidos por ele, sendo esses, portanto, testemunhos de fatos significativos ocorridos em sua trajetória existencial, espelhos de sua época. Bennet (1979, p. 8) diz que no "desenvolver de nossas vidas, inúmeros são os documentos, as lembranças, os valores que precisam ser guardados". Assim, o colecionador, João Antônio, reuniu documentos, dando-lhes uma certa ordenação. Esses documentos por ele eram manipulados e por ele foram retidos por toda a sua vida, mantendo total controle sobre sua coleção, que reflete aquilo que ele pensava. E no ato de formar os seus dossiês arquivísticos, adotou critérios que expressam o seu espírito.

Com referência a esse aspecto de João Antônio, os autores do texto "A vontade de guardar: lógica de acumulação em arquivos privados" (1986, p. 62) afirmam que

o colecionador constitui sua coleção de documentos segundo critérios que administrativo (economia, eficiência, etc), orgulho, fantasia e até mesmo senso histórico. De qualquer forma, o colecionador constitui sua coleção como parte de si mesmo, segundo um movimento que é, em primeiro lugar, um exercício de controle sobre os eventos e que pode ainda estar exigindo sua eternidade enquanto indivíduo, cujo único critério de afeição e sólida garantia, é exatamente a memória.

Esta última faz-nos lembrar uma das palavras-chaves deste trabalho e possibilitar uma reflexão sobre a passagem da recontextualização. Todo documento exige, para ser significativo, uma recontextualização – especialmente no caso do arquivo escrito – que implica que sejam examinadas séries mais ou

menos completas para se compreender a lógica, no tempo e no espaço, do autor que produziu este ou aquele documento.

Observando a análise de Rousso (1996, p.90)

podemos nos prevenir contra o fetichismo do documento, tão difundido em nossos dias, e que caminha lado a lado com a obsessão, igualmente suspeita, de uma transparência absoluta – uma palavra que é aliás problemática, pois tornar alguma coisa transparente é também torná-la invisível... Nenhum documento jamais falou por si só: este é sem dúvida o clichê mais difícil de combater e o mais difundido. Existe um abismo entre aquilo que o autor de um documento pôde ou quis dizer, a realidade que esse documento exprime e a interpretação que os historiadores que se sucederão em sua leitura farão mais tarde: é um abismo irremediável, que deve estar sempre presente na consciência pois assinala a distância irreduzível que nos separa do passado, essa terra estrangeira.

Tendo como base esse processo, a confecção do arquivo, contendo a bibliografia sobre João Antônio, foi uma ação objetiva, que visava a recontextualização desta bibliografia. Tal ação aconteceu embasada na consciência da existência do abismo que separa as reflexões críticas sobre João Antônio inseridas num passado e os estudos sobre sua obra, do presente. Portanto, as reflexões tecidas neste trabalho preservaram o conteúdo do que se escreveu sobre João Antônio de 1963 a 1976.

Esse processo é significativo na medida em que facilita a pesquisa de estudiosos que encontrarão esse conteúdo sistematizado e a partir dele construirão sua visão crítica no presente.

Por outro lado, o pesquisador poderá utilizar-se estatisticamente dos dados relacionados à categorização dos textos, que pelo grande número de títulos que

tratam da vida pessoal das idéias de João Antônio , denota o reflexo do esforço de um escritor que bravamente reivindicou um olhar mais atento para a sua obra.

O estilo que João Antônio apresenta em *Malagueta, Perus e Bacanaço e Leão-de-Chácara* e o estilo “polêmico” que adota ao produzir *Malhação do Judas Carioca* e *Casa de Loucos*, foi assunto de muitas reportagens e entrevistas, mas, infelizmente, alvo de poucos esforços críticos.

Procurando interpretar o trabalho de João Antônio, os textos críticos pesquisados apresentam, expressões quase explicativas dos significados que permeiam sua ficção: "clássico velhaco", "escritor do submundo", "autor da marginalidade", "que trabalha com o lixo da vida", "que escreve como um soco", "escritor-mito da literatura brasileira", "Dickens que não terminou o mobral", "*globe-trotter* literário", "Guimarães Rosa urbano", "Rabelais da Boca do Lixo", "Hemingway brasileiro", "marginal sem folclore", "vedete do momento literário brasileiro" e "o homem do momento".

Se por um lado, essas expressões promovem sua valoração, também realizam o grande mérito de, ao mesmo tempo, informar muito e pouco sobre os textos do autor. Informam muito, ao sintetizarem interpretações criativas e reveladoras da ficção de João Antônio. Nesse caso, tais expressões abarcam todos os sentidos, revelando e camuflando, simultaneamente, o desenvolvimento da significação que sustenta seus textos. Conduzem a interpretações sem, muitas vezes, justificá-las. Pouco, porque desvelam precariamente a textura significativa dos contos. Assim, estas costumam desvalorizar as articulações das malhas do texto que, ao se inter-relacionarem organizam suas estruturas significativas.

Desse modo, a crítica tem contribuído, relativamente pouco para a análise efetiva dos textos do trabalho desse autor, apesar das expressões de efeito que pretendem formular grandes sínteses interpretativas. Os textos críticos pesquisados, no seu conjunto, conseguem mostrar muito bem a ausência de análise efetiva da ficção joãoantoniana, com exceção dos textos analisados no capítulo “João Antônio em perspectiva”.

Entretanto, independente do crítico e da sua capacidade de exposição crítica, João Antônio parece ter conseguido uma unanimidade quanto à qualidade de sua produção literária entre os críticos apresentados. Sempre procurando fazer com que o seu leitor, comparsa, entenda que essa é a forma com a qual procura acordar o incauto, fazê-lo ao menos refletir sobre a existência de uma sociedade vitimada pela hierarquia social. A crítica, a que se percebe, não ignorou esse esforço e ao expô-lo metacriticamente ajuda o escritor no seu intuito. É também cúmplice.

5. BIBLIOGRAFIA COMENTADA

SASSI, Wilmar Guido. Os contos de João Antônio (1). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 24 jun. 1963.

- (2a) Trata da estréia de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, cujo conto título merece a atenção do crítico. Para provar que é o mais bem realizado do livro, faz uma resenha crítica do mesmo.

SASSI, Wilmar Guido. Os contos de João Antônio (2). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 25 jun. 1963.

- (2a) O autor volta a referir-se ao conto “Malagueta, Perus e Bacanaço” como a melhor das histórias de João Antônio. Posteriormente, numa análise comparativa entre este e Antônio de Alcântara Machado, mostra quanto diferem as obras dos respectivos autores, restando apenas um ponto em comum entre eles: a semelhança dos títulos de seus livros.

SASSI, Wilmar Guido. Os contos de João Antônio (3). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1963.

- (2a) Partindo de uma reflexão sobre a “busca” que anima as personagens de João Antônio, o autor faz uma breve análise dos contos: “Busca”, “Afinação da Arte de Chutar Tampinhas” e “Fujie”. Este estudo, como todos os outros de Wilmar Guido, se fazem em um tom de apologia ao escritor.

BRASIL, Assis. Romancista na véspera. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 jun. 1963.

(2a) Neste estudo, o crítico aponta, além dos aspectos positivos de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, algumas falhas que dizem respeito à ausência de uma unidade qualificativa no livro e a narração em primeira pessoa, que, segundo o crítico, denunciam um memorialismo e uma repetição da psicologia e das ações. Salienta, porém, que o melhor da ficção de João Antônio está nas narrativas em terceira pessoa, como por exemplo em “Malagueta, Perus e Bacanaço” e “Frio”. Sem negar as qualidades de contador do escritor, Assis Brasil sugere que o autor desempenharia melhor trabalho como romancista.

SASSI, Wilmar Guido. Os contos de João Antônio (4). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 27 jun. 1963.

(2a) A partir de um resumo dos contos: “Retalhos de Fome Numa Tarde de G.C.” e “Natal na Cafua”, o crítico procura evidenciar a ternura que envolve o ambiente embrutecido da caserna, local onde ocorre a ação dos dois contos.

SASSI, Wilmar Guido. Os contos de João Antônio (5). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 28 jun. 1963.

(2a) O enfoque principal deste estudo é a terceira parte de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que compreende, além da história título, os contos: “Frio”, “Visita” e “Meninão do Caixote”. Segundo o crítico, esta é a parte mais importante do livro de João Antônio, na qual a linguagem coloquial e o lirismo aparecem como pontos marcantes na construção dos textos.

BARBOSA, Rolmes. (Sem título). *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 29 jun. 1963.

- (2a) O que se evidencia neste texto é o poder de estilização de João Antônio em relação ao seu livro de estréia. Tal poder, segundo Rolmes Barbosa, dá novas dimensões aos tipos, além de revelar uma técnica em fixar os flagrantes da vida que lembra a de certos desenhistas.

SAVAGET, Edna. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 30 jun. 1963.

- (1b) A partir de depoimentos de João Antônio sobre a vida, a morte, a literatura e Deus, Edna Savaget, além de elogiar a autenticidade com que o real é tratado em *Malagueta, Perus e Bacanaço*, tece considerações sobre a forma como o autor expressa o que sente, ama e sofre.

SANTANA, Sadi Carnot. Vagabundagem ganha três reis. *Edição Extra*, São Paulo, 6 jul. 1963. p. 24.

- (2a) Em relação a *Malagueta, Perus e Bacanaço*, o crítico analisa o material humano que povoa o livro, ressaltando sua posição marginalizada na sociedade, a de quem acaba desenvolvendo uma vocação malandra para obter algum êxito social. De forma poética, tece, ainda, um histórico do *Prêmio Fábio Prado* concedido a esta obra de João Antônio.

MENDES, Arnaldo. Um cronista de São Paulo. *Última hora*, São Paulo, 13 jul.1963. p.11.

- (2a) O estudioso faz um paralelo entre a ficção de Marques Rebelo e a de João Antônio. Mostra que como Rebelo, João Antônio povoa o seu mundo com

a pequena burguesia e o proletariado, apresenta a mesma motivação: enquanto o primeiro é por excelência o cronista carioca, o segundo dá à literatura o timbre de paulistanidade.

MILLIET, Sérgio. Alguns malandros. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 jul.1963.

(2a) O olhar do crítico, neste texto, se detém sobre as inovações apresentadas pelo livro de estréia de João Antônio. Enfatiza que o escritor, diferentemente de autores românticos, de Antônio de Alcântara Machado ou mesmo de Mário Neme, sabe cantar a sua terra simplesmente, com realismo, sem cair no sentimentalismo. A novidade, segundo o crítico, está também na linguagem popular que utiliza para dar vida aos seus heróis universais, também diferentes dos filhos de imigrantes apresentados por Alcântara Machado.

PEDROSO, Bráulio. São Paulo tem o seu romancista. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 16 ago. 1963.

(2a) Para embasar sua constatação de que com *Malagueta Perus e Bacanaço*, João Antônio se consolidou como o romancista de São Paulo, o estudioso mostra que até a estréia deste nenhum outro escritor tinha captado o típico paulistano. Segundo Bráulio Pedroso, Alcântara Machado apresenta histórias caricatas e anedóticas, nas quais o “italianinho” é visto por um ângulo meramente turístico, enquanto que João Antônio escreve com a veracidade de quem já experimentou sua própria ficção.

ENFIM uma esperança. *Visão*, São Paulo, 13 set. 1963.

- (2a) Este texto trata da peculiaridade com que João Antônio conseguiu retratar São Paulo em seu livro de estréia. Segundo o autor, a partir de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que mostra no particular o universal, o paulista não mais invejará o Rio de Janeiro de Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, João do Rio, Lima Barreto e Marques Rebelo.

CUNHA, Fausto. Um estreante. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 12 out. 1963.

- (2a) Tratando do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, Fausto Cunha faz uma crítica bastante negativa da obra. Neste sentido, observa que a obra parece ter sido produzida visando apenas ao público paulista, deixando o leitor de outros estados um pouco indiferente. Em relação à estrutura, critica a falta de um estilo próprio, que o faz produzir contos tendendo ao episódico e ao incidental. João Antônio teria, no entanto, possui uma qualidade que contrabalança tudo: autenticidade vivencial.

BARBOSA, João Alexandre. “Malagueta, Perus e Bacanaço”. *Jornal do Comércio*, Recife, 22 nov. 1963.

- (2a) João Alexandre Barbosa divide seu estudo relacionado a *Malagueta, Perus e Bacanaço* em dois momentos. No primeiro, tece um panorama crítico do livro como um todo, depois se atém ao conto-título, para avaliá-lo como o melhor. Considera que os contos de João Antônio ultrapassam fáceis parentescos com Mário de Andrade e Alcântara Machado, pois a linguagem utilizada pelo primeiro revela a sabedoria com que trata o material apresentado nas histórias. Por conseqüência, os resultados da

construção do seu texto seriam: linguagem que contrabalança força e lirismo (sintaxe coerente), ausência de sentimentalização e a criação que vai além do cotidiano e rigor da construção. Em relação ao conto-título, o estudioso faz uma resenha crítica do mesmo, ressaltando tanto os aspectos estruturais quanto semânticos. Assim, a partir de uma comparação entre este texto e o outros que se seguem, percebe-se que o primeiro aparece como a base, o marco da crítica relacionada a *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

ROSSET, José Paschoal. “Três cafés fiados”. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 15 fev. 1964 .

- (2a) Segundo esta resenha, diferentemente do restante da intelectualidade, João Antônio assume a responsabilidade social de sua tarefa. Sem criar seus personagens e ambiente, pela vivência que teve com estes, apenas os utiliza como instrumento de trabalho. Assim, as mesmas características do romance regionalista de Guimarães Rosa são encontradas no romance citadino de João Antônio. Ainda enfocando a importância da estréia de João Antônio, o crítico ressalta, apoiando-se em alguns trechos de seus contos, que, apesar de ser um autor engajado, nunca abandona o aspecto humano de seus personagens, seus dramas e introspecções.

CALDAS, Imanoel. João Antônio – Contista da Malandragem Paulista. *Jornal de Alagoas*, Alagoas, 29 nov. 1964.

- (1b) O autor discorre sobre a boa recepção que teve o livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, tanto por parte do público quanto da crítica. Cita algumas

considerações dos julgadores do *Prêmio Fábio Prado* e de Mário da Silva Brito acerca da obra de João Antônio, além de apresentar sua própria visão sobre o livro. Por fim, compõe uma biografia do autor, elencando todos os prêmios que este havia ganhado até então.

ALVES, Helle. “Malagueta, Perus e Bacanaço”: João Antônio recebe novos prêmios. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 6 dez. 1964. p. 3.

(2a) Em seu comentário sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço*, a autora considera merecido todos os prêmios atribuídos a este livro. Reafirma sua posição mostrando o valor desta por meio de uma breve análise do tema, da linguagem e da construção da obra.

“MALAGUETA, Perus e Bacanaço” fizeram a glória de um João. *A Gazeta Esportiva*, 24 jan. 1965.

(1a) A partir de um depoimento de João Antônio carregado de existencialismo, o autor, além de discorrer sobre o modo peculiar deste encarar a vida e a profissão, comenta as premiações do seu *Malagueta, Perus e Bacanaço*, que o tornaram o escritor mais laureado de 64.

GOMES, Edson José. João Antônio: Garra e Nomadismo. *Leitura*, mai./jun., 1965.

(1a) Nesta entrevista, introduzida por comentário acerca dos dados biobibliográficos de João Antônio, o repórter conversa com o autor sobre sua ficção, sua vivência com os malandros, sua influência e sua linguagem.

ROMANCISTA perfeito. *Jornal de Alagoas*, Alagoas, 13 jun.1965.

- (1b) Trata-se da apresentação de uma novela inédita escrita por João Antônio, “Camaradinha preto de um malandro”. Como introdução, o autor tece uma breve bibliografia do contista.

ALMEIDA, J. de. João Antônio. *Diário da Tarde*, Belo Horizonte, 21 set. 1965.

- (1a) O autor faz um breve comentário sobre a entrevista de João Antônio a Edson Gomes, publicada na revista *Leitura*, transcrevendo por fim a pergunta e resposta sobre as influências do contista.

CALDAS, Imanoel. João Antônio. *Jornal de Alagoas*, Alagoas, 9 nov. 1965.

- (1b) Trata das publicações de João Antônio, além de trazer o transcrição de uma carta do escritor a Imanoel Caldas, onde João Antônio fala do seu amor pela música popular brasileira e da sua profunda admiração por Dalton Trevisan.

CALDAS, Imanoel. João Antônio: contista virador – I . *Jornal de Alagoas*, Alagoas, 23 nov. 1965.

- (1b) Imanoel Caldas tece breves considerações acerca das publicações dos contos de João Antônio, além de transcrever trechos da já referida entrevista a José Edson Gomes, publicada na revista *Leitura*.

M.L. Um cronista da noite. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 3 out. 1967.

- (3b) O autor faz comparações entre a obra de João Antônio e a de Antônio de Alcântara Machado. Admite várias semelhanças entre ambas as obras, porém ressalta uma diferença muito importante: o primeiro é um cronista

da noite e por meio da gíria utilizada dá a impressão de conhecer intimamente a vida dos malandros, enquanto que o segundo enfatiza mais o cotidiano diurno e não explora a paisagem urbana literariamente. Finaliza, classificando João Antônio como o melhor cronista da vida noturna.

NUNES, Cassiano. Nota sobre João Antônio. *Correio Brasiliense*, Brasília, 28 out. 1967.

- (3b) Cassiano Nunes inicia o texto resgatando vários escritores que produziram ficção paulista após o modernismo, mas que, segundo ele, teriam muito o que aprender com João Antônio. Faz, portanto, uma análise da obra do autor, principalmente do conto “Malagueta, Perus e Bacanaço”, por considerá-lo o melhor do livro. Um estudo emocionado, comenta o conteúdo emotivo porém sem sentimentalismos, sobre o método sintetizador, que combina muito com o gênero literário escolhido, sobre o êxito no emprego do discurso livre direto, sobre a descrição nos momentos certos e sobre a linguagem que busca fixar movimentos, abrindo caminho para o processo fotográfico. Sobre esse processo, o crítico tece várias considerações, finalizando com um comentário sobre a abordagem do noturno na novela que dá título ao livro.

“PAULINHO Perna Torta” está na Checoslováquia. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 1 nov 1967, p. 9.

- (1b) Evidenciando a ascensão da carreira literária de João Antônio, o autor desta matéria, disserta sobre os prêmios que o contista recebeu por

Malagueta, Perus e Bacanaço e sobre traduções de contos desta obra em diversos países. Ressalta, principalmente, o conto “Paulinho Perna Torta”, traduzido na Checoslováquia.

PERNA Torta fala checo. *Cláudia*, São Paulo, nov. 1967. p. 101.

(1b) Este texto comenta a tradução do conto “Paulinho Perna Torta” em checo, do conto “Meninão do Caixote” em alemão e do conto “Fuga” em espanhol.

MALAGUETA, Perus e Bacanaço. *Última hora*, São Paulo, 8 dez. 1967. p. 10.

(1b) O autor apresenta uma breve biobibliografia de João Antônio, além de discorrer sobre o conteúdo do conto “Malagueta, Perus e Bacanaço”, bem como a visão do contista sobre São Paulo.

COELHO, Nelly Novaes. “Malagueta, Perus e Bacanaço”. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, 5 out.1968.

(3b) Nelly Novaes Coelho mostra, que *Malagueta, Perus e Bacanaço* difere do clima pesado de angústia, de quase repulsa pela condição humana que marca a literatura atual, pois o autor consegue, nessa obra, manter ligados os elos que prendem o homem a realidade circundante. Comenta, também, os tipos que povoam os contos, a valorização das coisas e pessoas comuns pela arte joãoantoniana, bem como sobre o picaresco na obra. Ressalta, ainda, a peculiaridade de *Malagueta, Perus e Bacanaço* por meio de uma comparação entre João Antônio e Alcântara Machado. Por fim, tece

considerações acerca da linguagem utilizada por João Antônio em seus contos.

JOÃO Antônio, ou a hora e a vez do anti-herói. *Suplemento Literário*, Belo Horizonte, 5 out. 1968.

- (1a) Este texto apresenta breves dados biobibliográficos de João Antônio, como introdução e a seguir uma entrevista com o mesmo, o escritor disserta sobre a diferença entre a literatura e o jornalismo, sobre a literatura urbana brasileira e sobre o preconceito das editoras em relação ao conto.

DA MESA de bilhar à máquina de escrever. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 ago. 1969, p.12.

- (1b) Trata-se de um depoimento de João Antônio, precedido por dados biobibliográficos.

SOARES, Flávio Macedo. Linguagem da rua. *O Globo*, Rio de Janeiro, 4 set. 1969.

- (1c) Trata-se de um comentário sobre a linguagem utilizada por Ary Quintella em *Combati o bom combate*. Também fazem parte deste comentário considerações acerca da literatura urbana brasileira, sendo João Antônio citado como um dos precursores desta.

GOMES, Duílio. “Malagueta, Perus e Bacanaço”. *Suplemento Literário*, Belo Horizonte, 19 set. 1970.

- (3b) A partir de transcrições de trechos do conto “Malagueta, Perus e Bacanaço”, Duílio Gomes comenta os tipos escolhidos por João Antônio

para integrarem o seu livro, além de salientar a irreverência deste enquanto escritor.

REIPERT, Herman José. Cogumelos do cotidiano. In: *Gente nova de São Paulo*, São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 31 out. 1972. p. 13-15.

(3a) Trata-se de uma leitura da obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, onde além de enfatizar algumas diferenças entre essa obra e a de Alcântara Machado, o crítico tece considerações sobre a ausência da metafísica existencialista na produção joãoantoniana e a presença do simbólico na produção joãoantoniana, de uma forma poética.

BRITO, Mário da Silva. João Antônio lembra Antônio...In: *Conversa vai, conversa vem*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. p.64-65.

(3a) Partindo de breves comparações entre João Antônio, Alcântara Machado e Damon Runyon, o autor deste texto trata de alguns componentes da narrativa, tendo em vista a obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Ressalta, ainda, que “Meninão do Caixote” e o conto que dá nome ao livro são os melhores.

P. G. Futebol e Literatura. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 22 jun.1974.

(1b) Trata de duas especialidades de João Antônio: futebol e literatura, sendo a segunda mais enfatizada. Assim, o autor desta matéria, tomando como apoio considerações de Antonio Candido e de Mário da Silva Brito acerca de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, faz sua própria reflexão sobre o descaso dos editores com o escritor nacional, inclusive com João Antônio.

JOÃO Antônio. *Diário de notícias*, 7 set.1974.

- (1b) Trata-se de uma apresentação de escritor João Antônio, a qual traz dados biobibliográficos do escritor bem como breves considerações suas sobre alguns de seus contos.

NADER, Wladyr. João Antônio lançará quatro livros em 1975. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 dez. 1974.

- (1b) Tomando como referência depoimentos de João Antônio, a matéria aborda assuntos como o motivo pelo qual o contista ficou 13 anos sem publicar livro, as várias crises do jornalismo, a posição da classe média na sociedade a marginalidade do escritor brasileiro, o homem brasileiro e por fim um pequeno comentário sobre a bibliografia do escritor.

VIEIRA, Luiz Gonzaga. Retrato de um escritor. *Suplemento Literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, 28 set.1974.

- (1a) Este texto é introduzido por dados biobibliográficos de João Antônio seguidos de uma entrevista com o mesmo, onde o escritor comenta os prêmios literários, sua visão de mundo, a literatura, a relação entre literatura e jornalismo e a morte. Depois da entrevista há um fragmento do conto “Joãozinho da Babilônia”.

BRASIL, Assis. João Antônio. In: *História Crítica da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro: Americano, 1975. p. 111-3.

- (3a) Assis Brasil aborda os aspectos negativos e positivos do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, relacionando os primeiros com os contos em 1^a. pessoa e os segundos com os contos em 3^a. pessoa.

PAGY, Evandro. *Vox Populi. Música do Planeta*, 1975.

- (2a) Esta resenha crítica de *Leão-de-Chácara*, discorre sobre a linguagem utilizada na obra, as personagens que povoam seus contos e sobre o estilo realista do escritor.

RONAI, Paulo. O conto e suas novas possibilidades. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jan. 1975. p. 4.

- (1c) Este texto trata do lançamento do livro *Contos*, de diversos autores, pela editora Francisco Alves. Além de elogiar a iniciativa da referida editora, Ronai também comenta os autores selecionados, indicando para a próxima edição o nome de João Antônio, entre outros.

MONSERRAT, J. Filho. Corpo-a-corpo com a vida brasileira. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1975.

- (1b) Trata-se de um comentário sobre o relançamento do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço* pela editora Civilização Brasileira, acompanhado de um fragmento da série de depoimentos de João Antônio sobre o papel do escritor e do intelectual em geral nos processos de emancipação e afirmação.

LIVRO de contos da Civilização Brasileira. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1975.

- (1b) Trata-se de um comentário sobre a segunda edição do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço* pela Civilização Brasileira e as antologias nacionais e internacionais em que a obra está incluída.

MONSERRAT, J. Filho. Ministro tem medo de escritor? *Crítica*, 5 mai. 1975.

- (1a) Trata-se de uma entrevista introduzida por dados biobibliográficos sobre João Antônio. Na entrevista toca-se em diversos assuntos: o escritor e a televisão, responsabilidade do escritor diante da comunidade, comercialização de livros e o Ministro da Educação, publicações de obras nacionais e direitos autorais.

A VOLTA de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 6 mai., 1975.

- (1b) Neste texto, o autor faz alguns comentários acerca dos dados biobibliográficos sobre João Antônio, além de transcrever considerações críticas de Marques Rebelo relacionada a *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

MALAGUETA: o homem diante da máquina. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 12 maio 1975. p. 4.

- (1b) Trata-se de um depoimento de João Antônio sobre uma entrevista curiosa a que se submeteu certa vez, precedido de comentário acerca da adaptação de *Malagueta, Perus e Bacanaço* para a televisão.

TEMORES de uma adaptação para a TV. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 maio, 1975.

- (1b) Comentam-se as afinidades de Maurice Capovilla com o texto “Malagueta, Perus e Bacanaço”, que, com o auxílio de João Antônio, adaptou para a TV. Transcreve-se, também, a opinião do contista sobre a importância da participação do escritor em tais adaptações.

LOUZEIRO, José. O audacioso autor de estórias velhacas. *Última Hora*, São Paulo, 16 jun. 1975.

- (1a) Trata-se de uma entrevista na qual João Antônio fala sobre a profissionalização do escritor, a marginalização do escritor nacional, a reedição do seu livro e o *Livro de Cabeceira do Homem* e *Livro de Cabeceira da Mulher*, pelos quais é responsável.

SAMPAIO, Aluysio. Vida e Cultura. *A Tribuna*, São Paulo, 22 jun. 1975. p.3.

- (2a) Em virtude do lançamento de *Leão-de-chácara*, de João Antônio, o autor desta matéria comenta os personagens, que aparecem criticamente na obra, ou seja, aqueles que denunciam a sociedade em que vivem.

OBRIGATÓRIO: um Leão-de-chácara em cada casa. *O Domingão*, 6/12 jul. 1975.

- (2a) Trata-se de um comentário sobre o livro *Leão-de-chácara*. Tais considerações se fixam sobre as personagens e a linguagem utilizadas por João Antônio em seu texto. Também fazem parte deste comentário, alguns dados bibliográficos sobre o autor.

LEÃO-de- chácara entra na História. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 9 jul. 1975. p. 4.

- (2a) Em relação ao livro *Leão-de-chácara*, fica evidente neste comentário a figura desconcertante e inédita da personagem homônima e a literatura consciente que João Antônio produz.

LOUZEIRO, José. João Antônio com a palavra. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 13 jul. 1975.

- (1a) José Louzeiro direciona esta longa entrevista com João Antônio para os seguintes assuntos: o profissionalismo do escritor, o escritor e a televisão, a reedição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, o currículo das atividades do contista, a pretensão do mesmo com o *Livro de Cabeceira do Homem*, o perfil deste livro, o público a que se destina e os seus colaboradores.

AGUIAR, Flávio. Um escritor na República das Bruzundangas. *Movimento*, 14 jul. 1975.

- (1a) Nesta entrevista, João Antônio tece comentários acerca da literatura brasileira, dos motivos da não reedição de *Malagueta, Perus e Bacanaço* em doze anos, de Lima Barreto, bem como da necessidade do compromisso da literatura brasileira com os temas nacionais.

CORREIA, Maurício. Sacudindo a poeira, a Civilização dá um atestado de sua maturidade. *A Tribuna*, Vitória, 15 jul. 1975.

- (2a) Este texto trata do lançamento dos *Livro de Cabeceira do Homem e Livro de Cabeceira da Mulher*, organizados por João Antônio e Thereza Cesário Alvim. Comenta-se o conteúdo e a importância destas obras.

UM CLÁSSICO velhaco. *Veja*, São Paulo, 16 jul.1975.

- (1b) Além de dados biobibliográficos sobre João Antônio, o texto apresenta trechos de depoimentos do escritor sobre suas obras e sobre Lima Barreto.

JAGUAR, Livro de Cabeceira do Homem. *Pasquim*, São Paulo, 19 jul. 1975.

- (1b) Trata-se de um comentário do *Livro de Cabeceira do Homem*, editado por João Antônio.

SILVA, Aguinaldo. A outra volta dos marginais. *Movimento*, 27 jul. 1975.

- (2a) Além de tratar dos equívocos cometidos pela crítica em relação a obra de João Antônio, Aguinaldo Silva faz a sua própria leitura dessa obra, dando ênfase ao livro, *Leão-de-chácara*.

GOMES, Roberto Fontes. Os novos contos de João Antônio. *A Gazeta*, 23 jul. 1975. p. 9.

- (2a) O autor introduz o texto com breves considerações acerca de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* para enfim, tratar do livro *Leão-de-chácara*, enfatizando suas personagens e linguagem.

À CABECEIRA do homem. *Opinião*, 25 jul. 1975.

- (2a) Trata-se de um comentário sobre o *Livro de Cabeceira do Homem*. As considerações giram em torno do conteúdo, direção e público alvo da obra.

À CABECEIRA da mulher. *Opinião*, 25 jul. 1975.

- (2a) Este artigo apresenta uma crítica negativa em relação ao *Livro de Cabeceira da Mulher*, na medida em que mostra o abismo existente entre a proposta da obra e o interesse da mulher por ela.

PENÚLTIMAS. *A Notícia*, Rio de Janeiro, 28 jul. 1975.

- (1b) Trata-se de matéria sobre como João Antônio promove o lançamento de seu livro *Leão-de-chácara*.

CARNEIRO, Caio Porfírio. João Antônio e a sua Malagueta. *A Gazeta*, São Paulo, 28 jul. 1975.

- (1a) Nesta entrevista, João Antônio fala sobre o *Livro de Cabeceira do Homem*, o jornalismo, sua concepção em relação à *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* depois de doze anos, adaptação de texto literário para a televisão e, finalmente, sobre *Leão-de-chácara*.

HABITANTE da noite no romance brasileiro. *Última Hora*, São Paulo, 30 jul. 1975.

- (2a) Além de tratar dos dados bibliográficos de João Antônio, o autor desse texto tece comentários sobre o novo livro de João Antônio, abordando a figura inédita de um leão-de-chácara na literatura brasileira e o realismo com que desmascara a realidade escondida atrás dos luminosos das casas noturnas. Transcreve, por fim, um trecho de um depoimento de Mário da Silva Brito sobre a obra.

A VOLTA dos livros de cabeceira do homem e da mulher. *Folha de Londrina*, Londrina, 30 jul. 1975.

- (2a) Este artigo ressalta o resultado da mudança na direção dos livros de Cabeceira do Homem e da Mulher, que passa a ser de João Antônio e

Theresa Cesário Alvim. Segundo o comentário, tal mudança se reflete na substituição da forma intelectualizada pela simples e objetiva.

VELHO, Laís Costa. A figura desconcertante... *Luta Democrática*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1975.

- (2a) Trata-se de um breve comentário sobre o livro *Leão-de-Chácara*, no qual a autora discorre sobre a personagem que dá título ao livro e sobre o ambiente focalizado por João Antônio nesta obra.

DOSE dupla para homem. *O Domingão*, Ribeirão Preto. 27 jul./2 ago. 1975.

- (1b) Esta matéria apresenta um panorama do *Livro de Cabeceira do Homem*, no qual destacam-se os colaboradores da obra, seus respectivos textos e a direção de João Antônio.

JOÃO Antônio, escritor sem truques: literatura se faz com humildade. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 ago. 1975. p. 26.

- (2a) A partir de depoimentos de João Antônio sobre literatura, a matéria aborda assuntos como as afinidades entre este escritor e Lima Barreto; entre sua vida e sua obra; sua disposição em retratar traços fundamentais da vida e da cultura brasileira e o seu retorno à literatura com *Leão-de-chácara*.

JOÃO Antônio e o seu *Leão-de-chácara*. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte. 2 ago. 1975.

- (2a) Este texto, além de tratar da peculiaridade da personagem e do espaço que integram *Leão-de-chácara*, traz dados biobibliográficos sobre João Antônio.

DINIZ, Oswaldo. A volta dos livros de Cabeceira do Homem e da Mulher. *Folha de Londrina*, Londrina, 3 ago. 1975. p. 3.

- (1a) Oswaldo Diniz começa sua matéria com um breve histórico do *Livro de Cabeceira do Homem* e do *Livro de Cabeceira da Mulher*, partindo então para uma entrevista com João Antônio, onde o contista versa sobre a volta do livro citado; sobre seu público alvo; sobre as diferenças entre o novo e velho *Livro de Cabeceira do Homem*; sobre o enfraquecimento da notícia e sobre a importância da união da Imprensa Nânica Brasileira.

CORREIA, Maurício. O povão na sua intimidade: a presença de João Antônio. *A Tribuna*, Vitória, 3 ago. 1975.

- (1b) O autor desta matéria disserta sobre as atividades pessoais e profissionais de João Antônio, a partir de declarações do mesmo, enfocando os fatos que antecederam a volta do *Livro de Cabeceira do Homem* e *Livro de Cabeceira da Mulher* e a importância da revista *Realidade*, da qual João Antônio participou.

EM CIRCULAÇÃO. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 ago. 1975.

- (1b) A propósito do lançamento de *Leão-de-chácara*, o autor apresenta um breve comentário sobre as premiações e as publicações da obra de João Antônio.

QUINTELLA, Ary. Algo há de importante na literatura deste país. O quê? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 9 ago. 1975.

- (2a) O autor introduz o texto fazendo um panorama dos livros publicados em 1975, para então tratar da relação entre vida e obra de João Antônio, bem como do valor de *Leão-de-chácara* enquanto uma grande reportagem feita em profundidade.

PARA homem. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 9 ago. 1975.

- (1c) Trata-se de uma descrição do *Livro de Cabeceira do Homem*.

MACEDO, Dodó. “O Clássico velhaco”. *O Estado*, Teresina, 10/11 ago. 1975.

- (1b) Além de dados biobibliográficos sobre João Antônio, o autor tece comentários acerca das relações entre a obra de Lima Barreto e a daquele, bem como da reedição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, da edição de *Leão-de-chácara* e do *Livro de Cabeceira do Homem*.

FARIA, Marcos Ribas. Um grande escritor. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 12 ago. 1975.

- (1c) Texto em forma de poema que trata das cidades escolhidas por João Antônio para servirem de cenário para os contos de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Leão-de-Chácara*, São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente.

MANDATO, Jacomo. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. *Jornal da Comarca*, Oswaldo Cruz, 13 ago. 1975.

- (1c) Esta matéria traz considerações acerca da reedição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, das premiações referentes à obra joãoantoniana, do lançamento

de *Leão-de-Chácara* e do *Livro de Cabeceira do Homem* e do *Livro de Cabeceria da Mulher*.

NADER, Wladyr. Os humildes e os marginais de João Antônio. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 ago. 1975.

- (2a) O autor aponta as qualidades e uma falha da obra *Leão-de-chácara*, estando as primeiras relacionadas à despreocupação de João Antônio com a metafísica da classe média, à força da unidade narrativa, à linguagem viva, dinâmica e inovadora, e a segunda relacionada à identidade temática de três dos quatro contos da obra.

JAGUAR. *Leão-de-chácara. Pasquim*, Rio de Janeiro, 15/21 ago. 1975.

- (2a) Além de comparar João Antônio a Guimarães Rosa, o autor discorre sobre a linguagem própria criada pelo primeiro.

SILVA, Aguinaldo. O escritor João Antônio e sua gente mal comportada. *O Globo*, Rio de Janeiro, 17 ago. 1975.

- (2a) A partir das resenhas dos quatro contos que integram *Leão-de-Chácara*, o autor tece comentários relacionados à análise social que a obra suscita, às personagens, ao tema e à linguagem.

CRISPIM, Luiz Augusto. Em estilo jornalístico. *Visão*, 18 ago. 1975. p. 77.

- (2a) O autor faz uma crítica ao *Livro de Cabeceira do Homem*, mostrando que a obra não estabelece nenhum compromisso com a cultura brasileira.

RIBEIRO, Leo Gilson. O livro que deu um soco em nosso crítico. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 23 ago. 1975.

- (2a) Leo Gilson faz um longo comentário sobre a obra *Leão-de-Chácara*. Resenhando cada conto do livro, enfatiza principalmente a originalidade de escritor em retratar de dentro a marginália, enquanto que outros autores denunciam tais mazelas de fora. Ainda no plano da comparação, tece relação entre a densidade de sua literatura e a de autores estrangeiros. Além disso, o autor comenta a autonomia do talento joãoantoniano, a espontaneidade do seu linguajar, a sensibilidade e ternura contidas nos contos, o ritmo dinâmico da escrita, e por fim, a vitória do vulgar em relação ao sobrenatural percebida na obra citada.

JOBIM, Maria Lygia. Para ler duas vezes. *Suplemento da Tribuna*, Rio de Janeiro. 23/24 ago. 1975.

- (2a) A autora aponta *Leão-de-chácara* como uma resposta da literatura brasileira aos hispano-americanos-europeus, além de tratar da linguagem malandra e da forte unidade de expressão conseguidas por João Antônio. Após este estudo faz pequenos resumos de cada conto da obra citada.

QUEM não gosta de literatura é porque nunca viu histórias com estas. *Viver*, Londrina, 24 ago. 1975.

- (2a) O autor ressalta a qualidade dos livros *A noite dos abraçados*, de Gilvan Lemos, e *Leão-de-Chácara*, de João Antônio, sendo a linguagem deste brevemente analisada.

MANDATO, Jacomo. Espião contra-espião. *Folha de Itapira*, Itapira, 24 ago. 1975.

- (1b) Comentário da reedição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, dos prêmios que este livro deu a João Antônio, da nova fase da revista-livro *Livro de cabeceira do Homem e Livro de Cabeceira da Mulher* e, por fim, do lançamento de *Leão-de-chácara*.

CURVELO, Ivan. (Sem título). *A Notícia*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1975.

- (2a) Após fazer uma apologia ao jornalismo como profissão, o autor constrói um breve panorama de toda produção literária de João Antônio, comentando e transcrevendo alguns trechos dos seus contos.

DO ZERO ao infinito da miséria. *Opinião*, 29 ago. 1975.

- (2a) Este texto trata das semelhanças e diferenças entre *Zero*, de Inácio de Loyola e *Leão-de-chácara*, de João Antônio.

F.S. *Leão-de-chácara*. *Jornal de Ipanema*, Rio de Janeiro. 15/31 ago. 1975.

- (1b) Além de dados bibliográficos sobre João Antônio, o texto traz a opinião de Marques Rebelo, já publicada em outros jornais, acerca da obra joãoantoniana, e um depoimento do próprio contista sobre *Leão-de-chácara*.

COELHO, Lauro Machado. João Antônio: força e autenticidade. *Jornal da Semana*, São Paulo, 31 ago. 1975.

- (2a) A partir de comentários trechos de *Leão-de-Chácara*, o autor da matéria aborda assuntos como a ternura com que João Antônio retrata seus personagens marginalizados e a linguagem sem afetação dos seus textos.

LEÃO-de-chácara. *Jornal Unibanco*, set.1975.

- (1b) Este breve texto trata dos motivos pelos quais João Antônio é considerado pelos críticos como discípulo de Lima Barreto, além de anunciar o lançamento de *Leão-de-chácara*.

PÓLVORA, Hélio. Na trilha da vadiagem. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 2 set. 1975.

- (2a) O autor refere-se às influências e aos parentescos da obra de João Antônio, ressaltando principalmente as semelhanças e diferenças entre esta e a produção literária de João do Rio. Além disso, comenta a mistura de jornalismo e ficção na obra joãoantoniana e a linguagem utilizada em *Leão-de-chácara*.

OS LIVROS de cabeceira do homem e da mulher. *Jornal de Minas*, 3 set. 1975.

- (1b) Este texto trata da originalidade da edição do *Livro de Cabeceira do Homem* e do *Livro de Cabeceira da Mulher*, além de trazer um comentário sobre o conteúdo do livro e explicação sobre sua finalidade.

SILVA, Aguinaldo. João Antônio: o amigo fiel de malandros, prostitutas, zeladores de hotéis e garçons. *Complemento*, 4 set. 1975.

- (1b) Trata-se de um longo comentário sobre os dados biobibliográficos de João Antônio, a partir de depoimentos do próprio escritor.

DE VOLTA, as boas histórias velhas de João Antônio. *Jornal da Tarde*, São Paulo. 6 set. 1975.

- (2a) Trata-se de uma breve análise dos aspectos semânticos do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, em virtude do seu relançamento.

SANTOS, Cinéas. Para homem nenhum reclamar. *O Estado*, Teresina, 7/8 set. 1975.

- (2a) O autor introduz o texto tratando da marginalização da literatura que não se encaixa no comodismo burguês. Também aborda a obra de João Antônio, principalmente *Leão-de-chácara*, como integrante desta marginalia literária que tem coragem de usar a literatura como denúncia.

M.C. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. *O Globo*, Rio de Janeiro, 9 set. 1975.

- (2a) Trata do sucesso da reedição de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e da edição de *Leão-de-chácara*, ressaltando a ambientação que difere em ambas.

HOLFELDT, Antônio. Para João Antônio, escritor ainda é um marginalizado a lutar sozinho. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 9 set. 1975.

- (1b) Trata-se de uma matéria organizada a partir de textos publicados em outros jornais. Tais textos dizem respeito a um comentário crítico de Mário da Silva Brito sobre a obra de João Antônio e a um depoimento do mesmo escritor sobre a marginalização do escritor, o desinteresse da TV pelos trabalhos literários e sobre seu primeiro livro.

SILVEIRA, Silvia Marcondes. A volta de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. *Correio do Sul*, Varginha, 10 set. 1975.

- (1b) Este texto traz um panorama da bibliografia de João Antônio, além de tratar da adaptação do conto “Malagueta, Perus e Bacanaço” para a TV. A autora finaliza transcrevendo o elogio de Marques Rebelo ao escritor, já publicado em outros jornais.

CORREIA, Maurício. A miséria humana quando não é tratada como folclore. *Tribuna*, Vitória. 11 set. 1975.

- (1b) O autor introduz seu texto comentando as dificuldades do escritor brasileiro em relação ao mercado editorial. Inserindo João Antônio neste contexto, Maurício Corrêa tece seu panorama biobibliográfico, além de transcrever, ao final, trechos de um estudo de Leo Gilson Ribeiro da obra *Joãoantoniana*, já publicado em outros jornais, e fragmentos de uma carta que o escritor manda ao crítico, elogiando sua análise.

(SUB)MUNDO de João Antônio. *Crítica*, 15 set. 1975.

- (1a) O entrevistador faz uma breve introdução biobibliográfica sobre João Antônio e sua entrevista incita o escritor a falar do homem brasileiro, da realidade do escritor brasileiro, do processo da escrita em *Leão-de-Chácara*, de suas personagens, linguagem e influências.

A REUNIÃO. *Veja*, São Paulo, 17 set. 1975.

- (1b) A matéria refere-se a um encontro organizado por escritores brasileiros, motivados pela “falada inquietação nacional”. João Antônio, ao lado de Antônio Torres e Aguinaldo Silva, foi um dos organizadores.

MALAGUETA, Perus e Bacanaço de João Antônio. *Correio do Sul*, Varginha, 20 set. 1975.

- (1b) A matéria refere-se ao lançamento da segunda edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e ao seu sucesso, bem como ao recente lançamento de *Leão-de-chácara*.

MONSERRAT, J. Filho. Para João Antônio, escrever é ir à forra. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 20 set. 1975.

- (1a) O entrevistador faz uma breve introdução biobibliográfica de João Antônio e sua entrevista versa sobre o longo período entre o lançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Leão-de-chácara*, o sucesso do mercado editorial brasileiro; a crítica de Leo Gilson Ribeiro e Aguinaldo Silva sobre tais obras e sobre literatura e sociedade.

COELHO, Nelly Novaes. Moderna ficção paulista: comunicar ou viver? *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 set. 1975.

- (3b) Com o subtítulo “realismo do cotidiano”, a autora cita João Antônio entre outros, como autor contemporâneo cuja ficção procede também da consciência humanista: o homem frente à realidade.

MANDATO, Jacomo. Nova fase do “Livro de Cabeceira”. *Folha de Itapira*, Itapira, 21 set. 1975.

- (1b) O autor refere-se à publicação do *Livro de Cabeceira do Homem* cuja direção da nova fase coube a João Antônio, que também tem um trabalho publicado na obra.

LOYOLA, Ignácio de . Escritor? Você quer ser escritor? *Última Hora*, São Paulo, 22 set. 1975. p.9.

- (1c) Trata do debate sobre literatura brasileira realizado no Rio de Janeiro, no qual João Antônio “se enfurece” porque dezenas de pessoas do público acusaram aos escritores presentes de “velhos escritores” e “babacas”. Além disso, comenta porque *Malagueta, Perus e Bacanaço* ficou doze anos sem reedição (sic).

GUIMARÃES, Torrieri. Bilhete a João Antônio. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 set. 1975. p.35.

- (2 a) O autor introduz seu texto tratando do novo modo de se fazer conto, a “short story”, que se caracterizaria pela abundância de imagens e escassez de pensamento. Segundo ele, João Antônio estaria inserido nessa categoria. Apesar disso há muitos pontos a seu favor: primeiro a linguagem e depois o fato de não cair no absurdo nem no macabro, como no caso de *Leão-de-chácara*.

OS SUCESSOS de João Antônio: *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Leão-de-Chácara*. *A Tribuna*, Vitória, 25 set. 1975.

- (1b) Trata-se de um comentário sobre o sucesso da obra *Leão-de-Chácara*, que já estaria esgotado nas livrarias, assim como a segunda edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

JOÃO Antônio lança livro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 set. 1975.

- (1c) Breve comentário sobre *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Leão-de-chácara*, por ocasião do relançamento do primeiro e lançamento do segundo.

BUENO, Wilson. Um pingente João I, II, III, IV, V. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 26 set. 1975.

- (1b) O autor faz referências à vida pessoal de João Antônio, publica trechos de correspondências entre ele e o escritor, bem como da obra *Leão-de-Chácara*, que teria visto “nascer”.

LESSA, Ivan. *Malagueta, Perus e Bacanaço*, de João Antônio... *Pasquim*, Rio de Janeiro, 26 set./ 03 out. 1975.

- (1c) Referência pessoal à obra *Malagueta, Perus e Bacanaço* e comentário sobre a aparição de João Antônio na televisão.

JOÃO Antônio - entrevista exclusiva. *Jornal de Comunicação*, out. 1975.

- (1a) Na entrevista introduzida por breves dados biobibliográficos, João Antônio comenta o sucesso editorial brasileiro, sua origem humilde, seus livros, a carreira jornalística, a juventude da época, jornalismo, literatura, obras escritas depois de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e antes de *Leão-de-chácara*, o amor nas suas obras, cinema, teatro e o brasileiro ante a literatura.

GONÇALVES, Adolto. João Antônio passa alimpo diferenças. *A Tribuna*, 1 out. 1975.

(1b) O autor faz uma introdução biobibliográfica de João Antônio, selecionando, em seguida, temas como o sucesso editorial, a vida profissional, o ato de escrever, o povo e a classe média, sobre os quais o escritor diz o que pensa.

GOES, Marta. O sucesso miserê de um escritor tropical. *Última Hora*, São Paulo, 2 out. 1975, p.11.

(1b) A autora discorre sobre o lançamento de *Leão-de-chácara* e constrói um texto a partir de afirmações de João Antônio. Tais afirmações estão relacionadas à arte literária, ao seu público leitor, às livrarias, à distribuição dos livros e ao seu sucesso.

RIBEIRO, Leo Gilson. O submundo de volta. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 4 out. 1975. p. 11.

(3b) O autor faz uma análise sociológica das personagens e da linguagem na obra de João Antônio.

MANDATO, Jacomo. *Leão-de-Chácara* - contos de João Antônio. *Folha de Itapira*, Itapira, 5 out. 1975.

(2a) O autor faz uma breve análise do meio retratado por João Antônio em suas obras e comenta o lançamento de *Leão-de-chácara* e a 2^a. edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

ESCRITOR João Antônio conta as suas verdades. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 out. 1975.

- (1b) O texto faz referência à vida e à obra de João Antônio. Em diversos momentos, a discute o mercado editorial, a tarefa do escritor, a censura e o caminho que a literatura e as artes devem seguir.

LEIA quanto quiser, você gostará muito do *Leão-de-chácara*. *Panorama*, Londrina, 12 out. 1975.

- (2a) Em virtude do lançamento de *Leão-de-Chácara*, o texto analisa brevemente a linguagem e as personagens de João Antônio e refere-se a um livro que o escritor estaria preparando com suas melhores reportagens, ensaios e entrevistas.

LOYOLA, Ignácio de. João Antônio esse sujeito que sempre me comove. *Última Hora*, São Paulo, 13 out. 1975.

- (1b) Ignácio de Loyola exalta a personalidade e a obra de João Antônio e divulga sete notícias recebidas pela Editora Civilização Brasileira a respeito do escritor: palestra na UFMG; contrato com o Círculo do Livro, programa na TV Cultura; entrega dos originais do livro *Malhação do Judas Carioca* à editora Civilização Brasileira; entrega dos originais do livro *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* à ex-editora, inclusão de dois contos de *Malagueta, Perus e Bacanaço* em antologias e distribuição do *Livro de Cabeceira do Homem*.

F.S. Tentativa de abertura. *Jornal de Ipanema*, Rio de Janeiro, 15/31 out. 1975.

- (1b) Referência à coleção “Livros de Cabeceira”, dos quais João Antônio é o editor. Segue-se um breve depoimento do escritor sobre a coleção e sua função.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. Um sambão. *Veja*, São Paulo, 15 out. 1975. p.115-116.

- (2a) O autor constrói o texto sobre a vida e a obra de João Antônio por ocasião do lançamento de *Leão-de-chácara*, classificando-o como uma obra neo-realista.

OS MARGINAIS de João Antônio. *Jornal de Osasco*, Osasco, 17 out. 1975.

- (2a) O texto trata do sucesso literário da obra de João Antônio, a qualidade de sua escrita e os tipos que o escritor constrói. O autor finaliza com um questionamento sobre que tipo de povo a literatura retrata e quem é o culpado.

VALE, Marco Antônio. João Antônio. Literatura deve ser popular e nacional. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 17 out. de 1975.

- (1a) A partir de entrevista com o escritor João Antônio, o autor faz um histórico biobibliográfico do escritor. A maior parte do texto constitui-se de declarações de João Antônio sobre literatura e imprensa, a linguagem em suas obras, a censura e os próximos lançamentos.

CARNEIRO, Caio Porfírio. Em torno de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. *Suplemento Literário*, Belo Horizonte, 18 out. 1975. p.10.

- (1b) Texto biobibliográfico sobre João Antônio, com suas impressões pessoais, uma vez que o autor é amigo do escritor. Relata também brevemente o sucesso da obra joãoantoniana.

ALMEIDA, Lúcia Machado de. Gente, livros & bichos. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 19 out. 1975.

- (1b) Referência ao esgotamento da segunda edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e ao interesse do cinema e da TV pela obra.

A DIFÍCIL vida do escritor. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 out. 1975.

- (1b) O autor do texto relata fatos biobibliográficos de João Antônio, descreve alguns de seus livros e conta como o escritor conseguiu notoriedade no meio jornalístico.

“A CENSURA é ridícula e inútil”. Quem diz isso é João Antônio. *Diário do Povo*, Campinas, 27 out. 1975.

- (1a) O autor faz uma apresentação da obra de João Antônio e, durante a entrevista expõe tópicos sobre os quais o escritor discorre: livro, literatura, jornal ou livro, personagens, como escreve, música e vida simples.

GORGA, Remy. (Sem título). *Nova*, São Paulo, nov. 1975.

- (2a) Por ocasião do relançamento de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, o autor deste texto faz uma comparação entre esta obra e *Qualquer coisa é a mesma coisa*, de Ary Quintella, Assim, mostra que João Antônio projeta em nível universal os anti-heróis, enquanto que Ary Quintella atinge os mesmos níveis, mas por outros caminhos.

THEODORO, Aristides. Caminhos literários. *Tribuna Popular*, 2 nov. 1975. p.4.

- (2a) O autor disserta brevemente sobre a obra *Leão-de-chácara*, descrevendo o ambiente retratado e comparando o escritor a outros autores estrangeiros.

MALAGUETA, Perus e Bacanaço. *Tema*, 5 nov. 1975.

- (1b) Referência ao relançamento da obra *Malagueta, Perus e Bacanaço* e ao seu conteúdo.

BONFIM, Maria Cláudia. João Antônio. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 16 nov. 1975. p.3.

- (1b) A autora enaltece o fato de a segunda edição de *Malagueta, Perus e Bacanaço* ter esgotado em apenas doze dias, assim como o livro *Leão-de-chácara*. Declara também que o escritor já havia entregue ao editor os originais de *Malhação do Judas Carioca*.

FARIA, Álvaro de. João Antônio, o que não quer ser profeta de nada. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 16 nov. 1975.

- (1a) Entrevista em que o autor não expõe as perguntas, apenas as respostas dadas por João Antônio, intercaladas com detalhes de gestos feitos pelo escritor no decorrer da conversa. O tema da entrevista é a obra do escritor e o sucesso dos seus livros.

VIEIRA, Cora Rónai. As verdades do Leão. *Primeira Crítica*, 20 nov. 1975. p.11.

- (2a) O autor inicia o texto enaltecendo a obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Classificando-a como antológica, analisa o modo como o leitor recebe os escritos de João Antônio, relata o ambiente e os tipos criados pelo escritor e resume brevemente cada um dos contos que compõem a recém lançada obra *Leão-de-chácara*.

FOZ, Ira. (sem título) *Jornal de Domingo*, São Paulo, 23 nov. 1975.

- (1b) A autora cita o lançamento do *Livro de Cabeceira do Homem* pela editora Civilização Brasileira, com direção de João Antônio e descreve o conteúdo do livro: ensaios-reportagens sobre o time do Fluminense, bóias-frias, Vinícius de Moraes, Milton Nascimento, Carlos Gardel e contos de Carlos Heitor Cony e Stanislaw Ponte Preta.

BRITO, Mário da Silva., SANTOS, Cineas. João Antônio: Em três tempos. *O Estado*, Teresina, 23/24 nov. 1975. p.8.

- (3b) O texto compõe-se de três partes. Na primeira João Antônio faz uma análise de sua obra, em especial sobre as personagens. Na segunda e terceira partes Mário da Silva Brito e Cineas Santos, respectivamente, analisam os escritos de João Antônio enaltecendo-os.

MINERS, Lúcia. Tendências atuais da literatura e do jornalismo. *O Dia*, Teresina, 27 nov. 1975.

- (1a) Trata-se de uma entrevista em que João Antônio aborda os seguintes assuntos: seu sucesso, a crítica sobre sua auto-promoção, mercado editorial, livrarias, falta de incentivo ao escritor nacional e necessidade de se organizar uma entidade que promova a literatura nacional.

LOYOLA, Ignácio de. Outro livro de João Antônio: “Malhação do Judas Carioca”. *Última Hora*, São Paulo, 15 dez. 1975. p. 9.

- (1b) O autor anuncia o lançamento de *Malhação do Judas Carioca*, para breve e publica uma carta que João Antônio lhe teria enviado, abordando o processo de produção do livro, a impressão dos editores em relação à obra,

a possível má recepção dos críticos por lançar o livro no embalo do sucesso de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Leão-de-chácara* e também por utilizar um estilo mais solto na sua última produção.

JOÃO Antônio e Louzeiro: a hora do livro-jornal. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 dez. 1975.

- (2a) Nota sobre o anúncio de lançamento de *Malhação do Judas Carioca*. O autor do texto refere-se a João Antônio como jornalista-escritor que cria uma técnica pouco encontrada e que aborda em suas obras o que se convencionou chamar de realidade brasileira.

JOÃO Antônio. *O Dia*, Rio de Janeiro, 21 dez. 1975.

- (1b) Comentário biobibliográfico sobre João Antônio por ocasião do anúncio de lançamento do livro *Malhação do Judas Carioca*. O texto se encerra com uma breve declaração do contista sobre literatura e jornalismo.

GOMES, Duílio. *Leão-de-chácara. Suplemento Literário*, Belo Horizonte, 27 dez. 1975.

- (2a) O autor analisa a obra de João Antônio, aborda as influências que o autor sofreu, cita dados biográficos, descreve a linguagem que o escritor utiliza, especialmente as gírias, comenta o sucesso do escritor, a obra *Leão-de-chácara* e conclui com uma citação de Mário da Silva Brito sobre a produção literária joãoantoniana, já publicada em outros jornais.

LEÃO-de-chácara. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 27 dez. 1975.

- (2a) Referência bibliográfica sobre João Antônio, cujo foco são suas personagens em *Leão-de-chácara*, que, na opinião de seu criador, “são o protótipo dos relegados por nós ao segundo plano”. Além disso, o escritor afirma que a vida noturna por ele retratada representa uma síntese dos vários tipos com quem viveu.

NA LITERATURA, aos trancos e barrancos, a presença brasileira. *A Tribuna*, Vitória, 28 dez. 1975.

- (3b) O autor faz um balanço dos lançamentos de livros no ano e cita João Antônio como a grande surpresa da literatura nacional, citando as obras *Malagueta, Perus e Bacanaço, Leão-de-chácara e Livro de Cabeceira do Homem*. Para o autor do texto, João Antônio dá nova dimensão à literatura urbana e aos tipos marginais. Além disso, cita uma fala do escritor, na qual este afirma representar com suas personagens os tipos gorkianos com quem viveu.

MALHAÇÃO do Judas Carioca. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 dez. 1975.

- (1b) De autor anônimo, refere-se ao lançamento de *Malhação do Judas Carioca* como proveito da onda levantada pela reedição de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e edição de *Leão-de-chácara*. Também traz breve resumo do que há na obra em relação à promiscuidade, ao drama dos pingentes, às noites do cais, às filas e aos ambientes da sinuca. Há no texto destaque para a publicação do livro recém lançado e para um depoimento de João Antônio sobre sua obra, seu estilo, seus temas e objetivos.

APESAR de tudo, foi uma boa safra. *Opinião*. 2 jan. 1976.

- (1c) Neste texto é comentada a posição dos críticos em relação à produção literária de 1975, na qual eles dizem não haver obras boas. Porém, o autor da matéria faz comentários elogiosos a respeito de escritores que, como João Antônio, naquele ano produziram grandes livros. Deste modo, o autor se contrapõe aos críticos que, segundo ele, ao considerarem como relevantes somente obras consagradas, esquecendo-se das novas, acabaram se colocando em uma posição cômoda.

AGUIAR, Flávio. Feijoada na Literatura. *Movimento*. 5 jan. 1976.

- (1c) O autor comenta o aspecto marginal que a literatura tomou no ano de 1975 e neste contexto cita João Antônio, fazendo reflexões sobre os motivos pelos quais o escritor trabalhou com o tema da marginalidade. Aguiar também comenta a questão da visão que os editores tinham sobre obras que remetiam diretamente ao povo.

GUIMARÃES, Torrieri. 75 foi bem, mas esperava-se mais em 76. *Folha da Tarde*. 5 jan. 1976.

- (1c) O texto fala sobre a produção e a comercialização do livro no Brasil em 75, assim como o grau de incentivo dado às editoras e aos escritores pelo programa PROLIVRO que procurava viabilizar o acesso ao livro à toda a população. Neste contexto, João Antônio é citado como o autor que dominou o cenário literário da época.

TEMPO de reedições. *O Diário*. 9 jan. 1976.

- (1c) Trata-se de uma coluna literária, na qual é abordada a nova configuração adquirida pela literatura em 1975, de caráter inovador no que se refere ao estilo, uma literatura baseada no real. Exemplificando esta nova fase literária o autor cita João Antônio, que para escrever sobre os malandros vivia o mundo.

SANTOS, Cineas. A “briga” dos novos. *O Estado*. 10 jan. 1976.

- (1b) O texto trata, dentre outros livros, da volta triunfante de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, na sua 2^a. edição, depois de 10 anos. O autor, ressalta o fato deste sucesso não ter vindo à toa, por ter sido fruto do trabalho de divulgação junto ao público consumidor, através de debates, palestras feitos por João Antônio.

BÁRBARA, Danúsia. O medo de passar pelas coisas e não vê-las. *Jornal do Brasil*, 12 jan. 1976.

- (1a) Danúsia Bárbara, antes de iniciar a entrevista propriamente dita, traça um panorama das obras de João Antônio publicadas em 1976, dando ênfase à reedição de *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Na entrevista, ela enfoca o relacionamento de João Antônio com a música e posteriormente a relação de sua vida e sua obra (teoria do corpo-a-corpo). Também dá importância ao livro *Malhação do Judas Carioca* e à experiência do autor como jornalista por dez anos.

NADER, Wladyr. Judas Carioca. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 jan. 1976.

- (2a) O texto trata da estrutura do livro *Malhação do Judas Carioca*, bem como do seu conteúdo. Nele o autor transcreve uma citação de Mário da Silva Brito, na qual descreve positivamente a maneira peculiar com que João Antônio tece sua narrativa, além de enfatizar a proximidade da linguagem escrita com a da realidade obtida através do “corpo-a-corpo”.

CIVILIZAÇÃO lança obra de João Antônio. *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1976.

- (1b) O texto informa sobre o lançamento da obra *Malhação do Judas Carioca*, trazendo um breve panorama sobre o conteúdo da mesma. Além disso, ele fala da forte presença do jornalismo na literatura, que, no caso de João Antônio, é um procedimento novo.

MALAGUETA, Perus e Bacanaço em filme. *Jornal de Brasília*. Brasília, 15 jan. 1976.

- (2a) O texto informa acerca da adaptação de *Malagueta, Perus e Bacanaço* para o cinema, além de trazer um resumo do livro em meio a palavras elogiosas tanto para a obra como para o autor. O texto também trata do sucesso editorial das obras joãoantoniana.

MANDATO, Jacomo. *Malhação do Judas Carioca*. *Folha Literário*, Itapira, 18 jan. 1976.

- (1b) O texto informa sobre o lançamento do livro *Malhação do Judas Carioca*, além de trazer referência breve a respeito da relação da obra com o cotidiano. Mandato também comenta a respeito da boa aceitação do livro pelo mercado assim como pela crítica.

FOZ, Ira. João Antônio, com nova obra. *Jornal de Domingo*, 18 jan. 1976.

- (2a) O texto fala do lançamento do livro *Malhação do Judas Carioca*, assim como do seu conteúdo. Também faz comentários incisivos sobre a posição de João Antônio e outros autores no que diz respeito à escrita e consequência da vivência para um perfeito relato da história de determinado tempo. Ainda ressalta a real preocupação de João Antônio e o fato de a obra estar realmente junto ao povo e para isso o artifício do uso da linguagem do malandro.

MALHAÇÃO do Judas Carioca. *O Globo*. Rio de Janeiro. 18 jan. 1976.

- (1b) O texto trata do conteúdo da obra *Malhação do Judas Carioca*, salientando a linguagem, personagens e o ambiente no qual se passa o texto.

ATAIDE, Vicente. Ficção e Invenção. *Voz do Paraná*. Curitiba. 18/24 jan. 1976.

- (2 a) Vicente Ataíde, nesta matéria, trata da obra de Josué Montello, *Os tambores de São Luís*, fazendo uma sinopse da mesma. Posteriormente, agora com mais cuidado com os detalhes, o autor trata de João Antônio e de suas obras *Malhação do Judas Carioca*, *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* e *Leão-de-chácara*, sempre atento ao estilo, a experiência jornalística e ao corpo-a-corpo deste escritor, que assim como Antônio Cândido afirma não existir mais gênero literário estanque.

VIEIRA, Cora Rónai. João Antônio, o poeta do urbano. *Jornal de Brasília*. Brasília, 18 jan. 1976.

- (2a) Nesta matéria Cora Rónai, além de um resumo especial ao aspecto lírico do livro *Malhação do Judas Carioca*, faz considerações acerca da questão da obra de João Antônio ser composta por textos jornalísticos ou por contos, questão que, para os críticos, é um enigma que negativiza este livro, assim como os outros do mesmo gênero.

CAPOVILLA, Maurício. *Malagueta, Perus e Bacanaço* tem roteiro pronto; o filme deve sair até o final do ano. *A Tribuna*. 23 jan. 1976.

- (2 a) Primeiramente o texto faz uma exploração do assunto a ser tratado na entrevista: Capovilla, em parceria com João Antônio, vão transformar o conto “Malagueta, Perus e Bacanaço” em filme. Segue-se um depoimento de Capovilla sobre o processo de produção do filme e sobre a construção das personagens no plano cinematográfico.

AS PERSONAGENS de todo dia, João Antônio. *Folha de São Paulo*. 25 jan. 1976.

- (2 a) O texto traça, de maneira lírica, o perfil das personagens do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*.

BRITO, Osvaldo Lopes de. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. *Diário da Manhã*. Ribeirão Preto. 25 jan. 1976.

- (1b) Osvaldo Lopes de Brito comenta os prêmios literários ganhos por João Antônio pelo livro, além de informar acerca da reedição da obra em 1975. O autor do texto coloca as publicações de *Leão-de-chácara* e *Malhação do Judas Carioca* como “adequações feitas por João Antônio para aproveitar o sucesso de *Malagueta, Perus e Bacanaço*.”

MALHAÇÃO do Judas Carioca. *Correio do Povo*. Rio de Janeiro, 25 jan. 1976.

- (1b) Neste texto, João Antônio fala do lançamento de *Malhação do Judas Carioca*, das características lítero-jornalísticas desta obra, e da reação do público diante deste trabalho. Dando continuidade ao texto, o redator faz comentários a respeito de outros escritores norte-americanos e brasileiros, que, como João Antônio, utilizaram-se da experiência jornalística na construção de seus livros. Ainda comenta sobre as seguidas publicações do escritor e sobre o enredo de *Malhação do Judas Carioca*, dando particular atenção aos textos “Corpo-a-corpo com a vida” e “Galeria Alasca”.

UM BANDIDO falando de bandidos. *Folha de Londrina*, Londrina, 25 jan. 1976.

- (1b) Trata-se de alguns comentários do redator sobre a tradução de vários textos de João Antônio para diferentes línguas estrangeiras, sobre as premiações recebidas pelo escritor e sobre a adaptação do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço* para o cinema.

GIUDICE, Victor. Do preconceito à aceitação universal. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 27 jan. 1976.

- (1c) O texto trata da questão dos best-seller, primeiramente nos E.U.A, trazendo observações quanto ao valor literário das obras mais vendidas. Quando Victor Giudice trata desta mesma questão no contexto brasileiro, cita, entre outros o livro *Leão-de-chácara*, considerado o mais importante de 1975.

ZAGURY, Eliane. João Antônio: corpo-a-corpo com a vida. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 fev. 1976.

- (3a) A autora do texto fala sobre um João Antônio que aparece mudado em *Malhação do Judas Carioca*, se comparado aos seus dois livros de contos anteriores *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* e *Leão-de-Chácara*. O livro se instala na tradição da crônica, mais próxima em concepção da crônica medieval e renascentista portuguesa, sem a intenção de se contar histórias ou de construir personagens que reflitam esta realidade. Para Eliane Zagury, nessa obra, “João Antônio informa, já não deforma esteticamente a sua matéria”, mostra a necessidade de uma maior integração entre experiência vivida pelo homem e a experiência narrada pelo escritor.

MANDATO, Jacomo. *Malhação do Judas Carioca*. *Folha de Itapira*, Itapira, 8 fev. 1976.

- (2 a) Mandato faz uma apologia ao livro *Malhação do Judas Carioca*, por ocasião do seu lançamento. Ele comenta, ainda, a linha de trabalho de João Antônio, que é baseada no corpo-a-corpo com a vida, ressaltando alguns personagens e o cenário.

M.J.R. Apenas a linguagem é fácil no novo livro de João Antônio. *Jornal da Semana*. São Paulo, 13 fev. 1976.

- (1b) Comentário sobre o valor do livro *Malhação do Judas Carioca*, recomendando-o como leitura necessária aos brasileiros e ressaltando o processo de produção da mesma como consequência da vivência do autor nos arredores de São Paulo.

JOÃO Antônio lança “Malhação do Judas”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 fev. 1976.

- (1b) A matéria informa sobre o lançamento do livro *Malhação do Judas Carioca*, bem como traz considerações sobre a obra, que dizem respeito à primeira posição do livro na lista dos mais vendidos e ao novo gênero utilizado na escrita, que na verdade é uma mistura de gêneros, indo da crônica à reportagem. Também traz considerações do próprio João Antônio sobre esse assunto.

ACÁCIO. Sucesso. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 18 fev. de 1976.

- (1b) O texto trata dos inúmeros “balanços” que a crítica literária promoveu no final de 1975, nos quais João Antônio aparece como o contista de primeira linha da nossa literatura. Além disso, o autor trata do sucesso de vendas dos seus três livros até então publicados. Ao final do texto o autor transcreve citação de Mário da Silva Brito, que versa sobre o comprometimento da literatura de João Antônio com a realidade.

JOÃO Antônio fala de literatura e TV. *Jornal de Brasília*, Brasília, 28 fev. 1976.

- (1b) Este texto trata da trajetória das edições do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, publicado em 1963 e reeditado dez anos depois, sendo o primeiro lugar na lista dos mais vendidos da revista *Veja* e da adaptação do conto-título em filme. O texto traz, ainda, comentário de João Antônio sobre esses assuntos, além de falar sobre o real valor dos prêmios literário.

ESCREVER é um ato de coragem e humildade. *Espaço Cultural*, Goiânia, 29 fev. 1976, p. 25.

- (1a) Nesta entrevista João Antônio discorre sobre a posição que adotou frente a escrita : Um ato de coragem e humildade, sobre sua infância, juventude, seus empregos, sobre os prêmios recebidos por *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* e finalmente sobre o dever da literatura de estar direta ou indiretamente voltada para a realidade.

VELHO, Laís Costa. João Antônio, o leão-de-chácara. *Tribuna Ferroviária*, mar. 1976.

- (2a) O autor do texto comenta acerca do lançamento de *Leão-de-Chácara*, livro no qual João Antônio redime a figura desconcertante do leão-de-chácara, que permanecia inédita na literatura brasileira. Além disso, Laís Costa ainda trata de algumas posições contestadoras de João Antônio relacionadas ao escritor brasileiro, o leitor e as editoras.

SCHNAIDERNAN, Boris. Entre a explosão e o bom tom: João Antônio. *Versus*, São Paulo, mar. 1976. p. 48.

- (2a) Neste texto, Schnaidernnan trata do descompasso entre a atitude rebelde de João Antônio quando este fala do “nossa miserê cultural” e da sua literatura. Segundo o crítico, os ambientes das histórias joãoantoniana são muitas vezes os mais sórdidos possíveis, os fatos narrados também, mas o narrador é quase sempre impertubável, alguém que sabe o que é o bom tom e linguagem distinta. Em relação às ousadia de João Antônio em relação a sintaxe e as imagens, Schnaidernnan também as consideram tímidas, limitadas. Mas apesar de todas as ressalvas, o crítico concorda que João Antônio há muitos trechos em *Leão-de-chácara* e *Malhação do Judas Carioca* que se aproximam da explosão esperada.

JOÃO Antônio – a nova estrela em UH. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 8 mar. 1976.

- (1b) Trata-se de uma matéria, que, a partir de citações de João Antônio, aborda seus aspectos biobibliográficos, ressaltando a formação sua musical, bem como os tipos que retrata, os escritores que toma como ponto de referência, a sua visão sobre o que a literatura deve tratar.

ROMERO, Carlos. *Malhação do Judas. União*. 14 mar. 1976.

- (2a) Este texto trata do êxito editorial de *Malagueta, Perus e Bacanaço e Leão-de-chácara*, bem como do lançamento de *Malhação do Judas Carioca*, cujo enfoque recai sobre a vida carioca, com as suas misérias e grandezas. Ao final vem transcrito um trecho do estudo crítico sobre literatura brasileira, que sob o título "Corpo-a-corpo com a vida", foi apresentado no final de *Malhação do Judas Carioca*.

P.A.P. *Malhação do Judas Carioca. Jornal da Cidade*. Vitória. 19 mar. 1976.

- (2a) O autor deste texto faz alguns apontamentos críticos negativos em relação ao último capítulo de *Malhação do Judas Carioca*. Tal crítica recai sobre a contradição, que P.A.P diz existir nesta obra, pois embora João Antônio aconselhe o esquecimento dos modelos de fora, não consegue encontrar aqui dentro exemplos suficientes a serem seguidos. O autor também levanta dúvida sobre a necessidade ou não de que um autor explique ou justifique sua obra como João Antônio o faz.

UM LEÃO-de-chácara, *Malagueta, Perus e Bacanaço e outros pingentes. Civilização*. Goiânia, 21 mar. 1976. p. 24.

- (1a) Nesta longa entrevista João Antônio comenta sobre o seu trabalho, no momento porque passava a Literatura Brasileira, sobre o posicionamento de nossos intelectuais face à realidade brasileira, sobre a Literatura Brasileira no contexto da América Latina, sobre a preferência em relação ao conto na literatura contemporânea, sobre a morte da poesia, sobre como vê o estudante brasileiro diante de sua obra e da literatura de um modo geral, sobre as Vanguardas, sobre os obstáculos ao autor novo no Brasil e finalmente sobre o regionalismo em nossa literatura.

GOMES, Duílio. O Parajornalismo de João Antônio em *Malhação de Judas Carioca*. *Suplemento Literário*, Belo Horizonte, 27 mar. 1976.

- (2a) Duílio Gomes atribui à obra de João Antônio a classificação de novo jornalismo ou parajornalismo, expressão criada pelo crítico Dwight Macdonald e posto em prática por Gay Talese. Segundo o crítico, assim como este, João Antônio absorve a atmosfera, cenário, conflito e tensão da coisa a ser reportada, coloca o seu ponto de vista, empresta imaginação criadora, apresenta temas que diariamente são estampados em qualquer jornal do mundo, mas visto sob um ângulo muito pessoal. Tal peculiaridade de estilo em apresentar os temas é tratada pela crítica a partir de uma longa apresentação dos conteúdos de *Malhação do Judas Carioca*.

SILVA, Dias da. *Malhação do Judas Carioca*. *Unitário*. Fortaleza, 28 mar. 1976.

- (2a) Este texto trata da técnica fotográfica, que João Antônio usa em seu *Malhação do Judas Carioca*, anulando-se para dar lugar aos personagens e sua cosmovisão, como que se retrai para deixar aparecer clara e objetiva,

sem qualquer intervenção, a realidade brasileira. Segundo Dias da Silva, este é um livro que não dá lugar à supra-realidade, mas nem por isso deixa de ser literário.

O ESCRITOR brasileiro não desce de seu pedestal. *Jornal de Debates*, 29 mar./ 4 abr. 1976.

(1a) Trata-se de uma entrevista que José Louzeiro enquanto escritor, jornalista e fundador do *Jornal do Escritor* e um dos criadores do Sindicato dos Escritores, cede a José Castello. Tal entrevista gira em torno da atual situação da entidade e dos fatos que precederam a formação do entrevistado. Numa de suas colocações, quando lhe é perguntado sobre as chamadas vanguardas da literatura brasileira, José Louzeiro cita João Antônio como um escritor que mesmo tendo sido combatido por alguns por insistir em falar do povo abriu uma grande brecha junto aos editores.

CAPOMIZZI FILHO. Malhação do Judas Carioca. *Suplemento Literário*. Belo Horizonte. 3 abr. 1976.

(3b) Trata-se de um ensaio em que Capomizzi traça um panorama dos cronistas que realizam um esforço de reconstrução da cidade do Rio de Janeiro. Nos seus mais diferentes aspectos para então, apresentar João Antônio como seguidor dessa ascendência ilustre: Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Paulo Barreto e Marques Rebelo. Isso se consolida com o livro *Malhação do Judas Carioca*, a partir do qual João Antônio fortalece ainda mais a sua obra, rememorando os bairros do Rio hoje entristecidos, seus

cafés sem frequência. Nesse livro ele domina a língua, não sendo só retratista mas identificando-se com a própria filosofia da gente.

FELÍCIO, Brasigóis. Em busca de Deus e da paz. *Suplemento Cultural*, Goiânia, 4 abr. 1976.

- (1c) Neste texto, Brasigóis Felício chama a atenção para a falta de inquirição filosófica que os tempos pragmáticos de agora apresentam. Discorre longamente sobre tal assunto, para então recomendar o livro *Em busca de Deus e da paz*, do filósofo Geraldo Vale, empenhado em sondar a alma humana, suas grandezas e misérias. Também critica a arte estéril e mecânica e cita João Antônio como contraponto, pois segundo Felício a obra deste escritor possui verdadeiramente, força e originalidade.

RIBAS, Marilú. O encontro, diálogo, debate. *Jornal de Brasília*, Brasília, 4 abr. 1976.

- (1b) O texto trata dos assuntos arrolados no diálogo-debate entre João Antônio e Ignácio de Loyola Brandão que giram em torno da literatura atual, do processo de criação, da preocupação com temas e mensagens realísticas e não com “ismos”, da difícil relação escritor-editora e, finalmente, da linguagem utilizada pelos dois escritores e suas obras.

A ARRAIA miúda de João Antônio. *Jornal de Minas*, 10 abr. 1976.

- (2a) Trata-se de uma breve análise do livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, seguida de um olhar mais atento em *Leão-de-chácara*. Um segundo momento da matéria, ressalta-se a veracidade com que João Antônio apresenta os tipos, a vivacidade com que trabalha a linguagem trazida do

quotidiano popular e a denúncia das mazelas de todo um sistema de organização social, trazida por seu segundo livro.

ENTREVISTA com João Antônio, O novo fenômeno da literatura brasileira. *Suplemento Cultural*, Goiânia, 12/18 abr. 1976.

- (1a) Trata-se de uma entrevista de João Antônio cedida a Brasigóis Felício, datada de 18 de junho de 1975. Precedendo a entrevista, Felício apresenta João Antônio como o personagem mais discutido e comentado da literatura brasileira do momento, para, então tratar de assuntos como: a situação da literatura brasileira naquelas circunstâncias, o descompasso entre *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* ter sido considerado um clássico e ter ficado dez anos sem reedição; o que Lima Barreto diria para os jovens, o povão, os literatos, os críticos e finalmente a responsabilidade da literatura em fazer justiça ao povão.

GOMES, Duílio. Literatura Brasileira: novidades. *Suplemento literário*, Belo Horizonte, 17 abr. 1976.

- (1b) Trata-se da divulgação do *Livro de Cabeceira do Homem*, cujos textos são todos elencados com seus respectivos autores.

JOÃO Antônio. *A Gazeta*, Vitória, 18 abr. 1976.

- (1a) A entrevista vem precedida de um panorama das vendas dos livros de João Antônio, que o revela como o mais bem sucedido dos novos escritores brasileiros com seu *Casa de Loucos* pronto para ser lançado, com *Malhação do Judas Carioca* na sua segunda edição e com *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* na 4ª edição. Na entrevista João Antônio fala sobre o

seu trabalho inserido no contexto da literatura brasileira, a identificação da sua produção com sua vivência, o posicionamento dos intelectuais face à realidade brasileira, o conto na literatura contemporânea, a morte da poesia, os maiores obstáculos ao autor novo, no Brasil, seu sucesso enquanto escritor, sua opção por mostrar o povo brasileiro e finalmente sobre literatura brasileira frente ao drama brasileiro do nosso tempo.

ANDRADE, Jéferson Ribeiro de. Atlético x Cruzeiro visto por João Antônio. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 20 abr. 1976.

(2a) Neste texto, o autor chama atenção dos mineiros para o livro *Malhação do Judas Carioca*, mais especificamente para o capítulo que João Antônio trata do Atlético e do Cruzeiro, mostrando Belo Horizonte antes e depois da construção do Estádio de Futebol Mineirão. Além de ressaltar o assunto deste texto, Jéferson Ribeiro faz alguns comentários sobre a riqueza da linguagem e a importância de outros temas trazidos pelo livro.

FARIAS, Marcílio. As constantes perguntas. *Jornal de Brasília*, Brasília, 23 abr. 1976.

(1b) Este texto trata da excelência da edição do *Livro de Cabeceira do Homem*, devido à coragem de João Antônio de ir ao fundo e centro da própria palavra. Além disso, comenta mais especificamente sobre o bom relatório – reportagem de Demócrito Moura *Doenças da pobreza*, sobre a força e vivência do seu conto-reportagem *A agonia das gafieira*, a vigorosa entrevista com Eduardo Galleano e com Paulo Pontes, este falando sobre o

teatro brasileiro, o encontro com a existência nos poemas de Cassiano Nunes.

CAIABA, Cícero. João Antônio: hoje em Varginha. *Correio do Sul*, Varginha., 24 abr. 1976.

(1c) Nesta matéria, o autor traça um panorama dos dados biobibliográficos de João Antônio, dando ênfase à vivacidade do linguagem e à gente sofrida apresentada em *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Leão-de-Chácara*.

JOÃO Antônio. *Jornal de Brasília*. Brasília. 25 abr. 1976.

(1a) Trata-se de uma entrevista na qual João Antônio discorre sobre as suas leituras de cabeceira, sobre os motivos que o levaram a editar o *Livro de Cabeceira do Homem*, sobre como vê, depois de dez anos, a obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*, sobre a adaptação desta obra para a TV e sobre o seu *Leão-de-chácara*.

REBU no encontro de escritores. *Correio do Planalto*. 27 abr. 1976.

(1a) Nesta entrevista de João Antônio à Salomão Souza e Wilcrisson Prado, comenta-se o que havia de bom na literatura brasileira daquele momento, a falta de contribuição prática da crítica para os autores atuantes, e, finalmente, suas atividades relacionadas à literatura.

TIBIRIÇÁ, Everaldo. Hemingway brasileiro fala de si e de outros. *O Destaque Art's*, 30 abr. 1976.

(1b) Este texto trata da trajetória de João Antônio, desde o seu primeiro escrito intitulado “Um preso”, em 1955, até as suas produções literárias, *Casa de*

Loucos, Cálvario e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto, ainda inéditas. No texto alternam-se colocações sobre a vida pessoal de João Antônio e depoimentos do próprio escritor sobre os primeiros autores que leu, sobre sua admiração por Lima Barreto, sua experiência como redator, sobre o seu método de escrever e, finalmente, sobre o estilo de Graciliano Ramos.

CARNEIRO, Caio Porfírio. *Malagueta, Perus e Bacanaço*, livro que me toca de perto. *Suplemento Cultural*, Goiânia, 16 mai. 1976.

- (1b) Caio Porfírio comenta, nesta reportagem, o sofrimento de João Antônio ao escrever *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Assim, descreve os momentos angustiantes que presenciou junto com o escritor até o livro ser publicado. Ao final do texto, felicita o retorno de João Antônio depois de dez anos sem publicar, com a reedição de *Malagueta, Perus e Bacanaço* e publicação de *Leão-de-chácara*.

JOÃO Antônio – as atividades de um escritor. *A Gazeta*. Vitória, 16 mai. 1976.

- (1b) Trata-se de um texto que apresenta João Antônio como o escritor mais vendido e discutido em todo o país, naquele momento e informa sobre as atividades do escritor e sobre seus livros. Comenta-se, ainda, a filmagem de *Malagueta, Perus e Bacanaço*, o trabalho de conferências e debates com o público estudantil e universitário no Brasil realizado pelo escritor e, finalmente, a publicação de *Malhação do Judas Carioca*, já na lista dos mais vendidos e *Casas de Loucos*, pronto para sair pela Editora

Civilização Brasileira. Depois desta matéria segue-se um artigo de João Antônio intitulado “Televisão”.

CORRÊA, Carlos Augusto. Antes de mais nada, um esclarecimento, *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 19 mai. 1976.

(2a) Neste texto, ao apresentar *Malhação do Judas Carioca* como merecedor da consideração do leitor, Carlos Augusto Correa discorda de uma parte da crítica que, a partir da linguagem do livro, classifica-o como literatura-reportagem, embora esta linguagem beire à reportagem. Assim, sendo, segundo o autor da matéria os textos se apresentam mais como uma releitura técnica que de fruição. O plano horizontal da narrativa evita trabalhos mais arrojados no que toca ao elemento orgânico de composição da obra; o constante uso de adjetivos e substantivos faz o ritmo dos contos tornar-se repetitivo. Enfim, Carlos Augusto reclama da nova fase de João Antônio, ressaltando que falta um compromisso com a literatura, com a narrativa.

ATAIDE, Vicente. Os contos de João Antônio. *Voz do Paraná*, Curitiba, 22 mai. 1976.

(1b) O autor afirma que João Antônio explora comercialmente a fama obtida à custa de um trabalho sério e profundo e prostitui o nome com um livro do tipo *Malhação do Judas Carioca*. Chega a declarar que com sua auto-promoção, João Antônio não teria mais crédito algum. E termina com a frase: “Espero que ele não faça mais isso”.

FELÍCIO, Brasigóes. João Antônio: com a vida corpo-a-corpo. *Suplemento Cultural*, Goiânia, 17/23 mai. 1976.

(1b) Trata-se de uma pequena nota que antecede um depoimento-desabafo de João Antônio, primeiramente publicado na revista *Ficção*, que se constituía como um órgão divulgador dos escritores brasileiros daquele momento. Comenta-se que esta Revista observa tal depoimento mostrando que a situação do escritor no Brasil não se modificou. Se este silencia logo é esquecido. A partir de tal constatação, o autor da matéria apoia a luta de João Antônio pela profissionalização do escritor.

LEÃO-de-chácara. *Tribuna de Lavras*, Lavras, 23 mai. 1976.

(1b) Trata-se de um texto informativo sobre as premiações da obra de João Antônio, sobre a inclusão de muitas das suas histórias em antologias nacionais e internacionais, sobre o lançamento de *Leão-de-chácara*; sobre o sucesso de vendas de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*. Além disso, o texto traz uma classificação da linguagem utilizada pelo autor, atribuída pelos jornalistas cariocas (joãoantonês) e a citação de dois estudos nos quais a obra joãoantoniana é objeto. Trata-se de um estudo da autoria de Pilar Gomes Bedate, de Madri e um estudo de Marcos Ribas do jornal *Última Hora*.

RODRIGUES, José Mário. Conversando com João Antônio. *Jornal do Comércio*, Recife, 6 jun. 1976.

(1a) Introduce-se a entrevista com dados biobibliográficos de João Antônio e do êxito de vendas de seus livros. Posteriormente, os assuntos são: a má recepção por parte dos críticos em relação a *Malhação do Judas Carioca* por considerarem-na uma obra lítero-jornalística; os caminhos trilhados

pelas obras que trabalham diretamente com a realidade como uma tendência que se afirma; a comparação entre *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Malhação do Judas Carioca*; o mesmo tom desta obra encontrada em *Casa de Loucos* e inovado em *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*; a boa recepção dos estudantes em relação à preocupação de João Antônio com a realidade e a despreocupação com os tons professorais nos seus debates com os mesmos; a reelaboração dos textos para inclusão deles em *Malhação do Judas Carioca*, visando a ampliação das possibilidades do que geralmente se chama perfil, reportagem, depoimento e crônica.

CHEGOU o Leão-de-chácara! Viva o Leão! *Jornal da Cidade*, Vitória, 8 jun. 1976.

- (2a) O texto saúda a publicação de *Leão-de-chácara* por este trazer para a literatura a figura-título e o mundo das realidades escondidas atrás dos luminosos das casas noturnas. Além disso, a matéria traz informações sobre as premiações de João Antônio e citações de Marques Rebêlo sobre o conto “Paulinho Perna Torta e de Mário da Silva Brito sobre o livro *Leão-de-chácara*.”

O MUNDO da sinuca vai virar filme. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 25 jun. 1976.

- (1a) Márcia Guimarães introduz a entrevista, apresentando João Antônio como “o homem do momento”, por ser muito comentado, discutido, comparado. Também trata brevemente da adaptação *Malagueta, Perus e Bacanaço* para um filme, dirigido por Maurice Capovilla. Posteriormente, segue-se a

entrevista que trata da produção e da intenção do filme; da relação de João Antônio com a sinuca; do estudo metafísico e político que o autor faz usando o jogo de sinuca como meio de expressão; das perdas e ganhos que a vida proporcionou ao escritor; da importância de Grande Otelo, um negro, fazer o papel de Malagueta; do livro *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* e *Casa de Loucos* a serem lançados e, finalmente, do motivo pelo qual João Antônio é levado a fazer conferências em universidades.

FONSECA, Ênio. Malhação do Judas Carioca. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 27 jun. 1976.

(1b) Neste texto, Ênio Fonseca faz um breve balanço da recepção da obra joãoantoniana, tanto por parte dos críticos quanto do público. Em relação aos primeiros, o autor ressalta o balanço feito pelos mesmos no qual João Antônio marca presença de contista de primeira linha da literatura brasileira. Em se tratando da recepção da obra deste pelos leitores, Ênio Fonseca comenta os sucessos editoriais de *Malagueta*, *Perus e Bacanaço*, já na 4^a. edição, de *Leão-de-chácara*, que na 3^a. edição lidera a lista de best-sellers nacionais da revista *Veja* e de *Malhação do Judas Carioca*, que coloca João Antônio como um dos raros autores a ter dois livros simultaneamente na lista dos mais vendidos.

SANTOS, Cineas. *O Dia*, Teresina, 11/12 jul. 1976.

(2a) Cineas Santos introduz seu texto referindo-se ao título do livro *Livro de Cabeceira do Homem* como algo de tremendo mal gosto, pois segundo ele

dá uma idéia totalmente falsa do conteúdo do trabalho, que julga ser do melhor nível jornalístico. Trata, então, de justificar essa opinião, e cita os textos escolhidos por João Antônio, o editor, para integrar o livro, tecendo elogios aos mesmos e elegendo a entrevista com Eduardo Galeano como ponto mais alto do livro.

CARNEIRO, Caio Porfírio. *Malhação do Judas Carioca*. *Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 24 jul. 1976.

(3b) Admitindo a impossibilidade de comparação, dentro de um conceito estritamente literário, entre *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Malhação do Judas Carioca*, o autor insere a segunda obra dentro do melhor e do fino jornalismo literário. Caio Porfírio justifica tal classificação ressaltando o olhar crítico de artista, que não faz apenas reportagem, identificando a universalidade das histórias, a dignidade com que João Antônio encara a gíria urbana, o lirismo, a valorização da denúncia sem se perder na contestação que o livro apresenta. Termina, enfim, elegendo “A Lapa acordada para morrer”, como seu texto preferido, seguido por “Galeria Alaska”.

JOÃO Antônio, Boêmio, Escritor e Consciente. *Correio Serrano*, Ijuí, 27 jul. 1976.

(1b) Este texto traz dados biobibliográficos de João Antônio, dentre os quais destacam-se quatro momentos: a infância, quando influenciado pelo pai começou a amar o chorinho; a adolescência, quando começa sua formação auto-didata, lendo uma biografia de Graciliano Ramos, que serviria de

caminho para a leitura dos clássicos; a juventude quando teve o seu *Malagueta, Perus e Bacanaço* queimado num incêndio, na casa de seu pai, vindo depois a reescrevê-lo a partir de cartas que enviava para uma amante.

BRITO, Mário da Silva. A sofrida arraia miúda de João Antônio. *Destaque Literário*, 30 jul. 1976.

- (2a) O autor deste texto comenta a posição de relevo que João Antônio ocupa no panorama da ficção nacional e internacional, conquistado pelo seu livro *Malagueta, Perus e Bacanaço*, além dos personagens, da linguagem e do ambiente apresentados em seu segundo livro. Mais especificamente em relação à linguagem, Mário da Silva Brito faz um comentário que passa a ser citado em muitos outros textos sobre a obra joãoantoniana: “Ele é pródigo – e prodigioso – na valorização do idioma com que o povo se comunica”.

COLINA, Paulo. Leão-de-chácara. *Suplemento Literário* (Oficina Literária). São Paulo, ago. 1976.

- (2a) Numa apologia ao livro *Leão-de-chácara*, Paulo Colina comenta sobre a atitude joaoantoniana de análise crítica e crítica realista, de denúncia e participação e sobre a escolha dos personagens no meio do povo simples.

SILVEIRA, Ênio. João por Enio. *Correio Braziliense*. Brasília, 4 ago. 1976.

- (3b) Ênio Silveira comenta a *Casa de Loucos*, colocando-o mais que uma engenhosa *collage*, pois revela a contradição na realidade social brasileira. Tal revelação, segundo o autor, se apresenta longe do formalismo

estilístico, e sim dentro de uma linha jornalística muito sensível e com “trechos que ficarão para sempre gravados em nossa memória”.

CASA de Loucos. *Jornal de Santa Catarina*, 5 ago. 1976.

- (2a) O texto trata do desinteresse de João Antônio pelos aspectos ocultos e psico sociais, partindo logo para os fatos da realidade brasileira retratados em *Casa de Loucos*. Comenta ainda a linguagem dinâmica do livro e a representatividade como “marco fundamental de nosso idioma dos anos 60 e 70”.

GOMES, Danilo. Ary Quintela: um certo senhor intranquilo e criativo. *Suplemento Literário*. Belo Horizonte, 7 ago. 1976.

- (1 c) Numa entrevista de Ary Quintela sobre o seu novo livro *Sandra, Sandrinha*, comentando especificamente, sobre o fato de 1975 ter sido mais importante que 1922, o escritor cita o segundo livro de João Antônio como exemplo disto. Segundo Quintela, em 1975 tivemos uma razoável quantidade de livros que apontam vários rumos, autenticamente brasileiros, sem as “macaquices dos meninos zangados de 22”.

SZNEJDER, Vitor. O repórter na rua, no meio do seu povo. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 ago. 1976.

- (2a) O autor inicia seu texto comentando a vivência que João Antônio tem da realidade que retrata no seu *Casa de Loucos* e sua sensibilidade de repórter na produção dessa obra. Finaliza o seu texto transcrevendo um trecho do livro, para ilustrar as suas considerações.

JOÃO Antônio. *O Norte*, Paraíba, 15 ago. 1976.

- (1b) Este texto traz alguns dados biográficos sobre João Antônio, bem como a descrição de atividades profissionais deste e o sucesso editorial de sua publicações.

CORREIA, Maurício. *Casa de Loucos: João Antônio pede passagem. A Gazeta*. Vitória, 17 ago. 1976.

- (2a) Introduzindo seu texto com comentários acerca das atividades profissionais de João Antônio e das publicações deste, Maurício Correia propõe uma revisão do fenômeno que envolve o escritor, onde classifica os contos que dão título a *Malagueta, Perus e Bacanaço* e *Leão-de-Chácara*, como dois dos melhores contos da moderna literatura brasileira. Posteriormente ao tratar de *Malhação do Judas Carioca* e *Casa de Loucos*, coloca o primeiro como uma obra sem muitas novidades, apresentando apenas o texto *Corpo-a-corpo* como o melhor do livro. Em relação ao segundo, Maurício Correa ressalta sua inferioridade em relações aos livros anteriores, sem deixar de eleger o conto que dá título ao livro como uma excelente reportagem. Termina o balanço tratando do valor pedagógico de todas as obras de João Antônio, inclusive as duas últimas. Tal valor está ligado à riqueza da escrita, do conteúdo e à raridade de metáforas.

CORREIA, Carlos Augusto. *Tecnocracia & outros: o novo? Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 31 ago. 1976.

- (2a) O autor apresenta o livro *Casa de Loucos* como aquele que acompanha a nova fase iniciada com *Leão-de-Chácara*, confirmada com *Malhação do Judas Carioca*. Continua a matéria comentando sobre modo seco e contundente encontrado na obra, que João Antônio herdou do jornalismo. Enfim, termina ressaltando que João Antônio continuaria evitando uma perspectiva literária e indagando a cultura massificada, com uma publicação sobre o autor novo.

PANORAMA. *Destaque*. São Paulo, 1^a. quinz., set. 1976.

- (1b) Este texto trata do sucesso editorial das obras joaoantonianas e comenta a organização de *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*, feita por João Antônio, que estava pronto para ser editado.

JOÃO Antônio, autor de quatro livros de contos, autografa e depõe à noite. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 3 set. 1976.

- (1a) O texto, além de informar sobre a chegada de João Antônio em Porto Alegre para noite de autógrafos e debate aberto com Moacyr Scliar, também traz entrevista do escritor cedida à José Loureiro. Nela João Antônio fala dos fatores que contribuem para a marginalização do escritor brasileiro; do tratamento que a televisão dá ao texto literário e termina dando um panorama das suas atividades.

JOÃO Antônio: a malandragem brasileira na literatura. *Zero Hora*. Porto Alegre, 3 set. 1976.

- (1b) Trata-se de informações sobre a noite de autógrafos de João Antônio e debate sobre literatura brasileira com, Moacyr Scliar, Ligia Averbruck e

Antônio Hohlfeldt. Além disso, o texto apresenta um breve panorama biobibliográfico de João Antônio, com ênfase no seu sucesso perante o público e a crítica. Vem precedido de um depoimento de João Antônio sobre o porquê da sua luta em busca de público.

JOÃO Antônio – Literatura Brasileira, Bebida em fontes populares. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, 4 set. 1976.

(1b) Como as duas matérias anteriores, este texto também informa sobre as atividades culturais de João Antônio em Porto Alegre. Traça um breve panorama das suas atividades de escritor e jornalista, ressaltando o sucesso conseguido com os seus quatro livros até então lançados. Segue um depoimento de João Antônio acerca da valiosa relação entre literatura e jornalismo.

GIUDICE, Victor. O silêncio é de ouro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 set. 1976.

(2a) O autor deste texto faz um comentário em tom ensaístico sobre *Casa de Loucos*, o qual chama de “literatura-olho”, comparando-o com o cinema de Dziga Vertov. Segundo Victor Giudice, João Antônio faz sua profissão de fé como repórter de uma camada social que não se habituou aos livros como leitora, mas que neles penetra tristemente, como personagem. Para ele, trata-se de saber dosar em *Casa de Loucos* a reportagem e a ficção, na medida certa para a sua finalidade. Para ilustrar isso Victor Giudice comenta como João Antônio apresenta a realidade nos textos: "Testemunho de Cidade de Deus", "Noel Rosa", "Poeta do Povo" e "Olá,

professor, há quanto tempo" (que, para o crítico talvez esse seja o grande momento do livro).

PELLEGRINI, Luis. O recorde da Casa de Loucos. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 5 set. 1976.

(1a) Luis Pellegrini introduz seu texto comentando o sucesso editorial das obras de João Antônio que vem confirmar-se com os 5 mil exemplares vendidos de *Casa de Loucos*, em três dias. Continua observando que mesmo com esse êxito, numa atitude contraditória, João Antônio não está contente. É sobre esse descontentamento que Luiz Pellegrini começa a questionar João Antônio, numa entrevista que trata do descompasso entre o sucesso de vendas das obras e a constatação do escritor em visitas à escolas e universidade, de que muitos poucos alunos os leram; do preço da fama, da dificuldade em escrever *Leão-de-chácara* e, finalmente, do seu conceito de literatura, a importância ou não da valorização da forma.

GOMES, Duílio. O fenômeno João Antônio. *Correio Braziliense*, Brasília, 10 set. 1976.

(1b) Como o próprio título diz, Duílio Gomes trata do fenômeno literário brasileiro que se tornou João Antônio, ressaltando que, mesmo, lido, comentado, fotografado, entrevistado, badalado até a exaustão, o escritor não se corrompeu, continuou com a mesma simplicidade, não cruzou os braços, continuou com os circuitos universitários, lançamentos e conferências. Termina chamando o escritor de o "globe-trotter" do momento, pois está despontando para a fama internacional.

HOHLFELDT, Antônio. João Antônio, um Pingente da Literatura. *Correio do Povo*, 12 set. 1976.

- (1a) Trata-se de um texto composto por uma sucessão de depoimentos de João Antônio, seguidos de breves comentários sobre os mesmos de Antônio Hohlfeldt. João Antônio fala sobre o seu descontentamento com a badalação em torno da sua vida pessoal, suas idéias e posturas, e o esquecimento de sua obra por parte da crítica; a sua necessidade de vivenciar tudo antes de escrever; sobre sua infância feliz; a importância de os jovens lerem os clássicos, sua admiração por Lima Barreto, sobre faltar algo na literatura para que o povo comece a ler, sobre o seu sentimento de amor e de desafio quando produz seus livros parajornalísticos; sobre a sua admiração por Mário Quintana, sobre a sua luta pelo profissionalismo do escritor não basear-se só no seu proveito próprio. Antônio Hohlfeldt conclui ressaltando a simplicidade de João Antônio mesmo depois de tanto sucesso.

TRAJANO, José. Nem João Capote, nem Truman Antônio. *Aqui*, São Paulo, 16/22 set. 1976.

- (1b) O autor deste texto comenta a necessidade de se fazer uma literatura menos elitizada no Brasil; partindo para o jornalismo como forma de atender a uma massa maior de leitores. Mas, segundo ele, os editores não investem nos jornalistas escritores para as suas pesquisas de campo como acontece nos Estados Unidos. Depois desse comentário segue um longo depoimento de João Antônio em que esse trata dos principais problemas

em se escrever uma reportagem-livro e dá como exemplo o seu *Malhação do Judas Carioca* e *Casa de Loucos*, de como trabalha o seu conto-reportagem para que represente a “essência humana da coisa”, da importância da veiculação do parajornalístico para conseguir mais leitores, do erro do escritor em privilegiar a forma em detrimento do conteúdo, da urgência em começar a se fazer esse tipo de literatura, como enriquecimento da memória nacional.

GRELLET, Ivone. Malandro tem vez? *Diário da Manhã*, Ribeirão Preto, 18 set. 1976.

- (1b) Ivone Grellet fala sobre a simplicidade de estilo, tema e personagens na obra *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Ela ainda indica o livro para alunos de 2º. grau, que se queixam de não compreenderem textos de Machado de Assis e Clarice Lispector por exemplo.

JOÃO Antônio, corpo-a-corpo numa casa de loucos. *Lig*, 19 set. 1976.

- (1a) Trata-se de uma entrevista na qual João Antônio fala sobre o boom literário, suas causas e conseqüências e dos leitores que lêem literatura no Brasil. Além disso faz um paralelo entre o homem e o escritor João Antônio, dá sua visão alarmada de Niterói; fala sobre a consciência política dos jovens escritores brasileiros naquele momento, e finalmente a injustiça no anonimato de muitos autores bons.

CASA de Loucos. *O Norte*, Paraíba, 19 set. 1976.

- (2a) O texto é introduzido por um breve panorama das principais premiações das obras joãoantonianas e segue com uma breve leitura do livro *Malhação do Judas Carioca*, onde é ressaltada a contradição da realidade nacional, o abandono das elevadas altitudes do formalismo estilístico e dos conflitos interiores par dar lugar à pesquisa de campo, à reportagem. Termina com um trecho do prefácio da obra, por Ênio Silveira.

GUIMARÃES, Torrieri. Um João Antônio sem papas na língua-leia. *Folha da Tarde*, São Paulo, 22 set. 1976.

- (2a) Este texto trata do desejo desmistificador de João Antônio, revelado em seu *Casa de Loucos*, pois nesta obra revela o outro lado das instituições das e imagens das pessoas. Torrieri Guimarães termina comentando os assuntos tratados na obra.

LITERATURA sem truques - João Antônio. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25 set. 1976.

- (1a) Nesta entrevista, João Antônio critica a preferência pelas obras realistas fantásticas nos concursos literários, quando, segundo ele, deveria se valorizar a obra que apresenta um compromisso com a realidade brasileira. Além disso, fala sobre o caráter de enlatado estrangeiro que a programação da TV apresenta; sobre a falta de profissionalismo do escritor que gera a falta de solidariedade entre o intelectual, sobre a importância do compromisso do escritor antigo a exemplo dos novos, de fazer uma literatura que chegue até o povo, a partir de debates e divulgações; sobre a necessidade de incentivo ao escritor preocupado com uma literatura

verdadeiramente nacional, sobre o “boom” literário de 75; sobre a importância de obras nacionalistas, que dêem conta de todo o Brasil; sobre a luta pela sobrevivência da cultura popular brasileira e finalmente sobre a preparação de seu *Calvário e Porres do Pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*.

MILLARCH, Aramis. João Antônio vem aí. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 28 set. 1976.

- (1b) O texto trata da visita de João Antônio à Curitiba, para palestras e autógrafos, bem como de encontros em geral que o escritor costuma participar e do sucesso de vendas de todos os seus livros.

JOÃO Antônio: o marginal sem folclore. *Informação*, 30 set. 1976.

- (1a) Fazendo questão de assinalar que durante boa parte de sua vida conviveu com os marginais, sobre os quais escreve. João Antônio conta nesta entrevista alguns episódios desse convívio. Saindo porém do “essencialmente biográfico”, questiona a literatura brasileira e a reafirma a necessidade de uma resistência contra o colonialismo cultural.

JOÃO Antônio conseguiu fazer uma boa literatura mal escrita. *Chapada do Corisco*, Teresina, out. 1976.

- (1b) Segundo o autor, o excesso de produção de João Antônio e conseqüentemente o fenômeno que ele se tornou, foi muito bom para o escritor porque ele pode se plagiar, repetindo os mesmos processos de criação. Conclui afirmando que João Antônio conseguiu fazer uma

literatura mal escrita, mas deixando a sensação de que o descuido é artístico.

PENTEADO, Regina. Loyola, de cara enfezada e dentes ao sol. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 out. 1976.

- (1c) Num determinado momento desta longa matéria sobre o escritor e o homem, Loyola, dá seu depoimento sobre o espaço que a literatura tem no momento e cita João Antônio com o provável responsável por isso. Segundo Loyola, João Antônio, ao forçar notícias, pedir entrevistas, acabou perdendo um pouco a medida na sua campanha de auto-promoção.

JOÃO Antônio: “O autor nacional está se descobrindo”. *Arte e Comunicação*, Londrina, 7 out. 1976.

- (1a) Nesta entrevista à Maria Amélia da *Tribuna da Imprensa*, João Antônio contesta a expressão "fenômeno João Antônio", explicando que a luta não é individual, isolada mas que é briga que tende para o coletivo, para o reconhecimento do escritor nacional. Também procura refletir sobre o chamado “boom literário” acontecido em 75, que segundo ele ocorreu porque muitos autores já estavam esperando por esse momento com livros prontos há muito tempo, pois desde 1955 já existia esse movimento literário. Há a censura, mas o que os outros meios artísticos não conseguem falar, a literatura pode. Termina criticando a badalação pela badalação em torno de sua pessoa e pedindo o debate e a leitura de sua obra.

ROMERO, Carlos P. Desquite, futebol e morte. *A União*, Paraíba, 8 out. 1976.

- (2a) Carlos Romero fala sobre o prazer em ler *Casa de Loucos*, do mesmo gênero de *Malhação do Judas Carioca*: pequenos ensaios e crônicas sobre temas populares e humanos. O autor ainda ressalta a perfeita combinação entre repórter e literato que João Antônio conseguiu imprimir, de maneira ainda mais contundente, em *Casa de Loucos*, bem como o tratamento que dá a temas como o desquite, o futebol e a morte nesta obra.

SCARLATELLI, Raquel Braga. À margem do Milagre. *Asterisco*, São Paulo, 8 out. 1976.

- (1b) A autora da matéria trata do conteúdo de *Leão-de-chácara*, a partir de alguns trechos da obra.

JOÃO Antônio: Malagueta, Perus ou Bacanaço? *Asterisco*, São Paulo, 8 out. 1976.

- (1a) Trata-se de uma entrevista na qual João Antônio responde questões sobre a relação do seu trabalho com o momento porque passava a Literatura Brasileira; sua visão sobre o estudante diante da literatura; a preferência de que desfruta o conto na literatura contemporânea; a Literatura Brasileira inserida no contexto da América Latina e finalmente acerca dos seus planos literários para o futuro.

PRADO, Wilcrisson. Quem tem o que dizer não deve calar. *Correio Brasiliense*, Brasília, 10 out. 1976.

- (1b) Wilcrisson Prado expõe, antes de mais nada, algumas opiniões negativas e positivas sobre o fenômeno João Antônio, para então reproduzir a sua

opinião. Para ele o escritor só fez ativar os meios culturais brasileiros, “sacudindo a modorra intelectual que contaminava o país inteiro”, desbravando o Brasil como um Bandeirante, levando a literatura onde o povo está. Também ressalta a consciência crítica de João Antônio em relação à cultura brasileira, que não se limita a denunciar por exemplo a precariedade na distribuição dos livros, mas apresenta soluções. Enfim, justifica o sucesso editorial de João Antônio com a observação do mesmo sobre a razão do seu sucesso vir de uma literatura muito brasileira, feita com receitas de casa, temperada com sangue e suor, “que reflete realidades nossas e insinua a sua modificação”.

JOÃO Antônio e a "Casa de Loucos". *Jornal do Parque*. 1^a. quin. out. 1976.

(1a) Texto trata do lançamento de *Casa de Loucos* e traz depoimento do autor sobre essa obra.

BRITO, Osvaldo Lopes de. Nas trapaças dos sinuqueiros, o retrato fiel de uma sociedade em crise. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20 out. 1976.

(2a) Fazendo um breve panorama biobibliográfico sobre João Antônio, Osvaldo Lopes Brito comenta o livro *Casa de Loucos*, ressaltando as interpretações da alma popular e o realismo incrível apresentados na obra.

CAMPOMIZZI FILHO. Casa de Loucos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 13 nov. 1976.

(3b) Num tom ensaístico, Campomizzi Filho faz uma introdução na qual comenta o espírito da urbe, para então apresentar o livro *Casa de Loucos*,

que segundo ele, revela instantes de algumas das metrópoles brasileiras, que caminham no sentido do desumano e pequenas comunidades interioranas. Campomizzi desenvolve todas essas considerações a partir de relações que faz com o conteúdo do livro.

FARIAS, Marcílio. João Antônio: o vigoroso reconhecimento do fato (que é humano) *Jornal da Semana Inteira*, Brasília, 10 dez. 1976.

(3b) Este texto trata da originalidade do livro *Casa de Loucos* que foge de qualquer prisão conceitual do estilismo crítico. Durante todo o texto, num tom ensaístico, Marcílio Farias vai elencando momentos da obra em que tal originalidade revela instantes de profunda e inerente ironia, a fidelidade de João Antônio ao livre acontecimento, enfim uma originalidade que revela a sua fraternidade em relação aos tipos e às situações que descreve.

6. CATEGORIA DOS TEXTOS

1) Biobibliográficos:

- a) entrevista;
- b) reportagem;
- c) referência em coluna literária.

2) Resenhas críticas:

- a) em periódicos, por ocasião do lançamento de obras.

3) Estudos da obra:

- a) ensaios e artigos em livros;
- b) ensaios e artigos em periódicos.

7. LEVANTAMENTO NUMÉRICO DOS TEXTOS POR CATEGORIA

1 a - 35

1 b - 86

1 c - 17

2 a - 86

3 a - 3

3 b - 14

8. LEVANTAMENTO NUMÉRICO DOS TEXTOS ANO A ANO (1963-1976)

1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976
16	2	6	-	5	2	2	1	-	1	-	5	104	95

9.1. ÍNDICE ALFABÉTICO DE JORNAIS

A partir da imensa variedade de periódicos, além de constatarmos a ampla recepção que a obra de João Antônio teve no país, podemos perceber que estes se referem tanto à grande imprensa como à imprensa nanica (expressão criada por João Antônio). No que se refere aos jornais, revistas e livros, nos quais estes textos foram editados, podemos elencar:

A Gazeta (Vitória)

A Gazeta Esportiva

A Notícia (Rio de Janeiro)

A Tribuna (São Paulo)

A Tribuna (Vitória)

Aqui (São Paulo)

Arte e Comunicação (Londrina)

Asterisco (São Paulo)

Chapada do Corisco (Teresina)

Civilização (Goiânia)

Cláudia (São Paulo)

Complemento

Conversa vai, conversa vem (livro)

Correio Brasiliense (Brasília)

Correio da Manhã (Rio de Janeiro)

Correio do Planalto

Correio do Povo (Porto Alegre)
Correio do Sul (Varginha)
Correio Serrano (Ijuí)
Crítica
Destaque Literário
Diário da Manhã (Ribeirão Preto)
Diário da Tarde (Belo Horizonte)
Diário de Notícias (Porto Alegre)
Diário de Notícias (Rio de Janeiro)
Diário de São Paulo (São Paulo)
Diário do Povo (Campinas)
Edição Extra (São Paulo)
Espaço Cultural (Goiânia)
Estado de Minas (Belo Horizonte)
Folha de Itapira (Itapira)
Folha de Londrina (Londrina)
Folha de S. Paulo (São Paulo)
Folha Literária (Itapira)
Gente Nova de São Paulo (livro)
História Crítica da Literatura Brasileira (livro)
Informação
Jornal da Cidade (Vitória)
Jornal da Comarca (Oswaldo Cruz)
Jornal da Semana (São Paulo)

Jornal da Tarde (São Paulo)
Jornal de Alagoas (Maceió)
Jornal Brasiliense (Brasília)
Jornal de Brasília (Brasília)
Jornal de Comunicação
Jornal de Debates
Jornal de Domingo (São Paulo)
Jornal de Ipanema (Rio de Janeiro)
Jornal de Lavras (Lavras)
Jornal de Minas (Belo Horizonte)
Jornal de Osasco (Osasco)
Jornal de Santa Catarina (Blumenau)
Jornal do Brasil (Rio de Janeiro)
Jornal dos Sports
Jornal Unibanco
Leitura
Lig
Luta Democrática (Rio de Janeiro)
Movimento
Música do Planeta
Nova (São Paulo)
O Destaque Art's
O Dia (Teresina)
O Diário

O Domingo

O Estado (Teresina)

O Estado de São Paulo (São Paulo)

O Globo (Rio de Janeiro)

O Norte (João Pessoa)

Opinião

Panorama (Londrina)

Pasquim (Rio de Janeiro)

Primeira Crítica

Suplemento Cultural (Goiânia)

Suplemento da Tribuna (Rio de Janeiro)

Suplemento Literário de Minas Gerais (Belo Horizonte)

Suplemento Literário-Oficina Literária (São Paulo)

Tema

Tribuna da Imprensa (Rio de Janeiro)

Tribuna de Lavras (Lavras)

Tribuna Ferroviária

Tribuna Popular

Última Hora (São Paulo)

União (João Pessoa)

Unitário (Fortaleza)

Veja (São Paulo)

Versus (São Paulo)

Visão (São Paulo)

Viver (Londrina)

Voz do Paraná (Curitiba)

Zero Hora (Porto Alegre)

9.2. ÍNDICE ALFABÉTICO DE AUTORES

ACÁCIO	18/02/1976
ACAIABA, Cícero	24/04/1976
AGUIAR, Flávio.....	14/07/1975 05/01/1976
ALMEIDA, J. de.....	21/09/1965
ALMEIDA, Lúcia Machado de.....	1975.
ALVES, Helle.....	06/12/1964
ANDRADE, Jéferson Ribeiro de	20/04/1976
ATAÍDE, Vicente	16/22/1976 18-24/01/1976
BÁRBARA, Danúsia.....	12/01/1976
BARBOSA, João Alexandre.....	22/11/1963
BARBOSA, Rolmes.....	29/06/1963
BONFIM, Maria Cláudia.....	16/11/75
BRASIL, Assis.....	26/06/1963 1975
BRITO, Mário da Silva.....	23-24/11/1975 1974 30/07/1976
BRITO, Osvaldo Lopes de.....	25/01/1976
BUENO, Wilson.....	26/06/1975
CALDAS, Imanoel.....	29/11/1964 09/11/1965 23/11/1965

CARNEIRO, Caio Porfírio.....	28/07/1975 18/10/1975 16/05/1976 24/07/1976
COLINA, Paulo.....	ago/1976
CAPOVILLA, Maurício.....	23/01/1976
CORREA, Carlos Augusto	19/05/1976
COELHO, Lauro Machado.....	31/08/1975
COELHO, Nelly Novaes.....	05/10/1968 20/09/1975
CORRÊA, Carlos Augusto	10/05/1976 31/08/1976
CORREIA, Maurício.....	03/08/1975 15-21/09/1975 17/08/1976
CRISPIM, Luiz Augusto.	18/08/1975
CUNHA, Fausto.....	21/10/1963
CURVELO, Ivan.	25/08/1975
DINIZ, Oswaldo.....	03/08/1975
FARIA, Álvaro de.....	16/11/1975
FARIAS, Marcílio	23/04/1976 10/12/1976
FARIA, Marcos Ribas.	12/08/1975

FELÍCIO, Brasigóis	04/04/1976 17-23/05/1976
FILHO, Campomizzi	03/04/1976 13/11/1976
FONSECA, Ênio	27/06/1976
FOZ, Ira.....	23/11/1975 18/01/1976
GIUDICE, Victor	27/01/1976
GOMES, Duílio.....	19/09/1970 27/12/1975 27/03/1976 17/04/1976 10/09/1976
GOMES, Edson José.....	maio-jun/1965
GOMES, Marta.	02/10/1975
GOMES, Roberto Fontes.....	23/07/1975
GONÇALVES, Adolto.	01/10/1975
GORGA, Remy.	nov/1975
GOMES, Danilo	07/08/1976
GRELLET, Ivone.....	18/09/1976
GUIMARÃES, Torrieri.....	22/09/1975 05/01/1976 22/09/1976
HOLFELDT, Antônio.....	09/09/1975 12/09/1976
JAGUAR.	19/07/1975
JOBIM, Maria Lygia.....	23-24/08/1975
LESSA, Ivan.....	26/09-03/10/1975
LOUZEIRO, José.	16/06/1975 13/07/1975

LOYOLA, Inácio de	22/09/1975 13/10/1975 15/12/1975
M.L.	03/10/1967
MACEDO, Dodó.	10-11/08/1975
MANDATO, Jacomo.	13/08/1975 24/08/1975 21/09/1975 05/10/1975 08/02/1976 18/01/1976
MENDES, Arnaldo.....	13/07/1963
MILLARCH, Aramis	28/09/1976
MILLIET, Sérgio.....	23/07/1963
MINERS, Lúcia.....	27/11/1965
M.J.R	13/02/1976
MOSERRAT, J. Filho.....	15/01/1975 05/05/1975 20/09/1975
NADER, Wladyr.....	27/12/1974 14/08/1975 13/01/1976
NUNES, Cassiano.....	28/10/1967
P.G.....	22/06/1974
PAGY, Evandro.....	1975
PEDROSO, Bráulio.	16/08/1963
PELLEGRINI, Luis	05/07/1976
PENTEADO, Regina.....	02/10/1976
PÓLVORA, Hélio.....	02/09/1975

PRADO, Wilcrisson	10/10/1976
RIBEIRO, Leo Gilson.....	23/08/1975 04/10/1975
REIPERT, Herman José.....	31/10/1972
RODRIGUES, José Mário	06/06/1976
ROMERO, Carlos	14/03/1976 08/10/1976
RÓNAI, Paulo.....	04/01/1975
ROSSET, José Paschoal.....	15/02/1963
SAMPAIO, Aluysio.....	22/06/1975
SANT'ANA, Afonso Romano.....	15/10/1975
SANTANA, Sadi Carnot.....	06/07/1963
SANTOS, Cineas.....	07-08/09/1975 10/01/1976 11-12/07/1976
SASSI, Wilmar Guido.....	24/06/1963 25/06/1963 26/06/1963 27/06/1963 28/06/1963
SAVAGET, Edna.....	30/06/1963
SCARLLATELLI, Raquel Braga	08/10/1976
SCHNAIDERNAN, Boris	mar. 1976
SZNEJDER, Victor	15/08/1976
SILVA, Aguinaldo.....	27/07/1975 17/08/1975 04/09/1975
SILVA, Dias da.....	28/03/1976
SILVEIRA, Ênio	04/08/1976

SILVEIRA, Silvia Marcondes.....	10/09/1975
SOARES, Flávio Macedo.....	04/09/1969
TEODORO, Aristides.....	02/11/1975
TIBIRIÇÁ, Everaldo.....	30/04/1976
TRAJANO, José.....	16-22/09/1976
VALE, Marco Antônio.	17/10/1975
VELHO, Laís Costa.	31/07/1975 mar/1976
VIEIRA, Cora Rónai.....	20/11/1975 18/01/1976
VIEIRA, Luiz Gonzaga.....	28/09/1974
ZAGURY, Eliane.....	07/02/76

10. BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:** apresentação de citações em documentos: procedimentos. Rio de Janeiro, 2000.

BARBOSA, J. A. Malagueta, Perus e Bacanaço. *Jornal do Comércio*. Recife, 17 nov. 1963.

BARBOSA, J. A. A paixão crítica. *Letras de Hoje. Anais do II Seminário Brasileiro e Crítica Literária & I Seminário de Crítica Literária do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, no. 57, 7 set. 1984. p.7-15

BARBOSA, J. A. A prosa de uma consciência. In: FERREIRA FILHO, J. A. *Dama do encantado*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

BELSEY, C. *A prática crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

BENNETT, Arnold. Meu arquivo particular. *Arquivo & Administração*. Rio de Janeiro, 1976. p. 8.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 36. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRASIL, A. João Antônio. In: _____. *História crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Americana; Brasília: INL, 1975.

CABELLO, A. R. G. *A gíria como linguagem literária em contos de João Antônio*. Assis: Universidade Estadual Paulista, 1984. 226p. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de ciências e letras “Júlio Mesquita Filho”.

CANDIDO, A. A nova narrativa. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. ed. 2. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, A. Na noite enxovalhada. *Remate de males n.19: João Antônio*, Campinas, 1999. p.83-8.

CANDIDO, A. Ele descreveu as franjas escuras da vida. *Folha de São Paulo*, São Paulo, s.d.. p. 3-6.

CARNEIRO, C. P. Meu perfil de João Antônio. *Remate de Males n.19: João Antônio*, Campinas, 1999.p. 11-23.

CARNEIRO, Caio Porfírio. Malhação do Judas Carioca. *Jornal de Santa Catarina*, Blumenau, 24 jul. 1976.

CARPEAUX, O.M. *Pequena bibliografia crítica da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: MEC, 1995.

CECCANTINI, J. L. C. T. Casado com a literatura. *Proleitura n.17*, Assis, dez. 1997, p. 8-9.

COELHO, N. N. “Malagueta, Perus e Bacanaço”. *Suplemento Literário*. Belo Horizonte, 5 out. 1968.

CORRÊA, Carlos Augusto. Antes de mais nada, um esclarecimento. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 19 mai. 1976.

COUTINHO, A. S. (org). Da crítica brasileira. In: __. *Caminhos do pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Americana, Prolivro, 1974. v. 1. p. 163-7.

DIAFÉRIA, L. Do Joãozinho ao João Antônio. *Remate de Males n.19: João Antônio*, Campinas, 1999. p. 57-63.

DIAS, A. Um painel da crítica literária brasileira hoje. *Tempo Brasileiro. Função da crítica*, Rio de Janeiro, n.60. jan./mar., 1980. p. 3-6.

D’ONOFRIO, S. *O texto literário: teoria e aplicação*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

EAGLETON, T. *A função da crítica..* Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FARIAS, M. João Antônio: o vigoroso reconhecimento do fato (que é humano). *Jornal de Brasília*, Brasília, 10 dez. 1976.

FERREIRA FILHO, J. A. *Abraçado ao meu rancor*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

FERREIRA FILHO, J. A. O buraco é mais embaixo. *Extra Realidade Brasileira - Malditos escritores*. São Paulo: Símbolo, 1977.

FERREIRA FILHO, J. A. *Dama do encantado*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

FERREIRA FILHO, J. A. *Lambões de caçarola*. ed. 4. Porto Alegre: L&PM, 1977.

FERREIRA FILHO, J. A. *Malhação do Judas Carioca*. ed. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

FERREIRA FILHO, J. A. *Casa de Loucos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

FERREIRA FILHO, J. A. *Malagueta, Perus e Bacanaço*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

FERREIRA FILHO, J. A. *Guardador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

FERREIRA FILHO, J. A. *Leão-de-chácara*. São Paulo: Círculo do livro, 1976.

FIGUEIREDO, F. *Aristharcos*. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1941.

FIM de partida. Morre João Antônio, craque do conto e da crônica. *Veja*, São Paulo, n. 1469, p. 138, nov. 1996.

HOHLFELDT, A. (org). *Os melhores contos de João Antônio*. São Paulo: Global 1986.

HOLLANDA, H. B., GONÇALVES, M.A. *Anos 70*. Rio de Janeiro: Europa, 1979. 2v.

JESUS, C. D. A. de. *A crítica de João Antônio na Tribuna da Imprensa*. Assis Universidade Estadual Paulista, 2001. 147 p. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de ciências e letras “Júlio Mesquita Filho”.

MOURA, F.M. Elementos de crítica literária. *D.O. Leitura*. São Paulo, 4, abr. 1986.

n. 47. p.8-9.

NORMAS para publicações da UNESP. *Preparação e revisão de texto*. São Paulo: UNESP, 3v. s.d.

PERRONE-MOISÉS, L. *Inútil poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PERRONE-MOISÉS, L. *Falência da crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

PERRONE-MOISÉS, L. História literária e julgamento de valor. *Colóquio / Letras*, Lisboa, n. 77, jan. 1984. p.5-18.

PRADO, A. A. Lima Barreto, personagem de João Antônio. *Remate de Males n.19: João Antônio*, Campinas, 1999, p. 147-67.

RIBEIRO, L. G. “O livro que deu um soco em nosso crítico”. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 23 ago. 1975.

RICCIARDI, G. *Escrever: origem, manutenção, ideologia*. Bari: Libreria Universitaria, 1988.

RICCIARDI, G. A literatura é um ato de humildade. *Proleitura n. 17*, Assis, dez. 1997. p. 1-3.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro. p. 90, 1996.

SANT'ANNA, A. R. Uma interpretação prática na questão da Crítica e da Teoria Literária. *Tempo Brasileiro. Função da Crítica*. Rio de Janeiro, n.60.,jan./mar., 1980. p. 68-78.

SANTOS, Z.D.M.M. *Preservação de documentos - métodos e práticas de salvaguarda*. Salvador: EDUFBA, 2000.

SILVA, Z. L. (org.). *Arquivos, patrimônio e memórias: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Unesp-Fapesp, 1999. 154 p.

SILVERIA, E. Casa de Loucos: momentos decisivos. *Suplemento literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, set. 1976.

SILVERMAN, M. *Moderna ficção brasileira 2: ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

SILVERMAN, M. A multiforme (não) ficção de João Antônio. In:__. *Moderna ficção Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL-MEC, 1982.

SPIELMANN, E. João Antônio em Berlim. *Remate de Males n. 19: João Antônio*, Campinas, 1999. p.71-9.

SUSSEKIND, F. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

SUSSEKIND, F. Rodapés, tratados e ensaios – a formação da crítica brasileira moderna. *Papéis colados*, Rio de Janeiro, s.n., 1993. p.13-33.

TADIÉ, Jean-Yves. *A crítica literária do século XX*. (trad.) Wilma Freitas e Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 1992.

VIANNA, A.; LISSOVSKY, M.; SÁ, P. S. A vontade de guardar: lógica de acumulação em arquivos privados. *Arquivo & Administração*. Rio de Janeiro. p.62, 1986.

ZAGURY, E. João Antônio: corpo a corpo com a vida. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7 fev. 1976.